

UNIVERSIDAD POLITÉCNICA SALESIANA  
SEDE QUITO

FACULTAD DE CIENCIAS HUMANAS Y DE LA  
EDUCACIÓN

CARRERA: ANTROPOLOGIA APLICADA

Tesis previa a La obtención Del Título de Licenciada em Antropologia  
Aplicada

**TEMA**

**O MITO DA CHUVA COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE NAS  
COMUNIDADES TAPERA / BOA ESPERANÇA**

Autora  
Adeodata Maria dos Anjos

Diretor: Luis Herrera Montero

Quito, Julio 2010

## DEDICATÓRIA

Para Maria do Carmo, minha companheira de 09 anos de curso, pelo tanto que sofremos e aprendemos juntas.

Em homenagem póstuma a Dona Joana, profetisa da chuva, pelo que aprendi de suas experiências e do seu exemplo de vida, como mulher, viúva, líder de comunidade e por ter partido dia 14 de outubro de 2009, antes da minha defesa de tese.

Em homenagem póstuma a Sergio Tonetto, companheiro do curso de antropologia, pelo muito que nos ensinou durante os presenciais e pelo seu testemunho de vida junto aos sem terra no Pará.

## DECLARAÇÃO

Eu, Adeodata Maria dos Anjos, residente na Rua Monsenhor Uchôa, 290, na cidade de Pedro II, estado do Piauí-Brasil, Declaro, para os devidos fins, que os conceitos desenvolvidos, análises realizados e as conclusões do presente trabalho, são de exclusiva responsabilidade minha.

Quito, Julio 2010

---

Adeodata Maria dos Anjos

A natureza é o livro sagrado de Deus e nossos saberes tradicionais é o que nós já estudamos desse livro e passamos de pai para filho, de geração para geração.

Cacique Tumbalalá

## ÍNDICE

CAPÍTULO I		
RESUMO .....	8	
ABSTRACT .....	9	
INTRODUÇÃO .....	10	
1. IDENTIDADE E RESISTENCIA AO FENOMENO DA SECA .....		14
1.1 O Semiárido Brasileiro .....	14	
1.2 O Bioma Caatinga .....	16	
1.3 ELEMENTOS DE IDENTIDADE E CULTURA NO SERTÃO .....		17
1.2.1 Povos Sertanejos .....	18	
1.2.2 A Religião .....	22	
1.2.3 A Arte .....	30	
1.2.4 A Música .....	32	
1.2. 5 A Festa .....	40	
1.4 O FENOMENO DA SECA .....	41	
1.5 REPERCUSSÕES SOCIAIS DA SECA NA REGIÃO DE PEDRO II (PI).....	44	
1.5.1 A fome .....	44	
1.5.2 Os retirantes .....	46	
1.5.3 As mortes .....	47	
1.5.4 A fé pelo avesso .....	48	
1.5.5 Em troca de pão, a terra .....	49	
CAPÍTULO II		
2. O MITO DA CHUVA E SUAS RELAÇÕES COM OS PROFETAS .....		52
2.1 Os Profetas da Chuva .....	52	
2.2 Tá Bonito pra chover .....	56	
2.3 O Mito .....	58	
2.4 O mito da chuva .....	59	
2.5 AS COMUNIDADES TAPERA/ BOA ESPERANÇA .....		63
2.5.1 Características Geográficas .....	63	
2.5.2 A Organização Social da comunidade .....	64	
2.5.3 A composição do tempo .....	65	
2.5.4 A interpretação do tempo pelos que vêm de fora .....	66	
2.5.5 Dados pessoais.....	67	
2.6 O MITO DA CHUVA NAS COMUNIDADES TAPERA/BOA ESPERANÇA .....		69
2.6.1 A sensibilidade de quem vive em relação com a natureza .....	72	
2.6.2 Antonio Paulino (Antonio Mestre) .....	72	
• A seca de 1932 .....	73	
• O trabalho.....	73	
• Nova Experiência.....	74	
• Os sinais da chuva.....	74	
• A história do Gambá.....	75	

2.6.3 Joana Alves de Sousa (Dona Joanhinha Clemente).....	76
• A família.....	77
• Herança das experiências.....	77
• O primeiro trovão.....	77
• A experiência das pedras de sal.....	78
• O casamento.....	78
• Marcada pela seca .....	79
• Os retirantes .....	80
2.6.4 Francisco Luciano de Melo (Luciano).....	80
• Lembranças da seca .....	80
• A experiência do Olho d'Água.....	81
• O canal do vento.....	81
2.6.5 Tomás Gonçalves de Amarante .....	81
• A vida .....	81
• Experiências da chuva .....	82
2.7 OS RITUAIS .....	83
• As caminhadas para pedir chuva .....	84
• O roubo dos santos .....	84
• As promessas .....	86
• O trovão e o relâmpago .....	86
• As cascas de feijão .....	87
2.7.1 A sensibilidade do corpo .....	87

## CAPÍTULO III

3.A JUVENTUDE E SUA RELAÇÃO COM O MITO DA CHUVA .....	89
3.1 Mitos modernos e a juventude de Tapera/Boa Esperança .....	90
3.2 As reações da juventude frente aos mitos modernos .....	95
3.3.1 Antonio Carlos Monteiro Barros (Carlinhos) .....	96
• A tecnologia .....	96
• A Cultura .....	97
• O Estudo .....	97
3.3.2 Luciana Vieira Lima .....	97
• A Tecnologia .....	98
• A Migração .....	98
3.4 Entre o ambiente cultural e o meio social moderno .....	99
3.5 A fragmentação dos rituais e a perda da identidade .....	100
3.6 A revitalização cultural do mito da chuva em Tapera/Boa Esperança .....	103
3.6.1 Partindo da profundidade da experiência .....	104
3.6.2 Prognóstico dos profetas da região para 2009 .....	106
3.6.3 Os profetas da chuva e a juventude .....	108
• Carlinhos .....	108

● Laísa .....	108
● Luciana .....	108
● Genivaldo .....	108
● Fanuel .....	109
3.7 Um conhecimento vivo .....	110
3.8 CONCLUSÃO .....	112
BIBLIOGRAFIA DA TESE .....	114

#### FIGURAS:

1 e 2 - Mapas do Semiárido Brasileiro .....	15
3 - Mapa do Estado do Ceará, divisa com o Piauí onde as comunidades Tapera/Boa Esperança estão situadas na área de litígio .....	22
4 - As secas são previsíveis .....	42
5 - Mapa do Estado do Piauí, situando Pedro II .....	44
6 - Chuva em Pedro II em 2008 .....	63
7- coordenadas da região de Tapera/Boa Esperança .....	63
8 - Foto de Antonio Mestre .....	72
9 - Foto de Dona Joana .....	76
10 - Foto de Francisco Luciano .....	80
11- Foto de Sr. Tomás .....	81
12 - Foto de Carlinhos .....	96
13 - Foto de Luciana .....	97
14 - Foto do encontro dos profetas da chuva da região de Tapera/Boa Esperança .....	106
15 -Foto de Genivaldo .....	108

#### ANEXOS

##### I. CARACTERÍSTICA DO SERTÃO DE PEDRO II

- Foto-1 Vista da Comunidade Tapera
- Foto-2 Paisagem da região (palmeira carnaúba)
- Foto-3 Encontro dos profetas da chuva em 2009

##### II. FOTOS DO II ENCONTRO DOS PROFETAS DA CHUVA EM PEDRO II

- Foto-1 Abertura do encontro
- Foto-2 Homenagem póstuma a D. Joana Alves
- Foto-3 Participação popular
- Foto-4 Meteorologista Mainar Medeiros e radialistas

##### III. NOTÍCIAS JORNAL MEIO NORTE

- Foto-1 D. Joana Alves e Adeodata
- Foto-2 Encontro dos Profetas e participação da população da região

##### IV. . [www.180graus.com](http://www.180graus.com)

- Fotos 1 e 2 Flor de jasmim e flor de cacto

##### V. Dados da chuva na Comunidade Boa Esperança em 2010. (Dados de José Auri)

##### VI. Dados da chuva na cidade de Pedro II- Região serrana nos anos de 1999 -2010 (Dados da ONG Centro de Formação Mandacaru)

## RESUMO

O povo do sertão é o retrato fiel do seu bioma. É pelo bioma que se aprende a viver com as novas condições de mudanças onde a marca principal é a resistência. Sua “hibernação” acontece no verão e o “desabrochar” no inverno. Para resistir ao fenômeno da seca encontra espaços na cosmologia. Cria a cosmografia através da descrição de tudo o que lhe cerca e dá sentido à vida fazendo destes elementos mitos, lendas e ritos enriquecendo-os de uma vasta simbologia, pois o ser humano foi e sempre será um ser sócio semiológico. Através do signo busca sentido para as diversas relações e situações que o cercam. De acordo com R Jakoson, o ser humano se identifica com o ambiente e com o seu meio social por estes darem sentido ao seu “eu” que se perdeu na totalidade da natureza cósmica.

A abrangência de sentidos dados aos elementos da natureza pelos habitantes do sertão é a resposta de que mesmo em meio a situações modernas tem uma cultura e um pensamento próprio e particular constituído pelo clima e pela vegetação, e a criação desses dois fenômenos fazem parte da constituição e da caracterização dessa gente, e os torna seres criadores de imagens e neste vai e vem dos pensamentos procuram na natureza as respostas para as suas perguntas. É assim que os profetas da chuva fazem prognóstico do inverno de cada ano nesta região, de janeiro a maio, através de códigos, símbolos que vão sendo inter-relacionados com mitos e intercalados com rituais. O segredo de tudo isso são as ruminâncias que dão sentido às respostas decifradas através de sinais. *“Quando eu era pequeno passava a noite todinha olhando o relâmpago”* (Chico Leiteiro de Quixadá-CE). Os sinais utilizados são os elementos que respondem às necessidades que são ignoradas por quem não tem vínculo com o sertão.

Mesmo em meio às mitologias modernas que fascinam e englobam uma boa parte da juventude, as culturas tradicionais tentam encontrar formas de resistir. Sua influência permeia ainda com bastante vigor no meio das comunidades tradicionais sertanejas que continuam fieis às suas previsões de inverno por meio da barra de Natal (solstício de inverno) o caminho de São Tiago (via-lactea), Cruzeiro do Sul, dentre outros sinais cosmológicos, que são decifrados pela sensibilidade que estas comunidades encontram na relação com a biosfera e com os astros.



## ABSTRACT

The people from the hinterland is the true picture of their biome. It is with the biome they learn to live with the new conditions of change where the main feature is the resistance. Their "hibernation" occurs in the summer and "blooming" in the winter. To resist the phenomenon of drought the human being finds spaces in the cosmology. He creates the cosmography by describing everything about him and gives meaning to life making these elements from the myths, legends and rites enriching them a vast symbolism, because the human being always will always be a social semiotic. Through sign search direction for the various relationships and situations that surround them. According to R Jakobson, the man identifies himself with the environment and the social environment for these give meaning to "Himself" that was lost in the whole of cosmic nature.

The range of meanings given to the elements by the inhabitants of the countryside is the answer that even in the midst of modern situations has a culture and thought itself and constituted by particular climate and vegetation, and the creation of these two phenomenon are part of the constitution and characterization of these people, and makes creative beings and in this picture comes and goes in the nature of thoughts seeking the answers to your questions. This is how the prophets of rain are forecast winter of each year in this region, January-May, through codes, symbols that are being inter-related with myths and interspersed with rituals. The secret of all this are the "Retornos" that give meaning to the answers deciphered through signs. *"When I was a little woman I spent all the night watching the lightning"* (Chico Leiteiro from Quixadá-CE). The signals used are the elements that respond the needs that are ignored by those who have no link with the hinterland.

Even before the modern mythology that fascinate and involve a lot of the youth, traditional cultures try to find ways to resist. His influence still pervades with enough force amid the traditional hinterland communities that remain faithful to its forecast of winter through the bar Christmas (winter solstice) the path of St. James (milk-way), Southern Cross, among other signs cosmological, which are deciphered by the sensitivity that these communities are in relationship with the biosphere and the stars.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce da convivência junto às comunidades tradicionais sertanejas que para viverem no bioma caatinga encontram as mais variadas formas de resistência nos mitos e nos segredos naturais como elementos que as identificam, mas também ajudam a suportar todas as afrontas que, de um lado são causadas pelas características próprias do sertão, o que não impossibilitaria vida digna neste clima, mas do outro lado são marcas da falta de humanidade por parte dos “colonizadores” e demais pessoas que iam se destacando socialmente e por isso, lhes tangiam como animais, gado de curral, como canta Zé Ramalho em uma de suas canções: “*Ê ê ê vida de gado, povo, marcado, povo feliz*”... a fim de que sua força de trabalho e mais tarde o voto de “cabresto” os sustentassem no poder oligárquico e de apadrinhamento.

Apresenta as características dos povos originários: Tapuios e Kariris. De acordo com relatos de missionários capuchinhos: Martinho e Bernardo de Nantes respectivamente em 1707-1709 esse povo predominava desde o Ceará a Paraíba e até a porção setentrional do côncavo baiano. Não é sem fundamentos que Luis Gonzaga chama o sertão de Kariri quando canta a agonia dos retirantes que deixavam o seu kariri (sertão) e iam para as cidades nos famosos pau-de-arara que serviam como meio de transporte nas décadas de 50 a 60 no século passado.

A história dos povos originários do sertão é precária devido à falta de etnografia sobre estes povos. Mesmo assim é possível a identificação desses dois grupos que mais se diferenciaram diante de diversos pequenos grupos: os tupi dos tabajaras, os Karatiús, Reriu e Anaci nas vertentes da Ibiapaba, no estado do Ceará e muitos outros povos adaptativos relacionados à caatinga e historicamente associados às fontes pastoris e ao padrão dos séculos VII e VIII. Mesmo antes da colonização atesta Nóbrega, em sua chegada em 1549, que havia constantes guerras entre os povos originários especialmente os do litoral contra os sertanejos, considerados por aqueles como gentios.

É com base nesses princípios que se pode afirmar que a marca da resistência permanece como uma das principais características que compõem os povos do sertão. Além

da persistência dos povos indígenas sabe-se que os povos descendentes da África que, apesar de terem chegado nas costas brasileira e ali permanecido sob comando dos grandes senhores de engenho, e mesmo em franca revolta terem se aglutinado nos quilombos, mas alguns como Domingos Sertão, serravam a vida aventureira, atraídos pelos lucros das fazendas de criação abertas naqueles grandes latifundiários. (CUNHA p.95). É daí que se pode falar da gênese do mulato sertanejo.

Por mais dominante que tenha sido a colonização, marcada tanto pelos portugueses como pelos holandeses, seguida da crueldade dos bandeirantes os povos do sertão nunca perderam o seu espírito de guerreiro.

Como se não bastasse toda a história perversa da colonização, o outro traço que pode ser tomado como característica é o bioma caatinga. É a partir desse fenômeno que se descobre o cerne deste trabalho de tese pois a principal causa do surgimento do mito da chuva como elemento que identifica esse povo foi a marca do sol escaldante dos meses de junho a dezembro, além de anos seguidos de secas. Apesar de a seca ser um fenômeno natural passa a ser tratado como catástrofe no decorrer da colonização e da posse da terra pelos colonizadores. Lamentavelmente a seca é um fenômeno recorrente e impossível de evitar. Sabe-se que a zona Semiárida do nordeste brasileiro sempre sofrerá os seus efeitos, mas já está comprovada a possibilidade de se adotar ações para melhorar a convivência humana com a seca, mas isso não se dava a ser conhecido em períodos de estiagem em anos atrás e por isso vão surgindo variedades de formas de criatividade, descobertas, jeitos e artimanhas na semiótica e na prática para descobrir maneiras de superar ou suportar as variadas sequelas deixadas por um período de seca. Um aspecto forte dessas formas é a religião que apesar de ter em suas expressões a predominância do catolicismo romano existe um misticismo, resumo do caráter físico das quais surgem os sertanejos. Euclides da Cunha considera que essas tendências fazem parte do índice da vida dos três povos que em meio a diversas ficções descrevem oralmente lendas, benzedores para curar os animais, curar pessoas e expulsar as pragas das lavouras. Descubrem no meio de tudo isso, diversas divindades que são responsáveis pela chuva no sertão e para resolver todos os tipos de problemas: doenças, desemprego, perdas, casamentos etc. Os beatos e penitentes que saíam estrada afora formando núcleos e povoamentos, como é o caso de Antonio Conselheiro em Canudos – Bahia,

Ibiapina, andarilho do sertão, Padre Cícero, em Juazeiro – Ceará e José Lourenço em Caldeirão (-CE), fazem parte da memória viva no meio popular ainda hoje.

É com base em todas essas características que vai surgindo uma riqueza de lendas, mitos e rituais de tradição compostos de uma variedade de códigos e signos que foram formando valores e contra-valores em nossa concepção de ser. Desde criança, muito pequenina, vivenciei entre os meus familiares e vizinhos o drama da seca. Minha mãe fazia promessa para jejuar durante a quaresma, nas quartas e sextas-feiras, se o inverno estivesse bom. Era um ritual de penitência e sacrifício para que Deus tivesse compaixão dela, de sua família e de seus vizinhos. Ela passava fome para combater a fome. Ouvia também meu pai entoando os cantos de pedir chuva, oriundos dos seus antepassados. Tinha um que a letra dizia: *“Meu Pai, Meu Senhor, de nós tenha dó! O verão está grande, está tudo em pó. Está tudo em pó, por nossos pecados, por eles serem grandes seremos castigados. Seremos castigados de sede e de fome. Na casa dos pobres nelas não se come!”*.

Era conflitante absorver o medo que as pessoas pareciam sentir ao ter que enfrentar mais um ano de seca. Mas era igualmente envolvente acompanhá-las nas previsões do tempo, nas observações dos sinais para saber se o inverno seria bom ou não. Diante disso, toda a vida das pessoas (por suas crenças) e dos demais seres vivos (por instinto), em geral, se voltava para a natureza. Observava-se tudo: o vento, as nuvens, a lua, as estrelas, o canto dos pássaros, as florestas, as formigas, as abelhas, o relâmpago, o trovão; numa intensidade de escuta, de relação profunda com o ambiente. Era bonito! Nessa miríade de fenômenos naturais, um, em especial, a chuva, para aquela comunidade era um mito, vinha do céu, dada por Deus. Somente Ele sabia o tempo de começar e o tempo de pará-la. Por isso a chuva só podia ser uma benção, era sagrada, ninguém podia dizer uma palavra contra a chuva por medo ou por respeito aos castigos divinos.

Diante disso a isotopia, ou eixo de sentido, deste trabalho está expressa na relação de sábios e sábias, profetas - poetas que diante das incertezas da vida e do descaso político buscaram respostas nos mistérios naturais, pois segundo Martin Claret, os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério e dessa forma os profetas da chuva desenvolveram uma mitologia que justifica hoje sua bravura de conviver com a seca no sertão do nordeste brasileiro.

A leitura dos sinais do céu e da terra é algo fascinante na história de resistência, na formação da identidade dos sertanejos das comunidades Tapera/Boa Esperança. Por isso, apesar do mundo moderno e do envolvimento da juventude com a *mass mídia* e com o mundo globalizado, os profetas da chuva, através de seus mitos estão conseguindo a atenção dos seus descendentes que também já estão se preocupando com a perda dos valores de suas comunidades remanescentes.

O mito da chuva como elemento de identidade nas comunidades Tapera/Boa Esperança suscita como elemento fundante a bravura do homem e da mulher sertaneja que foram e sempre serão, por suas próprias características, ruminadores, pois só eles conhecem as razões das origens de seus saberes e de seus pensamentos míticos, razão maior de sua subsistência e da resistência ao fenômeno da seca e às explorações sociais.

## CAPÍTULO I

### I . IDENTIDADE E RESISTÊNCIA AO FENÔMENO DA SECA

#### 1.1 O Semiárido Brasileiro

Antes de tratar da temática central, o mito da chuva, é necessário trazer presente as principais características do sertão. Não seria possível entender o mito da chuva sem que antes seja lançado um olhar para as condições do chão onde vivem os povos sertanejos, para que seja criado um imaginário das condições antropológicas que serão descritas no desenvolvimento deste trabalho.

O Semiárido Brasileiro abrange a maior parte dos nove estados da Região Nordeste, (Ceará, Piauí, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e Bahia) uma área de 86,48%. Nesta área de 900 mil quilômetros quadrados caberiam os países Alemanha e França. Neste imenso chão vivem 22 milhões de pessoas, o que equivale a 12% da população brasileira, duas vezes mais habitantes do que a população de Portugal. O semiárido é uma região que apresenta basicamente duas estações no ano: uma de chuva e a outra seca.<sup>1</sup>

Essa região é uma das mais úmidas do mundo. A precipitação pluviométrica é de 750 milímetros em média. (No Piauí a região semiárida tem cotas pluviométricas variando entre 350,0 e 780,0 mm) Em condições normais chove mais de 1.000 milímetros por ano. Isso é muita água em qualquer parte do mundo. Um índice privilegiado em comparação com outras áreas semiáridas do Globo. De acordo com Ivo Poletto,<sup>2</sup> o problema do Semiárido brasileiro é que o cristalino está à flor da terra praticamente, pois os solos são formados por rochas muito duras. É o chamado baseamento cristalino. A retenção de água subterrânea é muito difícil. Normalmente, se tem pouquíssima água retida porque o escoamento é muito forte. A água cai e corre. Se furar um pouco, encontra-se a rocha cristalina, rocha matriz.

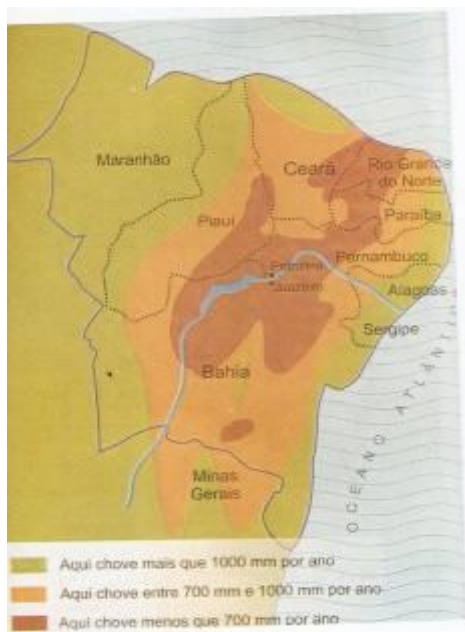
---

<sup>1</sup> ( parte do Semiárido onde a precipitação anual é menos que 700mm/aa e a evaporação chega a cerca de 3.000mm/aa (ANJOS, 2007, P. 10).

<sup>2</sup> Ivo Polleto, filósofo e teólogo e assessor das Caritas Brasileira. Referência da Cartilha A Busca de Água no Sertão, Convivendo com o Semi-Árido, 4ª Edição, ampliada e revisada, 2001

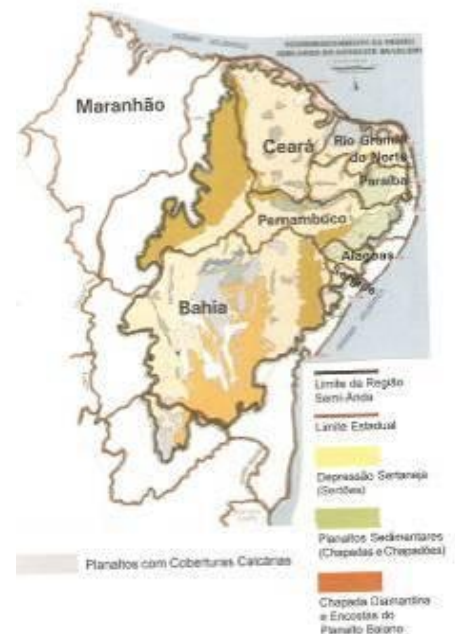
Outro fenômeno é a evaporação. No semiárido a evaporação chega a 3.000 mm por ano com uma temperatura de 30 – 40°C segundo dados da EMBRAPA<sup>3</sup>. Para Polleto, é necessário entendermos duas coisas: primeiro, que a região, no seu conjunto, se caracteriza por ter solos rasos, com baixa capacidade de retenção das chuvas, o que a torna frágil em relação às ocorrências de estiagens; segundo, que, por ser tão extenso geograficamente, esse Semiárido é diversificado. Parte dele já é árida, desertificada. Algumas outras áreas já estão em processo intenso de degradação, constituindo o polígono da seca, em que a população sofre muito mais quando as chuvas se tornam mais raras.(Polleto,2001,p.12).

Já Roberto Malvezzi envereda por outros ângulos que têm uma conexão mais próxima à antropologia. Para ele, o Semiárido brasileiro não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social, de modo que não se pode compreendê-lo de um ângulo só. É preferível a expressão “sertão” que traz consigo uma identidade cultural para além do clima e do bioma. Só será possível compreendermos o sertão se compreendermos que, o sertanejo é antes de tudo um forte (CUNHA, 2000, 21 edição, p.112) por se tratar de um povo que, apesar de sofrido e explorado da colonização até os nossos dias, ainda consegue festejar a vida.



**Figura 1**

Fonte: Cartilha, A Busca de Água no Sertão, Convivendo com o Semi-Árido. 4ª Edição. ampliada e revisada. 2001



**Figura 2**

Fonte: Gerenciamento dos Recursos hídricos, Aliança com a Mãe natureza. 2007. p.40

<sup>3</sup>

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

## **1.2 O Bioma Caatinga**

O Bioma Caatinga, na palavra de especialistas, é um conjunto de vida (vegetal e animal) constituído pelo agrupamento de tipos de vegetações contíguos e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história compartilhada de mudanças, o que resulta em uma diversidade biológica própria.

Para Haroldo Schistek, o bioma caatinga compõe uma das principais características do sertão nordestino. Há milhões de anos, toda essa região era fundo de mar. Depois, as placas tectônicas se elevaram e a região se integrou à terra firme (Schistek, 2001,p.44). Como prova disso temos uma das mais belas paisagens do surgimento do sertão brasileiro e de seu bioma, a caatinga, que estão preservadas no Sítio Arqueológico da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, no estado do Piauí, em centenas de painéis rupestres escritos nas rochas como sinais de ocupação humana muito antiga.

A caatinga é um dos mais recentes biomas brasileiros, com boa capacidade de regeneração perfeitamente adaptada ao clima e aos solos locais. É um erro considerá-la como um bioma pobre em biodiversidade vegetal e animal, uma espécie de deserto. Ela praticamente se confunde com toda a extensão do semiárido incluindo o conjunto de vidas – vegetal, animal e humana – que habitam esse território. (MALVEZZI, 2007,p. 57).

Uma das características mais marcantes do bioma caatinga é a sua popularidade. Grande parte da população da caatinga ainda mora no meio rural. Não são claras as razões que explicam a permanência de tanta gente no campo, sobretudo numa região que muitos consideram inviável. Uma hipótese levantada por alguns pensadores do sertão nordestino é a de que a terra ainda não foi confiscada pelo latifúndio, que não se interessou muito por ela achando que não é produtiva. Mas tem gente que pensa diferente. O povo fica porque construiu uma relação profunda com o meio. O povo da caatinga aprendeu a viver em seu ambiente e sente-se parte dele. O povo do sertão é o retrato fiel do seu bioma. É pelo bioma que se aprende a viver com as novas condições e para isso, se busca inspiração na mitologia. É daí que surge o mito da chuva como um forte elemento de resistência que identifica essa gente. A criação de pequenos animais, a água colhida em reservatórios e outras soluções possibilitam que o povo nasça, cresça e se reproduza, embora migre intensamente para ir e para voltar sem perder suas tradições e suas crenças .



A vegetação da caatinga é rica na diversidade, apesar de sua característica de plantas rasteiras, espinhentas, aparentemente sem vida no período de verão; aparentando espécies reduzidas dos desertos com poucos gêneros de árvores tendo todas as mesmas conformações, as mesmas aparências de vegetais morrendo. Mas a vegetação não é tão uniforme como se costuma pensar. Tem pelo menos três níveis. O primeiro é arbóreo, com uma altura variada de oito a onze metros, árvore de ótimo porte; o segundo é arbustivo, com uma altura de dois a cinco metros; o terceiro é herbáceo com menos de dois metros de altura. É uma vegetação que se adaptou ao clima. No tempo da seca, perde as folhas, mas não morre, adormece, no processo denominado hibernação. Várias plantas armazenam água nas raízes, como um reservatório preparando-se para o tempo da seca. Suas batatas que captam a água simbolicamente são comparadas com as formas de reservatórios que o sertanejo utiliza para armazenar água como viabilidade para conviver com o sertão. O umbuzeiro, por exemplo, foi chamado por Euclides da Cunha de “árvore sagrada do sertão.” (A busca da Água no Sertão, 2001, p. 30)

Malvezzi apresenta a biodiversidade da caatinga composta de, no mínimo, 1.200 espécies de plantas vasculares, 185 espécie de peixes, 44 de lagartos, 47 espécie de cobras, 4 de tartarugas, 3 de crocodilos, 49 de anfíbios, 350 de pássaros e 80 espécie de mamíferos.

O bioma caatinga foi reconhecido como reserva da biosfera em 2001 pela UNESCO e abriga sete parques nacionais, uma reserva biológica, quatro estações ecológicas, três florestas nacionais, cinco áreas de proteção ambiental, três parques estaduais, um parque botânico, um parque ecológico estadual e doze terras indígenas. A reserva biológica tem 190.000 km<sup>2</sup> e se estende pelos nove estados do Nordeste, além do norte do Estado de Minas. O objetivo principal da criação dessas áreas é proteger a biodiversidade, combater a desertificação, promover atividades sustentáveis e realizar estudos sobre o bioma (MALVEZZI, 2007, p.58).

### **1.3 ELEMENTOS DE IDENTIDADE E CULTURA NO SERTÃO**

Olhemos agora para os povos sertanejos, sua cultura, suas credences, seu jeito de viver, sua religiosidade e sua luta em busca da sobrevivência. Os elementos que identificam os povos sertanejos foram sendo formados a partir dessa realidade e é daí que nasce o mito da chuva como confirmação de sua resistência.

### **1.2.1 Povos Sertanejos**

Antes da colonização os povos originários mais predominantes eram os tapuios e os Kariris. Os primeiros eram considerados, desde seus primórdios, como povos de caatinga ou inimigos contrários devido a sua diversidade de línguas e de origens que lhes restituíam a capacidade de desestimular os espíritos abnegados dos missionários que segundo revelação do missionário Cardim (1958:127), afirmavam que com os tapuios, povos originários e predominantes no sertão, não se podia fazer conversão por serem andejes e terem muitas línguas diferentes e difíceis. Nimuendaju (1981), com base em fontes diversas e de confiabilidade, chega a relacionar oitenta diferentes etnônimos na área do sertão nordestino em faixa de transição para a zona da mata, à leste no agreste e para os serrados no oeste, no vale do sub-médio São Francisco e em menor escala nos topos mais úmidos de algumas serras como as que circundam o atual estado do Ceará.

Para superar os desafios os povos sertanejos têm criado e recriado formas de sobreviver nesta terra. Antes dos colonizadores já eram guerreiros e temidos por inimigos de outras regiões. Mas tudo se agravou desde o século XVI até onde pode se constatar que as maiores revoltas dos povos indígenas se deram no período da restauração portuguesa pela ocupação do sertão e na frente de colonização pastoril, predominantemente após a retirada dos holandeses (NIEUHOF 1649:p.341) que chegaram no Estado da Bahia e Pernambuco no século XVII (História dos Índios no Brasil. 438).

Os povos indígenas que habitavam o sertão não tiveram reações aos holandeses, visto que os mesmos não interferiam na sua liberdade de religião, pois no auge do domínio holandês os inimigos mais temíveis eram os indígenas que enfrentavam os portugueses em favor dos holandeses. Isso acontecia devido ao respeito às suas manifestações religiosas e à tolerância dos governos holandeses em algumas capitânicas do Nordeste para com os povos indígenas. A presença desse povo acentuará a percepção de grande heterogeneidade dos grupos indígenas localizados no sertão, período esse em que os franciscanos deixaram de missionar devido à invasão holandesa que até 1654 paralisaria o apostolado desse grupo de religiosos, (CARREIRO da Cunha p.440.).

Em 1770 os portugueses retomam seu domínio e a partir de então os povos tapuios<sup>4</sup> ou confederação dos Kariris<sup>5</sup> iniciam fortes reações contra o movimento expansionista dos portugueses sobre as terras indígenas, após a vitória sobre os holandeses, que só se encerraria em meados do século XVIII.

O povoamento na região torna-se mais intenso devido a uma ordem régia de 29/4/1654 em que D. João IV concedia sesmarias<sup>6</sup> aos soldados oficiais que haviam lutado na Guerra de Restauração<sup>7</sup>. Com essa ordem, cresce o número de povos lutando em favor de suas terras como os Kratiú e Ikó, Xukuru, Pega, Panati, Kerema, e Ikozinhos, habitantes do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Piauí.

Para combater o poder de enfrentamento indígena foi necessário apelar para instâncias maiores e foi aí que apareceram os bandeirantes. A luta só consegue enfraquecer quando, em 1692, a ocorrência de **uma grande seca** debilitaria os índios revoltosos, o que daria ensejo à assinatura de um Tratado de Paz entre o rei de Portugal, D. João IV e o chefe dos Junduí. Por esse tratado, esses índios, estimados em 12 e 13 mil, prometiam 5 mil guerreiros para lutar do lado português contra invasores estrangeiros ou tribos hostis, e em troca garantiam uma área de 10.000 léguas quadradas em torno de suas aldeias e assim se tornariam livres, não obstante deverem fornecer uma quota de trabalhadores para as fazendas de gado (MEDEIRO FILHO, 1984: 22, in História dos Índios no Brasil: 442).

Tanto os povos indígenas originários como os povos africanos colonizados são marcas vivas das formas de resistência do homem e da mulher do sertão nordestino. Não poderia deixar de citar aqui a resistência de grupos descendentes de africanos. No período de escravidão no Brasil (séculos XVII e XVIII), os negros que conseguiam fugir se refugiavam com outros em igual situação em locais bem escondidos e fortificados no meio das matas. Estes locais

---

<sup>4</sup> Designação antigamente dada pelos tupis aos gentios inimigos; nome dado em geral ao índio bravo

<sup>5</sup> A palavra Kariri s-u-marã 'inimigo (dele)', que é aparentemente idêntica ao Tupi Antigo sumarã 'inimigo' (Barbosa 1956:114).

<sup>6</sup> No Brasil de 1536 foram instituídas as capitanias hereditárias, 14 distritos, divididos em 15 lotes e repartidos entre 12 donatários representantes da corte de Portugal. Os donatários não foram isentados de pagar imposto à monarquia. A partir da instituição das capitanias foi inserido o sistema de sesmarias – pedaço de terra devolvido ou abandonado. Prática comum durante o Brasil colônia cultivados pelos colonos, objetivando o progresso da agricultura. [http:// www.infoescola.com/história/sesmaria](http://www.infoescola.com/história/sesmaria).

<sup>7</sup> A denominada Guerra dos Bárbaros, Levante geral dos Tapuios ou Kariris a iniciar-se-á em 1687, como reação ao movimento expansionista dos portugueses sobre as terras indígenas, após a vitória sobre os holandeses (Stuart Filho, 1966:62, in História dos Índios no Brasil).

eram conhecidos como quilombos. Na ocasião em que Pernambuco foi invadida pelos holandeses (1630) muitos dos senhores de engenho acabaram por abandonar suas terras. Esse fato beneficiou a fuga de um grande número de escravos. Esses, após fugirem, buscaram abrigo no Quilombo dos Palmares, localizado em Alagoas. Esse fato propiciou o crescimento do Quilombo dos Palmares. No ano de 1670, esse já abrigava em torno de 50 mil escravos que foram combatidos tanto pelos holandeses (primeiros a combatê-los) quanto pelo governo de Pernambuco, sendo que o último contou com os serviços do bandeirante Domingos Jorge Velho.

Nas comunidades quilombolas os escravos refugiados viviam de acordo com sua cultura africana, plantando e produzindo. Na época colonial, o Brasil chegou a ter centenas dessas comunidades.

Os quilombos representaram uma das formas de resistência e combate à escravidão. Rejeitando a cruel forma de vida, os negros buscavam a liberdade e uma vida com dignidade, resgatando a cultura e a forma de viver que deixaram na África.

Não conseguindo vencer os povos, os colonizadores apelam para o seu extermínio, deixando, assim, um sertão no qual esses povos, para sobreviver, se tornaram vaqueiros de seus senhores tendo de abraçar essa causa para o resto da vida se não quisessem desaparecer por completo. É dessa forma que predomina a cultura do vaqueiro sertanejo.

Desenvolveu-se, então, uma economia pastoril fornecedora de couro e de carne para a produção açucareira. O gado trazido pelos portugueses das ilhas de Cabo Verde somaria cerca de 700 mil cabeças que dobraria no século seguinte (RIBEIRO Darci, 1995: p.341).

O gado, já aclimatado, procurava as aguadas<sup>8</sup> e seus alimentos, enquanto isso, os vaqueiros, como servos, iriam andando atrás apenas para ver onde o gado pastava e, assim, se apossavam das terras que o próprio gado demarcava.

No século XVI, os criadores pernambucanos e baianos se encontravam já nos sertões do rio São Francisco, prosseguindo ao longo dele, rumo ao sul e para além, rumo às terras do Piauí e

---

<sup>8</sup> Reservatórios de água, barragens, açudes ou rios, no Nordeste, geralmente cercados pelos fazendeiros para prevenir o tempo de estiagem.

do Maranhão. A expansão desse pastoreio se fazia pela multiplicação e dispersão dos currais, dependendo da posse do rebanho e do domínio das terras de criação.

Tudo isso conformou um tipo particular de população com uma subcultura própria: a sertaneja, marcada por sua especialização ao pastoreio, por sua dispersão espacial no cuidado do rebanho e pela fuga da seca e da fome.

É fundamentado em situações como essa que Euclides da Cunha em sua grande obra, *Os Sertões*, faz uma extensa e significativa análise das características dos povos sertanejos. Para ele “o sertanejo é antes de tudo um forte” frase que identifica a bravura desse povo por habitar uma terra árida, vivendo uma vida que desafia a própria vida, mas sobretudo por ter resistido a tanta perseguição e extermínio. Euclides da Cunha traça um perfil claro e conciso do povo sertanejo. Para ele o sertanejo não tem característica de um atleta. É desgracioso, desengonçado e torto. Anda sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Quando está de pé se encosta ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, quando freia o animal para conversar com um conhecido, cai logo sobre a sela em uma posição de descanso. Na roda, quando está conversando, fica logo acororado numa posição de equilíbrio sobre os pés. Reflete a preguiça em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado. Entretanto, toda essa aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendente do que vê-lo desaparecer de improviso, basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. No dizer de Euclides da Cunha, o homem transfigura-se, empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas nas estruturas e no gesto; e a cabeça firma-se, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; corrigindo-se numa descarga nervosa instantânea todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos, responde inesperadamente uma energia adormecida de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinária. Essa situação é retomada a todo o momento na vida sertaneja.

Nestes dizeres de Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, os povos sertanejo são surpreendentes em sua aparência de fealdade e apatia, mas se transformam na hora de agir como bravos, fortes e resistentes. É assim com os vaqueiros, com os beatos, com os agricultores e com as mães que sempre têm encontrado formas de escapar dos sofrimentos.

Esse povo também é marcado por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização da família, na construção do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na arte, na música, na visão de mundo e aí podemos entender uma visão de sagrado que, mesmo com a catequese missionária, as marcas dos bandeirantes<sup>9</sup>, a opressão dos jagunços,<sup>10</sup> foi retomada como jeito de resistência a todos os empecilhos de suas vidas, devido à riqueza da mitologia e da simbologia das diversas etnias que foram predominando nesta região ao longo de toda a trajetória desse povo. E assim vão sendo constituídos os elementos mais marcantes de sua identidade.

### 1.2.2 A religião

Apesar do sincretismo, o cristianismo é uma força presente na vida dos povos do sertão. Todas as formas de propostas de insurgências, de revoluções culturais passam pela dimensão religiosa do povo local. O “mapa da fé” (MALVEZZI, 2007, p.21) chama a atenção para o fato de que o sertão é uma das regiões onde o catolicismo é mais evidente, mesmo em uma época em que se expandem as demais igrejas, principalmente as pentecostais. Podem-se buscar múltiplas respostas, mas não há como ser explicado.



Mapa do estado do Ceará

Dentre as respostas mais prováveis ressalta-se a de que aqui é menor a influência dos meios de comunicação, as classes sociais são mais enraizadas do que nas favelas onde aglomeram povos de diversas regiões do país. Além disso, não se pode negar que o semiárido tem um catolicismo popular historicamente arraigado, construído pela influência de homens como Ibiapina, Padre Cícero e Antonio Conselheiro, ambos nascidos no estado do Ceará e outros beatos como José Lourenço.

Cada um destes missionários populares tinha os

<sup>9</sup> Os bandeirantes eram homens paulistas que buscavam indígenas para escravizar e procurar por pedras e metais preciosos.

<sup>10</sup> jagunço ou capanga é o nome que se dá no Nordeste do Brasil, ao indivíduo que, usando de armas, prestava-se ao trabalho paramilitar de proteção e segurança a líderes políticos. <http://www.wikipedio.org/wiki/jagun%c3%A7o>.

seus beatos que circulavam pelo sertão anunciando um catolicismo com raízes culturais locais, cuidando dos cemitérios, das aguadas, da construção de igrejas, dos órfãos, dos flagelados, das viúvas vitimadas pelas secas. Dessa forma, deixam uma marca profunda na religiosidade popular dos povos do sertão presenciada até os nossos dias.

Hoje se pode afirmar categoricamente que duas linhas básicas da evangelização não antagônicas e com elementos em comum permearam a região. A primeira foi a dos missionários tradicionais, normalmente de congregações vindas de fora, como capuchinhos e franciscanos. Essa evangelização foi bastante concentradora deixando no imaginário popular uma cultura de retribuição visível nas práticas populares. De acordo com Roberto Malvezzi os franciscanos e capuchinhos, circulando pelo sertão, juntamente com os vigários fixos difundiram uma cultura religiosa bastante ameaçadora. No imaginário popular ficou a imagem de que a chuva é um dom de Deus. A eles e aos santos é que se pede chuva (...). Normalmente, esse “chover ou não chover era relacionado aos pecados do povo”. (Malvezzi 2007 p. 22).

Esse mito de que a chuva vem dos céus, dada por Deus, levou o povo à seleção de divindades, de santos que por sua intercessão a Deus, são os que “mandam a chuva” e com essa vem a fertilidade e a abundância, a vida para todos os viventes que vibram com sua chegada. As interrogações a respeito dessa religiosidade são devido ao aproveitamento dos políticos e de alas da Igreja que mais tarde usufruíram da mitologia para tirarem proveito próprio dessa situação, mas também são levantadas hipóteses de que as pessoas ficaram presas a espera da resolução das divindades. E ainda: as divindades são intermediárias entre Deus e o povo, assim como existem pessoas, cabos eleitorais que servem de intermediários entre o povo e os políticos em troca do voto .E isso não se deve duvidar. Basta participarmos da festa de um padroeiro ou padroeira para comprovar essa realidade. As pessoas participam com muita fé, mas é uma fé de negócio, de retribuição: a divindade cuida de sua vida, da vida de sua família e dos seus pertences e em troca as pessoas oferecem algo ou fazem uma penitência como recompensa da graça recebida.

A outra Linhagem religiosa começou com missionários, entre esses alguns eram cearenses. Esses fazem parte da linha histórica dos beatos, conhecidos também como peregrinos, “servos sofredores”. Ibiapina apesar de ser o menos conhecido entre Antonio Vicente Marciel e Cícero Romão Batista, é o iniciador do processo histórico de evangelização dos peregrinos no semiárido. Havia sido deputado, delegado e juiz de direito. Abandonou a carreira pública com 50

anos de idade e se tornou missionário. Em 1850, Ibiapina deixa a advocacia, vende os seus livros, distribui os seus bens aos pobres e permanece trancado durante três anos numa casa modesta no Recife-PE, lendo, meditando, estudando. A sua fama de estudioso e fervoroso católico impressiona ao bispo que manda lhe perguntar, por um dos seus amigos, se não gostaria de ser padre. Ele responde que sim e é quase imediatamente ordenado. Logo em seguida o bispo entregou-lhe o cargo de vigário geral e professor de eloquência sagrada no seminário. Porém Ibiapina não aguenta essas funções, nem se deixa seduzir pela quase certeza de ser bispo para a primeira diocese vacante e em 1855 deixa Recife para buscar sua vocação no sertão (COMBLIN José, Instruções Espirituais do Padre Ibiapina, 1984, p.11):

Ibiapina criou um projeto próprio: andava pelo sertão em lombo de burro, parava em determinado lugar por vários meses até estruturar ali as condições mínimas de vida da população. Motivava o povo pobre a fazer construções e depois seguia em frente. São famosas as suas casas de caridade, onde acolhia órfãos da população sertaneja, principalmente de famílias dizimadas pelo cólera<sup>11</sup> ou outras doenças causadas pela fome, pelas secas e pelo descaso político. Cada casa de caridade tinha, por exemplo, uma cisterna no pátio. Assim, Ibiapina, que perambulou durante 20 anos, foi o pioneiro na captação de água de chuva, além de construir açudes, igrejas e cemitérios.

Foi então que sucedeu a maior tragédia do século XIX no Nordeste: a grande seca de 1877-1878, choveu uma vez em maio e algumas fracas chuvas caíram nos meses seguintes até agosto. Mas nada se plantou, nada se colheu e as poucas chuvas nada, ou quase nada de água trouxeram aos açudes. No meio do ano faltou água para beber em muitas regiões extensas do sertão e até nos brejos<sup>12</sup>, geralmente mais favorecidos. Os flagelados dos sertões enchiam os engenhos e as vilas. Inúmeras famílias famintas e sedentas foram bater nas casas de caridade, pedindo água e comida e muitas vezes deixando aí os seus doentes. A obra de Ibiapina quase afundou na tragédia.

---

<sup>11</sup> Doença infecciosa, aguda contagiosa, em geral epidêmica, que tem por agente etiológico o vibrio comma ou vibrião colérico e é geralmente caracterizado por diarreia abundante, prostração e caimbra. (Dicionário da Língua portuguesa- Ministério de Educação e Cultura, Rio de Janeiro 1982).

<sup>12</sup> Oásis no meio do sertão ou do deserto.



Para exemplificar essa situação observemos o trecho de um documento escrito por Ibiapina, de sua cadeira de rodas, para as regiões litorâneas e para os governos do Rio de Janeiro, a capital do Brasil na época:

“Hoje são 12 de dezembro de 1877. Não temos água para beber, senão de duas léguas<sup>13</sup>; para lavar roupas de três léguas. Os gêneros, em preço superior às forças da Caridade, para sustentar o pessoal de quase duzentas pessoas, sendo mais de noventa órfãos e a metade de menos de 7 anos, muitas doentes que demandam tratamento singular.” Acabou-se o milho, o feijão, o arroz, restando apenas pouca farinha para nos remediar. Não temos cavalo e pouco é o dinheiro. Os retirantes todos os dias nos pedem pão e seu número sobe, às vezes a mais de cinquenta; também pedem roupa por estarem nus. “E nós no meio de grandes embaraços da vida, a tudo damos atenção e prestamos socorro”. As casas do centro pedem socorro às suas extremas necessidades e tudo damos, embora nos falte. Temos em redor de nós muitas necessidades e a todos damos atenção. No meio desse tempo escuro pela tempestade da miséria, estamos tranqüilos, descansados das fadigas de tão penosa posição à sombra da confiança de Deus, e esta confiança nos corrobora o espírito”. (Comissão Pastoral da terra (CPT in 12ª Romaria da Terra, Quixeramobim, 4 de setembro de 2005).

Entre 1875 e 1883, nos últimos anos de vida, padre Ibiapina ficou quase paralisado e teve de permanecer no seu centro de Santa Fé, perto de Araras, na Paraíba. Continuou exercendo a direção de várias casas, mas não foi mais possível prosseguir nas suas viagens missionárias, vindo a falecer no dia 19 de fevereiro de 1883, no então município de Bananeira na Paraíba.

Conselheiro começou a congregar multidões até fixar-se na região de Canudos (BA) onde havia terra e água disponíveis. Abrigou, ali, parte das populações sem rumo que vagavam pelo sertão, sujeitas aos caprichos dos coroneis, à violência do cangaço e as retiradas pelas secas. Fundou uma das mais exemplares formas de vida em comunidade até despertar a fúria dos republicanos, organização política que tinha como base servir aos interesses de quem estava no poder. Nos primeiros cinco anos da República, isto é, de 1889 a 1894 o Brasil foi governado por militares que tiveram em constante choque com as oligarquias cafeeiras e isso favorecia a nascente de uma frente burguesa. Já a oposição civil lutava por uma República Federativa descentralizada que garantisse a manutenção de seus interesses econômicos. Foi então que nessa época se levantam algumas revoltas e Canudos foi a mais marcante na história por ter suportado

---

<sup>13</sup> 12 km de distância

quatro expedições<sup>14</sup> que deixaram Canudos arrasado no dia 6 de outubro de 1897 (Cunha pp. 199-515).

De acordo com escritos de Reginaldo Bitencourt (in artigos para os cem anos de memória de Canudos), essa história não cansa o leitor que está disposto a conhecer a fundo a história da “Canaã sertaneja”, a resistência da “Tróia de Taipa”, a “Guernica brasileira”, o sonho libertário da “aldeia sagrada” vista pelos republicanos fanáticos como uma “urbe monstruosa”. A guerra do Brasil contra ele mesmo em Canudos, mesmo após um século, ainda é uma chaga aberta na alma nacional.

Quem dá seguimento aos ensinamentos de Ibiapina e Conselheiro é o jovem padre Cícero Romão Batista. Esse nasceu na cidade de Crato em março de 1844 e faleceu em 20 de julho de 1934 em Juazeiro - Ceará. Estimado por muitos ficou conhecido na devoção popular como Padre Cícero ou Padim Ciço. O pai de Cícero morreu de cólera nos braços de Ibiapina, ele nunca se esquecera disso e então reuniu boa parte do grupo de Ibiapina. A princípio ele apenas acolhia fiéis que vinham a Juazeiro, mas as multidões começaram a se aglomerar a seu redor. Foi então que José Lourenço, um negro alagoano alforriado, chegou a Juazeiro a procura de sua família que teria partido em romaria para Juazeiro e pretendendo ali se instalar. Depois de encontrar a sua família e a conselho de Padre Cícero procurou não ficar na cidade, mas esforçar-se para conseguir uma terrinha para ali se fixar com sua família. Depois de muito tempo, José Lourenço consegue arrendar uma terra onde colocou o nome de Baixa Dantas “Casa do pobre” pois foi aí que organizou um primeiro espaço no campo onde as pessoas pudessem trabalhar e viver. Mas na revolução de 1914 seu sítio foi invadido por Jagunços e ele, juntamente com sua comunidade, sofreram grandes perdas. Partindo então dali fundou uma grande comunidade em Caldeirão, no Crato (CE), que foi destruída em 1936. Ali, mais de 5 mil pessoas organizaram suas vidas, vivendo do trabalho, num formato comunitário que tinha como referência as primeiras comunidades cristãs (Bíblia, Livro dos Atos), da mesma forma como foi feito em Canudos por Antonio Conselheiro.

O exemplo destas quatro figuras sertanejas contribuiu certamente para a construção das bases de uma religiosidade popular devido à sua ligação direta com os pobres, negros e retirantes vitimados pelas secas e pelas perseguições de poderosos, coronéis e, principalmente,

---

<sup>14</sup> Foram 4 remessas de tropas federais enviadas pelos republicanos ao povoado de Canudos com a finalidade de destruir a comunidade dirigida por Antonio Maciel, o Conselheiro.

pela República . O diferencial entre as duas linhagens é que os beatos<sup>15</sup> não pregavam apenas o cristianismo, mas ligavam a fé com a vida, pois os fiéis devotos tinham de melhorar a agropecuária, cuidar dos reservatórios de água para se prevenir das secas, investir numa produção de agricultura regional, criação de pequenos animais adaptados à região e o mais importante: não baixar a cabeça para os que mandavam na região. Além da preocupação com toda a possibilidade de uma vida melhor na comunidade, também se preocupavam, em especial, em atender os flagelados que fugiam das secas. Nessas comunidades, além do trabalho em mutirões, o povo tinha seus momentos de expressão religiosa diferenciada da linha dos missionários, pois os rituais e orações aconteciam descentralizada e a vivência era comunitária. Como elementos construtores de sua identidade tinham a fé nas promessas aos santuários, espalhados por todas as regiões do sertão. Faziam isso em memória dos beatos que por ali passavam e também dos que já tinham morrido, os ‘santos populares’ que não precisavam da beatificação de Roma.

Um exemplo é Padre Cícero Romão Batista de Juazeiro, que ainda hoje é tido como Santo sem que A Igreja Católica de Roma tenha dado a sua beatificação. Os devotos acreditam que ele seja também o protetor da agricultura e da criação por ter deixado os dez mandamentos ou preceitos:

- 1- *Não derrubar o mato, nem só mesmo um pé de pau;*
- 2- *Não toque fogo no roçado nem na caatinga;*
- 3- *Não cace mais e deixe os bichos viverem*
- 4- *Faça cercados com pastos plantando: palmas, leucena e muitos outros e deixe o pasto descansar para se refazer;*
- 5- *Não plante de serra acima, nem faça roçado em ladeira muito em pé. Deixe o mato protegendo a terra para que a água não arraste a sua riqueza;*
- 6- *Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar a água da chuva;*
- 7- *Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedras soltas;*
- 8- *Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de cajú, de sabiá ou de outra árvore qualquer até que o sertão todo seja uma mata só;*
- 9- *Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga como: a maniçoba, a favela, e a jurema: elas podem ajudar você a conviver com a seca.*

---

<sup>15</sup> Beatos ou penitentes. Procura uma justiça eterna. Desponta nas estradas, desoladas, sem fim, com roupas esfarrapadas, semelhantes a um hábito religioso. Cabelos e barbas longas, alpargatas sertanejas. Falam uma linguagem compreensiva misturada com rezas. Consideram-se também como missionários e servo sofredor Isaias 49 (Bíblia). Dirigem-se aos santuários religiosos de Antonio Conselheiro, Padre Cícero e outros. Quando não criam os seus próprios. (<http://www.terrabrasileira.net/folclore/regiões/7tipos/beatos.htm/>, )

*10-Se o sertanejo obedecer a estes preceitos a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer. Mas se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.*

Em função disso a arte popular do cordel faz referências a esses poderes através de diversos trabalhos literários, almanaques que previam chuva e poemas como o que segue que é de domínio popular conhecido pelos mais idosos como Tostão de Chuva. O autor (desconhecido) quer justificar que a chuva não se compra, é dádiva de Deus. Neste poema aparecem os sinais da força da chuva como mito.

No sertão do Kariri./ Certo tempo um fazendeiro.  
Fez uma carta a meu Padim./ E mandou por um romeiro.  
Comprando um tostão de chuva./ Ao Padre do Juazeiro.

Dizia a carta citada./ Seu Padre Cícero Romão.  
Dizem que és milagroso./ Cumpra sua obrigação.  
Mande-me um tostão de chuva./ Pra eu aguar minha plantação.

O meu gado está morrendo./ Minha plantação se acabando.  
Meu dinheiro sem valor./ E minhas barragens secando.  
E estes romeiros bestas./ Em você acreditando.

Seu Padre Cícero Romão ./ Espero você cumprir.  
Olhe eu tenho muito dinheiro./ Sou o mais rico daqui.  
Domino seis municípios./ No Vale do Kariri.

Tenho quatorze alambiques./ Dez engenhos de rapadura.  
Oito fabricas de açúcar./ Dez vazantes de verduras.  
Seis mil alqueires de terras./ Tudo passado escrituras.

Se você não mandar chuva./ Daqui para o anoitecer.  
E acaso amanhecer o dia./ E em minhas terras não chover.  
O tostão que lhe mandei./ Você tem que devolver.

Quando o Padre leu a carta./ Deu três passos adiante.  
Rezou e pediu perdão./ Por aquele ignorante.  
E disse para o romeiro./ Só três vinténs é bastante.

Das três para as quatro horas./ Um temporal se formou.  
Com relâmpagos e trovões./ Forte chuva desabou.  
Nas terras do fazendeiro./ O que tinha se acabou.

Diluiu todos os engenhos./ Não escapou nenhum tacho.  
Quebrou todas as barragens./ Emendou rio com riacho.  
Dez mil cabeças de gado./ Desceram de água abaixo.

Na região habitavam./ Entre grandes e miúdos.  
Um cego e um paralítico./ E também um rapaz mudo./  
Nesse dia ele falou: “Oh meu Deus se acaba tudo”!

Dentro do grande aguaceiro./ O rapaz aleijado nadou.  
No estrondo do trovão./ O surdo também escutou.  
E no clarear do relâmpago./ O cego também enxergou.

Foi-se malas de dinheiro./ Com papéis de escritura.  
Paióis de milho e feijão./ E vazante de verduras.  
Terra, dinheiro e fazenda./ Se acabou toda a fartura.

A casa grande caiu./ E o fazendeiro escapou.  
Com a mulher e uma filha./ Na casa de um morador.  
Onde tinha um oratório./ Foi o único que restou.

Com três dias depois./ O mensageiro voltou.  
Trazendo só dois vinténs./ E na mão dele entregou.  
Foi o troco do tostão./ Que o Padre Cícero mandou.

Dizem que ele arrependeu-se./ E até hoje é romeiro.

Anda de noite e de dia./ como um louco em desespero.  
Mais nunca pôde acertar./ Com o caminho do Juazeiro.  
(autor desconhecido)

O poeta está tratando da falta de chuva, mas de modo especial, da arrogância do fazendeiro que por sinal representa uma figura bastante poderosa. Apresenta uma visão de que o dinheiro não compra tudo e muito menos quando se trata do sagrado.

As pessoas buscam força nessas crenças porque não aguentam tanta falta de respostas para o sofrimento que enfrentam. É uma forma de denunciar o latifúndio e o seu abuso de poder.

Um outro aspecto marcante da religiosidade é o misticismo. O povo do sertão presta culto ao monoteísmo incompreendido, mas o que predomina é o fetichismo e o manismo do índio e do africano. É um ser primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições, têm uma diversidade de rituais aos mortos e sentem a presença de espíritos em plantas e objetos. Um exemplo disso é a carranca baiana: uma peça de pau com uma cara feia que na concepção dos povos da região tem o poder de espantar mau olhados e outros infortunes. Diante disso, não se pode negar que existe um misticismo em nossas crenças. Uma credence só muda quando se encontra sentido em outros sinais de fé. É por isso que a fé do povo nordestino é diversa, mas é a forma que se encontra para resistir aos desafios da vida.

### **1.2.3 A arte**

Na arte um dos destaques mais visíveis é a literatura de cordel. Uma forma escrita em versos e em prosa que anima a leitura devido à capacidade que os poetas têm de descrever com clareza os fatos da vida no dia-a-dia. As temáticas geralmente são voltadas para a história de caçadas, de contos, de lendas regionais que conseguem prender a atenção de leitores e ouvintes, pois sempre trazem presente o sofrimento em forma de sátira. Aliás, o nosso riso já é uma poesia satírica onde se ri e chora ao mesmo tempo.

Outro aspecto marcante é a arte de contar histórias nas rodas em terreiros. Nas comunidades tradicionais foi uma das formas mais significativas dos pais passarem para os seus

filhos, através da mitologia, um passado remoto que marcou a vida dos seus antepassados e continua marcando a sua trajetória. As histórias são voltadas para a realidade das pessoas e são cheias de fantasias, de imagens, de cores, de ciência, de mitos que, ao analisarmos em nossa realidade atual, podemos decifrar o que se passou na política, na cultura, na religião de modo que deixa claro o que foi a escravidão, o que foi o poder do rei, o que foi a colonização e a forma de imposição da religião. Mas também esclarecem as formas de resistência do povo através das figuras comuns aos povos originários como: o caipora, defensor das caças e da natureza, o Saci-Pererê, o lobisomem, o bravo matador de onças e as histórias de visões da noite que causam arrepio quando estas são relatadas especialmente pelos caçadores.

A arte de manufatura que predominava no passado era a arte de couro, a roupa do vaqueiro, os arreios dos animais de montaria e os calçados rústicos, arte feita em sua maioria por homens. Um artesanato próprio para o trabalho na lavoura e na vaquejada. Esta arte hoje está se modernizando, mas ainda encanta os olhos de quem as vê nas feiras sertanejas e nos centros históricos nordestinos.

Na arte feminina é destaque o trabalho de bordados, tricô, crochê peças, em palhas e rendas, sendo a mais predominante a renda. É inspirado nessa arte que Luís Gonzaga lançou a famosa música intitulada “Mulher Rendeira”, de autoria de Zé do Norte/Luís Gonzaga e Zé Dantas 67668330 Addaf / Irmãos Vitale.

Olé Mulher rendeira./ Olé mulher renda

Tu me ensina a fazer renda./ que eu te ensino a namorar.

As moças de Vila bela./ Não têm mais ocupação.

Pois só vivem na janela./ Namorando o Lampião.

Lampião desceu a serra./ Passando pelo sertão.

Foi dançar mulher rendeira./ Com a mãe do capitão.

A música trata da arte de fazer rendas, mas também do encanto misturado com o medo que o povo sertanejo teve pelo famoso cangaceiro considerado como fora da lei, o Lampião. Lampião é conhecido até hoje como um dos maiores cangaceiros da região nordeste. Viveu de forma organizada. Percorreu sete estados do Nordeste durante a década de 1920 a 1930 levando

sangue, morte e medo à população do sertão. Seu grupo contava com 50 elementos entre homens e mulheres. Lampião é idolatrado e odiado com igual intensidade e sua imagem continua viva no imaginário popular mesmo após 60 anos. Sua influência continua viva nas artes, músicas, pinturas, literatura e cinema. É impressionante! Até a “mãe do capitão”<sup>16</sup>, na visão popular, tinha que obedecê-lo a ponto de lhe dar a honra da dança, cita o trecho da música sobre a arte de fazer renda.

#### 1.2.4 A Música

Um outro elemento que identifica o povo do sertão nordestino é a música. A letra da música nordestina está tecida de sentimentos míticos que retrata toda uma situação de tristeza, mas contém um lirismo que encanta e faz cantar quem as ouve.

Um dos maiores desalentos de quem habita o sertão é a arribada, a partida ou como era chamada antigamente: a retirada . Inúmeras canções nordestinas tratam dessas temáticas. Quando trata da boiada, eis o enredo da partida. Numa roda de vaquejada uma das músicas que não falta é a da paixão que envolve as donzelas pelos vaqueiros, como a intitulada de Carmelita (Compositor desconhecido)

Carmelita quando viu./ O seu amor verdadeiro.  
Todo vestido em couro./ ficou logo em desespero.  
Ó mamãe deixe eu ir embora./ Na garupa do vaqueiro.

O vaqueiro é a figura simbólica da retirada. Primeiro com o gado em busca de pasto e água e finalmente quando não dava mais para suportar a estiagem para ir e voltar com o rebanho, o sertanejo ia com a família.

A música, junto com a literatura, teve o dom de tornar a região conhecida. Mas foi Luís Gonzaga, o popularmente conhecido como o Gonzagão, Rei do Baião, quem mais cantou a realidade das secas. Não sozinho, primeiro com sua sanfona, pandeiro e zabumba, tocando as músicas compostas por seus companheiros, os mais conhecidos como: Zé Dantas, Patativa do

---

<sup>16</sup> Capitão: título de honra dado a figura do exército temida e respeitada pelos moradores da região.



Assaré e Humberto Teixeira, que descreveram densas poéticas humanas e belas como a Asa Branca<sup>17</sup>.

*Quando olhei a terra ardendo  
Qual fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, aí  
Porque tamanha judiação*

*Que braseiro, que fornalha  
Nem um pé de plantação  
Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão.*

*Inté mesmo a Asa Branca  
Bateu asas do sertão  
Entoçe eu disse  
Adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração.*

*Quando o verde dos teus óios  
Se espalhar na plantação.  
Eu te asseguro não chores não, viu  
Que eu voltarei, viu meu coração.*

*Hoje longe muitas léguas  
Numa triste solidão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra eu voltar  
Pro meu sertão.*

Esta música é conhecida em todo o Brasil e retrata uma situação de desespero do sertanejo quando a seca chega. A separação da terra, da família e da namorada, “Rosinha”, tem

---

<sup>17</sup> Asa Branca, ave migratória, Uma ribançã ( ave de arribação) parte e volta . A música foi composta juntamente com Humberto Teixeira em 30 de março de 1947 na RCA- Rio de Janeiro.

sido um cenário bastante vivido em nosso meio. A música quer retratar o ciclo natural da seca que impõe as condições da partida, acompanhada pelo desejo e a esperança de voltar, fortalecido pelo mito do Deus que manda chuva, ajudado pelas divindades. A outra versão da música é a Volta da Asa Branca, também composta por Luís Gonzaga. O enredo da volta da Asa Branca é a alegria do retorno e a causa é a chegada da chuva.

Já faz três noites que pro norte relampeia  
E a asa branca ouvindo o ronco do trovão.  
Já bateu asas e voltou pro meu sertão  
Ai, ai, eu vou-me embora.  
Vou cuidar da plantação.

A seca fez eu desertar da minha terra  
Mas felizmente Deus agora se lembrou  
De mandar chuva pra esse sertão sofredor  
Sertão das muié sérias, dos homens trabaiaidô

Rios correndo, as cachoeiras estão zoando  
Terra moiada, mato verde, que riqueza  
E a Asa Branca a tarde canta, ai que beleza  
Ai, ai o povo alegre, mais alegre a natureza

Sentindo a chuva me recordo da rosinha  
A linda flor do meu sertão pernambucano  
E se a safra não atrapaiá meus planos  
Vou falar com seu vigário  
Vou casar no fim do ano.

As duas canções sobre o pássaro asa branca, que vive migrando, com o tempo de partir e de retornar, tem uma simbologia semelhante a do sertanejo que é um seminômade, não por natureza, mas pelas circunstâncias: primeiro os seminômades tapuios e kariris. Mais tarde, com a colonização, se sujeitam a serem vaqueiros e a seguir o rasto da boiada, depois pelas secas como

retrata o próprio Luís Gonzaga nestas duas letras que até os nossos dias ainda são escutadas como um hino de uma nação. Quer ver um sertanejo chorar toque a triste partida de Patativa do Assaré, cantada por Luís Gonzaga.

## A TRISTE PARTIDA

Texto de Patativa de Assaré e música de Luís Gonzaga

1. Setembro passou com outubro e novembro. Já tamos em dezembro: Meu Deus, qui é de nós. Assim fala o pobre do seco Nordeste Com medo da peste, da fome feroz.

2. A treze do mês ele fez experiência. Perdeu sua crença Nas pedras de sal. Mas noutra esperança com gosto se agarra. Pensando na barra do alegre Natal.

3. Rompeu-se o Natal porém a barra não veio. O sol bem vermeio Nasceu muito além. Na copa da mata Buzina a

cigarra, Ninguém vê a barra Pois barra não tem.

4. Sem chuva na terra Descamba janeiro, depois fevereiro e o mesmo verão. Entonce o nortista Pensando consigo, diz: isso é castigo Num chove mais não.

5. Apela para março Que é mais preferido do santo querido, Senhô São José. Mais nada de chuva, ta tudo sem jeito Lhe foge do peito o resto da fé.

6. Agora pensando e ele segue outra tria chamando a famía

Cumeça a dizer: Eu vendo meu burro, Meu jegue e o cavalo, Nós vamos a São Paulo Viver ou morrer.

7. Nós vamos a São Paulo Que a coisa tá feia, Por terras áleas Nóis vamo vagá. Se o nosso destino não for tão mesquinho Pro mesmo cantinho nóis torna a voltá.

8. E vende seu burro, o jumento e o cavalo, inté mesmo o galo venderam também pois logo aparece Feliz fazendeiro por pouco dinheiro lhe compra o quem.

9. Em um caminhão Ele joga a famia Chego o triste dia, Já vai viajá. A seca é terrive, Qui tudo devora, Lhe bota pra fora Da terra nata.

10. O carro já corre no topo da serra oiando pra terra Seu berço, seu lá. Aquele nortista Partido de pena de longe inda acena: Adeus meu lugar.

11. No dia seguinte Já tudo infadado, O carro imbalado Veloz a correr. Tão triste coitado, Falando saudoso Um seu fio choroso Cumeça a dizer.

12. De pena e sardade Papai  
sei que morro, Meu pobre  
cachorro Quem dá de comer  
Já outro pergunta: Mãezinha e  
meu gato Cum fome sem trato  
Mimi vai morrê.

13. E a linda pequena  
Tremendo de medo: Mamãe  
meu brinquedo, meu pé de  
fulo. Meu pé de roseira  
Coitado ele seca E a minha  
boneca Também lá ficou

14. E assim vão deixando  
Com choro e gemido. Do  
berço querido o céu lindo e  
azu. O pai pesaroso nos fios  
pensando e o carro rolando Na  
estrada do Su.

15. Chegou em São Paulo Sem  
cobre, quebrado E o pobre  
acanhado Procura um patrão  
Só vê cara estranha de  
estranha gente, tudo é  
diferente do caro torrão.

16. Trabaia dois anos, Três  
anos, mais ano E sempre nos  
prano de um dia voltá. Mais  
nunca ele pode, só vive  
devendo E assim vai sofrendo  
É sofrê sem pará.

17. Se alguma notícia das  
bandas do Norte tem ele por  
sorte o gosto de ouvi  
Lhe bate no peito Sardade de  
moio e a água nos oios  
Começa a caí

18. Do mundo afastado Ali  
vive preso, Sofrendo o  
desprezo Devendo ao patrão  
O tempo rolando, Vai dia e  
vem dia e aquela famía Num  
volta mais não.

19. Distante da terra tão seca  
melhor exposto à garoa, À  
lama e ao pau.  
Faz pena o nortista, tão forte e  
tão bravo vivê cumo escravo  
No norte e no sul.

A triste partida<sup>18</sup> retrata uma triste sina de pais de famílias que não tinham outra solução em meados do século passado do que vender os seus pobres pertences e partir para São Paulo, quando a indústria automobilista estava chegando nas grandes cidades. O texto retrata a triste situação de quem foi obrigado a sair de suas terras e viver humilhado em outro lugar, sempre devendo ao patrão. A música fala ainda da saudade e da grande esperança de um dia voltar para o seu torrão. Foi assim e continua até então, que sempre se parte pensando no retorno. A esperança do retorno é um outro elemento da resistência.

São inúmeras as toadas cantadas nas romarias e procissões para pedir chuva e algumas serão abordadas mais à frente, mas também se canta e dança o forró, em inglês: *for all* (Para todos). Bem marcante são as excelências como são conhecidas popularmente as canções cantadas durante o velório, hoje substituídas por cantos católicos fúnebres. Também se cantam músicas que apontam saídas, como as músicas de Zé Vicente, cantor, compositor e poeta popular e religioso, inserido na teologia da libertação. Uma das letras mais marcantes e mais críticas é intitulada de: **Caminhos da América**.

Pelos caminhos da América./ pelos caminhos da América.

Pelos caminhos da América ./ Latina América.

Pelos caminhos da América./ Há tanta dor, tanto pranto.

Nuvens, mistérios encantos./ Que envolvem nosso caminhar

Há cruces beirando estradas./ Pedras manchadas de sangue

Apontando como seta./ Que a liberdade é pra lá...

Esta e muitas outras têm ajudado na insurgência de diversas manifestações de lutas pelos direitos à vida. Também tem músicas que apontam formas de convivência com o semiárido na esperança de que as pessoas possam aproveitar as potencialidades que são

---

<sup>18</sup> A letra de Patativa do Assaré, consta de uma linguagem característica do sertanejo onde o verbo no presente do indicativo tem a terminação com uma vogal acentuada em vez de R. As terminações em L, Natal, por exemplo, são substituídas por uma vogal: Azul= azu, sul = su. O mesmo se dá com a letra da música Asa Branca dentre outras.

naturais desta terra e possam viver aqui sem tanto se retirar e sofrer. Uma das mais cantadas é: Água de Chuva, de Roberto malvezzi (o Gogó).

Colher a água./ Reter a água./ Guardar a água ./ Quando a chuva cai do céu.  
Guardar em casa./ Também no Chão.  
E ter a água se viver a precisão.

No pé da casa você faz sua cisterna./ E guarda a água que o céu lhe enviou.  
É dom de Deus, é água limpa, é coisa linda.  
Todo o idoso, o menino e a menina.  
Podem beber que é água pura e cristalina.

Você ainda vai lembrar dos passarinhos./  
E dos bichinhos que precisam de beber.  
São dons de Deus, nossos irmãos, nossos vizinhos  
Fazendo isso honrará a São Francisco,  
A Ibiapina, Conselheiro e Padre Cícero.

Você ainda vai lembrar que a seca volta./  
E vai lembrar do velho dito popular  
É bem melhor se prevenir que remediar  
Zele os barreiros, os açudes e as aguadas  
Não desperdice seque uma gota d'água

A música de Gogó, de tanto ser cantada e tocada nos movimentos sócias teve uma grande contribuição na revitalização da propostas dos beatos de que cada casa da região tivesse uma cisterna. Por esta memória as ONGs do sertão conquistaram o P1MC (O Programa 1 Milhão de Cisternas no Semiárido brasileiro) da ASA<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> ( Articulação do Semi-Árido). A ASA é um espaço de articulação político - regional da sociedade civil organizada no Semiárido Brasileiro. Seus membros e parceiros são todas as entidades ou organizações da sociedade civil que aderem a “Declaração do Semiárido” (Recife,1999). Sua ação articulada é em prol do desenvolvimento sustentável, dando viabilidade às potencialidades e atualmente atende a diversos municípios contemplando até o presente momento a 400 mil Famílias com água potável. Elaboração: assessoria de comunicação da ASA (ASACom)

O PIMC tem a meta de proporcionar, com a construção de 1 milhão de reservatórios, água suficiente para 5 milhões de pessoas.

O PIMC é um programa de tecnologia simples, adaptável a qualquer região. Esse reservatório que armazena água da chuva colhida nos telhados das casas, caracteriza-se como elemento agregador de vários anseios das famílias do Semiárido. A cisterna supre a necessidade das pessoas de ter água para beber, cozinhar e escovar os dentes, disponível em quantidade para atender à demanda da família nos meses de escassez de chuva na região; água de boa qualidade, melhorando a saúde; e perto de casa, evitando as longas caminhadas em busca do que beber. Dessa forma, essa e outras músicas têm servido de referência para a identificação e a organização do povo sertanejo.

### **1.2.5 A Festa**

Sertanejo é povo festeiro. O cangaceiro Lampião, onde parava, fazia uma festa para dançar e para comer. Seja em qualquer situação, a cultura sertaneja da festa continua intacta. O sertanejo tem a capacidade de passar uma semana em festa. As festas de casamento duram de um a dois dias, o carnaval dura uma semana, as vaquejadas, as festas de santos padroeiros duram de nove a dez dias, até mesmo uma visita de sétimo ou de quinze dias de um falecido é motivo de festa: as pessoas amigas e parentes vão para o cemitério e na volta é oferecido café com bolo e, na maioria dos casos, o almoço. Nas noites de sentinela não tem uma festa explícita, sempre se oferece alguma bebida: café, chá e às vezes, para os que cavam a sepultura é oferecida a cachaça. É o famoso costume de “beber o defunto”.

As festas mais famosas são as de santo padroeiro onde o ano inteiro as pessoas se previnem com roupas novas e reservam animais para as comidas típicas que são servidas com abundância para quem chega em suas casas. As portas das casas são abertas para todos os visitantes que se banqueteiam com as comidas típicas. As mais comuns em dia de padroeiro são: o porco assado, a galinha caipira ao molho, o bode ou carneiro. É para quem chegar comer até se fartar. Tem gente que ainda leva para os que não puderam vir.

Malvezzi afirma que a festa parece exercer um fascínio definitivo na vida do povo sertanejo. Eles carregam esse fascínio aonde vão. Nas grandes cidades são inúmeros os centros de vendas de comidas típicas do Nordeste. Quando vêm visitar os parentes levam



caixas e mais caixas de produtos da região, sem faltar a carne de bode seca. Se vão a uma romaria é comida para si e para oferecer aos companheiros. É o famoso frito de carne ou farofa bem preparada para durar vários dias. Mas na maioria das vezes o povo não é compreendido. Há diversas críticas, especialmente para os olhos de quem é produtivo, tratando-os como “preguiçosos” por agüentar tantos dias de festa. O próprio Ibiapina juntava os instrumentos de músicas dos sertanejos e queimava em praça pública, pois tinha uma visão negativa do samba. Mesmo assim, a festa continua resistindo. Qualquer acontecimento é motivo de festa.

#### **1.4 O FENÔMENO E O CICLO DA SECA**

O fenômeno da seca tem marcando os povos sertanejos por diversos elementos característicos próprios dessa região. Mas é a partir da colonização que a trajetória desses povos tornou-se um verdadeiro suplício devido à humilhação, pois fome é sinônimo de desprezo por ser um dos elementos que mais põe em declínio a identidade de um povo. Dessa forma, é necessária uma posição e uma tomada de consciência de que o fenômeno da seca é algo natural que se dá dentro de um ciclo já comprovado cientificamente nos lugares semiáridos. Segundo hipótese levantada pelo naturalista Barão de Capanema, em seu pensamento de rastrear nos fatos extraterrestres os períodos em que se sucedem as secas encontrou na regularidade com que repontam e se extinguem, intermitentemente, a mancha da fotosfera solar, um núcleo obscuro, negrejando dentro da cercadura fulgurante da fâculas, lentamente derivando à feição da rotação do sol, que tem entre o máximo e o mínimo de intensidade, um período que pode variar de nove a onze anos. (in *Os Sertões*. P.46). Com essa hipótese levantada o Barão de Capanema quer afirmar que as secas são periódicas e acontecem em um ciclo de 11 em 11 anos.

Mesmo sem ter conhecimento dessas fontes, as pessoas já criavam os mitos e ao longo de muitos anos foram criando respostas, buscando explicações, prestando atenção à natureza e isso ia justificando os acontecimentos. É o caso dos sertanejos de Juazeiro da Bahia que, com base em estudos feitos através da meteorologia e de experiências próprias, descobriram que as secas são periódicas e acontecem num ciclo de 26 em 26 anos.



A Busca da Água no Sertão, Convivendo com o Semi-Árido, 2001 p. 33

Também são apresentadas, através de avaliação da Fundação Joaquim Nabuco e do Banco do Nordeste<sup>20</sup>, três momentos e três vertentes da compreensão do fenômeno das secas e apresentam também dados significativos sobre os programas de socorro às vítimas das secas.

Em primeiro lugar, e até a seca de 1958 a seca é intuitiva e imediatamente percebida como falta d' água. A partir da seca de 1958 se esboça outra vertente na compreensão do fenômeno: passa-se a priorizar mais as atividades produtivas privilegiando mais as atividades econômicas numa perspectiva ecológica do ajustamento das atividades práticas como a “reorganização da zona semiárida do Nordeste. Isso implica em especializar a mesma na cultura de xerófilas e reduzir o setor de subsistência.” (SUDENE, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, 1967). Após a seca de 1970 delinea-se uma terceira vertente: a dimensão crônica da pobreza subjacente que apresenta a população vitimada pela seca. Segundo dados da SUDENE, a extensão alcançada pelo flagelo da seca em 1970, (539 mil k<sup>2</sup>) foi inferior a extensão alcançada pelos flagelos de 9 anos antes (578 mil k<sup>2</sup>) , havendo 0,8 flagelados por quilometro quadrado em 1979 contra 0,9 em 1970.

Diante dessa situação cresce a migração em massas de flagelados das áreas rurais e os programas de socorro às vítimas na forma de frentes de trabalho embora estas constituam iniciativas nitidamente assistencialistas. Segundo dados da SUDENE e de Pessoa e Cavalcante, o número de pessoas alistadas durante as secas ocorridas nas últimas 4 décadas está assim distribuído: 60 mil em 1951-1953; 536 mil em 1958; 500 mil em 1970; 7,2 milhões

<sup>20</sup> Os dados acima fazem parte de uma estatística levantada pelo Banco do Nordeste e Fundação Joaquim Nabuco da Série : Estudos sobre as secas no Nordeste composta por 7 volumes avaliando a partir da seca de 1958 até a seca de 1998-1999.

em 1979-1983 e 2 milhões em 1993 (HALL, 1978; BRASIL,1995). Estes são dados estatísticos até antes nunca vistos, pois antes os relatos eram passados verbalmente e hoje se encontram poucas referências.

Estes dados são apresentados a partir da metade do século passado cujos autores apresentam o fenômeno da seca como um problema social e não mais como um castigo. Mas o mito do sagrado continua vivo na mente das pessoas, especialmente das mais idosas. Os dados referentes à quantidade de habitantes da zona rural atingidos são alarmantes: 6 milhões de pessoas em 1958; 5,5 milhões em 1970; 16 milhões em 1979-1983 e 12 milhões em 1993 (BRASIL, 1998). As informações sobre a situação ocupacional das 500 mil pessoas inscritas nas frentes de trabalho, durante a seca de 1970, confirmam o que já foi dito a respeito do caráter discriminatório das secas: 42,2% dos inscritos nas frentes de trabalho eram posseiros e 31,9%, pequenos proprietários. Além disso, 82,0% dos alistados trabalhavam em propriedades com áreas a 10 hectares (PESSOA e CAVALCANTE, 1973). Durante a estiagem de 1958 a taxa de desemprego no semiárido nordestino foi estimada em 50,0% da População Econômica Ativa (PEA) tendo chegado, em 1970, a 35,0% e, em 1984 a 40% da PEA. (CARVALHO, 1988; PESSOA e CAVALCANTE,1973).

As secas citadas acima e de modo especial as que antecederam a essas sempre tiveram uma forte repercussão nesta região. Marcou profundamente a vida dos sertanejos que foram intensificando as crenças no mito da chuva como elemento que os identifica até hoje. O povo tem o maior respeito, e não só respeito, mas também veneram a chuva.

Ainda em nossos dias existem sertanejos e sertanejas que vivem de olhos fixos no céu e na terra para desvendar os segredos da natureza e profetizar o ano vindouro do inverno.

*Tá se aproximando o inverno, o céu já tá escamado, o sol já tá fazendo um círculo em redor dele, faz aquele círculo na lua. As árvores que é a aroeira, o cumuru, a barriguda, faz aquele sinal, é agora - mês de novembro-,Já tem o sinal. Desde julho para agora vem tomando carga, a barriguda já tem sua carga segura, um sinal muito bom de inverno, o cumuru foi uma grande carga, bom sinal de inverno!... (MARTINS, 2006 p. 25).*



contou várias façanhas do seu passado. Relatos como o que segue fazem tremer os corações de quem os escutam.

*“Esta aconteceu na seca de 32. Minha irmã mais nova estava morrendo aos poucos. Só tinha o couro e os ossos. Minha mãe, vez por outra, colocava uma colher de água morna com sal em sua boca. Não tinha outro apelo, e a inocente só esperando a morte! Quando chegou um comboieiro<sup>21</sup> com dez cargas de rapaduras e se hospedou na casa do patrão. Minha mãe fez logo uma louvação a Deus nosso senhor: ‘foi Deus que enviou esse fio de Deus.’ Partiu apressada para a casa do patrão com dez tostão na mão. Era o dinheiro que tínhamos. Chegando lá peitou no comboieiro e queria comprar uma rapadura. Mas o comboieiro respondeu: “Só vendo de carga”. Minha mãe ficou desesperada e implorou: Moço, minha filha está morrendo, eu não tenho outro apelo. Pelo amor de Deus, me venda ao menos uma metade da rapadura. Ao que o comboieiro respondeu: “ Só vendo de carga”. A mãe voltou desesperada e chegando novamente à beira da rede percebeu que minha irmã ia de mal a pior. Colocou novamente uma colherinha de água de sal na boca dela e se ajoelhou. Era meio dia. Pediu a Deus que olhasse para aquela situação, tivesse compaixão daquela pobre criança. O resto do dia passou com os filhos pequenos e cuidando sempre da menina com a água de sal. À noite já estavam todos deitados quando da choupana ouviu um claro. Sentou-se na rede e viu mais um claro. Não demorou muito ouviu o trovão. Sentou os joelhos no chão e começou a louvar a Deus dizendo: “viva a Deus nosso Senhor”. Não demorou muito e a chuva começou a cair. Deu madrugada e a chuva caindo. As grotas começaram a zoar. Mais tarde o rio começou a zoar. Foi quando minha mãe percebeu que o comboieiro ia sair com o comboio de rapadura. Não demorou muito minha mãe ouviu os gritos dele na beira do rio. Enquanto os burros atravessavam o rio as cargas de rapadura iam sendo levadas pela correnteza d’água que era muito forte. Mais que depressa minha mãe nos mandou ir ver de perto o que estava acontecendo. Quando chegamos lá, só restavam algumas rapaduras que ele tinha salvado das águas. Olhando para nós, disse: Vão chamar a mãe de vocês. Nós corremos para a casinha e demos o recado para a minha mãe que não botou dificuldade, saiu às pressas para o rio se ter com o capitão que lhe ofereceu as rapaduras em troca de ração para os animais. Minha mãe fechou logo negócio e ao chegar em casa fez uma garapa para nós e para a pequena que ainda tinha amanhecido viva. Assim foi aos*

---

<sup>21</sup> Viajante que conduz diversos animais transportando produtos para vender em outras cidades e povoados.

*poucos conseguindo reerguer as forças da menina que ainda hoje está viva. Ói, Deus abençoou: foi um legume neste ano que matou a fome de todas as pessoas da região”!*

O que se escuta ainda nos terreiros é sobre as retiradas. Em tempo de seca as pessoas procuravam todas as maneiras para não deixar sua terra, mas na maioria das vezes deixavam a sua pobre choupana e saíam em retirada. Além das músicas como as de Luís Gonzaga, já citadas, livros como *Ataliba, O Vaqueiro*, do piauiense Francisco Gil Castello Branco e *Vida Gemida em Sambambaia* de autoria de Fontes Ibiapina trazem relatos espantosos sobre a situação dos retirantes em tempo de seca.

### **1.5.2 Os retirantes**

A música de Patativa do Assaré (Cfr. Supra) nos relata a triste partida de um sertanejo para a cidade de São Paulo, ele canta a saudade, o sofrimento da viagem e especialmente a dificuldade de adaptação em terras estranhas. A música retrata uma realidade das décadas de 1940-1970, já na era do desenvolvimento.

Outras situações de retirada acontecia nos séculos passados, quando as pessoas saíam a pé ou em pequenos burros com os últimos pertences, como já foi mencionado acima, nos relatos dos missionários Ibiapina, Conselheiro e Padre Cícero, à espera de encontrar uma terra fértil onde pudesse se abrigar com a família e ali salvar suas vidas. O pior é que era difícil para todas as pessoas porque somente o patrão tinha reserva para si e para os animais e estes eram muito seguros com o que possuíam e no dizer de (IBIAPINA,1998, p.17 e seguintes) lá se ia ele com a raça toda! Mas sempre naquela esperança de um dia feliz voltar. Ia em sua maioria a pé. Geralmente com uma mulher magra, de rosto escavado, olheiras fundas e uma ninhada de filhos, pequenos, magros e barrigudos. É assim que retrata o autor do livro *Vida Gemida em Sambambaia*. Ele relata que quase todas as noites uma família de retirantes pedia abrigo para passar a noite em sua casa. Descreve como vinham cansadas, como eram sofridas e humilhadas aquelas pessoas. O problema é que o ciclo da seca não acontece em um ano só. Sempre fracassam os invernos anteriores e a coisa já vem puxada para vir um ano pior. As piores secas, as mais faladas pelos nossos antepassados foram as secas dos três oitos (1888) , a seca do quinze(1915)e a seca de 1932. Estas marcaram a vida dessa gente e o número de retirantes foi constante, saindo do Ceará para o Piauí e do Piauí para o Maranhão porque o

lugar onde chove é considerado como ‘terra abençoada por Deus’. Somente na década de 1950 é que se iniciaram as frentes de serviço como tratam mais tarde os estudiosos das secas já citados acima. Mas naquela época não havia nenhuma atenção para com os flagelados e muitas pessoas que se retiravam de suas terras iam caindo nas estradas, enfraquecidas pela fome, sede e também muitas contraíam doenças como o cólera, disenteria e qualquer outro tipo de doença causada pelo enfraquecimento devido à viagem e pela água contaminada que bebiam onde a encontravam. Caiam na estrada e ali mesmo eram sepultadas pelos moradores da região. É por isso que a maioria dos cemitérios sertanejos se encontra à beira de uma estrada. Onde caía uma pessoa ali mesmo era sepultada e as pessoas da redondeza iam sepultando os seus mortos junto com aquela alma abençoada por ter morrido de fome e de sede e aos poucos sua fama de milagrosa ia se espalhando e juntando mais devotos. Foi assim que aconteceu na ‘seca do quinze’ e em outras mais. Era uma forma de compensação do sofrimento.

### **1.5.3 As mortes**

São diversos os relatos orais e escritos que existem nessa região sobre morte de retirante, especialmente de idosos e crianças que saíam em caminhada à procura de uma nova terra onde pudessem armar sua cabana, apascentar o resto de seu rebanho e começar uma nova vida, mas sempre com o sonho de voltar para a sua terra natal como canta Luis Gonzaga e escreve Patativa do Assaré.

Os pais das crianças em retirada, quando essas adoeciam, já prediziam a morte, mesmo na frente da criança sem lhes poupar dos comentários. É o que descreve Ibiapina sobre a presença de um desses episódios que se deu em sua própria casa na seca de 1932:

“Aquele menino ali bate febre desde ontem. Não sei o que é, mas ele vai morrer”, falou um retirante na angústia da fome, do desespero e da doença. Mais ou menos meia noite quando ouvimos aquele choro cansado, parecia mais que vinha era debaixo do chão. Um choro enterrado, vindo lá do centro da fome. O papai abriu a porta e saiu. Logo eu o acompanhei. Me lembro que o velho reclamou:

-Menino intrometido...volta para trás!

O velho retirante agüentava um tição-de-fogo na mão do menino que morria num verdadeiro apogeu de miséria. Assim adiante, estirada no chão, uma mulher magra e suja se

lastimando da sorte. Cinco garotos, de cujos olhos desciam fios de lágrimas, fazendo risco ao sujo da cara, soluçavam em ritmo. O pobre menino acabara de falecer e o seu pai pediu uma esmola a meu pai, de sete palmos de terra para sepultar o menino. Cavaram a sepultura lá nas covinhas dos anjos, sepultaram o menino e em seguida arrumaram a bagagem e deram continuidade aquela viagem sem destino.

Ibiapina descreve ainda sobre as palavras de conforto que sua mãe falou para aqueles pobres pais em desespero:

- Tenha paciência! Tudo que Deus faz é bem feito. Sei que seu filhinho morreu e que vocês muito sentem em tê-lo perdido, mas era batizado, já era cristão. Há essa hora já está com os anjos na corte de Deus. Feliz o Pai que tem um anjo no reino do céu (...). ‘Feliz a mãe que tinha um coro de anjos nos céus cantando e orando pelos pais e irmãos que ficavam sofrendo na terra’. Era uma forma muito triste e ilusória que se utilizava para conformar os pais quando uma criancinha morria.

Na seca de 1983, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) morreram cerca de um milhão de crianças no semiárido nordestino.

Nesta data não aconteciam mais as retiradas, mas aumentou a migração para os centros comerciais em desenvolvimento do país: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

#### **1.5.4 A fé pelo avesso**

A história de algumas pessoas que morriam, especialmente em retirada, se espalhava pela redondeza. Os casos mais conhecidos nesta região de Pedro II e que são vivos na história até hoje foram as mortes das três irmãs: Maria Alves, Mariana e Vicência. Essas são veneradas e cultuadas em nosso meio.

As três meninas vinham em retirada com os seus parentes na seca de 1915. Maria Alves, segundo relatos das pessoas mais idosas, foi a que morreu primeiro. De tanta fraqueza parou nas proximidades da cidade. Relatam que ela ficou ainda alguns dias sentada à beira da estrada na esperança de seus parentes passarem por ali. Todos os dias pedia refeições na



vizinhança e voltava a sentar-se no mesmo lugar. Mas os que ali habitavam também não tinham mais quase nada para se alimentar e nem para oferecer. A menina foi enfraquecendo até que um dia ali mesmo desfaleceu. Como o atendimento de saúde da região sempre foi precário, com o passar do tempo as pessoas foram fazendo promessas e pedidos para a cura de suas doenças. Levantaram uma pequena capela no local e a chamaram de capelinha de Santa Maria Alves. Todas as segundas-feiras várias pessoas fazem procissão até a capela onde acendem velas, colocam fotografias, milagres, amuletos (modelos de partes do corpo esculpidos de pau) que, segundo testemunho dessas pessoas, foram curadas de alguma epidemia. A outra, a Mariana, caiu a uns seis quilômetros e também é considerada milagrosa pelo povoado Cantinho, nesta região, e a Vicência ainda durou cinco dias sendo cuidada pela avó de Dona Odília na comunidade Fazendinha a três quilômetros de Cantinho. Dona Odília relata o acontecido com muita veemência para quem quiser ouvir. De tão fraquinha, diz Dona Odília, durou apenas cinco dias e faleceu. Foi ela quem relatou toda a história da retirada. As três irmãs combinaram para se separar por dois motivos: primeiro para não assistirem a morte umas das outras e segundo, porque sendo três ficaria difícil encontrar uma hospedagem, visto que a situação das famílias era muito precária. Quando morreu foi a primeira pessoa a ser sepultada próximo às casas de famílias onde hoje é o cemitério desta comunidade. Quando alguém os visita eles fazem questão de levá-lo até o cemitério e passam a contar a história de Vicência e falam dos milagres já alcançados pela alma da ‘santa retirante’.

Esses fatos que todas as pessoas conhecem fazem parte não só da história do povo dessa região, mas estão marcados na identidade das pessoas. São relatos sagrados e respeitados, mitos e lendas vivas que vão sendo contados de pais para filhos, passados de geração para geração. Torna-se um constrangimento caso alguém se refira a Maria Alves sem o adjetivo de santa. É uma ofensa! Nunca será necessário que um papa faça os trâmites de beatificação de Maria Alves. Foi o próprio povo que decidiu isso, porque ‘a voz do povo é a voz de Deus.’ A menina morreu de fome e de sede, em tempo de seca, era inocente e inocente que morre de fome é santo.

### **1.5.5 Em troca de pão, a terra**

Toda essa realidade e essas marcas que ainda hoje se manifestam no corpo, no jeito de ser de muita gente nesta região, no modo de falar, nas cantigas, nas histórias e em todas as

formas de viver, ainda se tornavam piores e mais cruéis devido à exploração vinda da parte de alguém que tinha poder e se aproveitava do fenômeno da seca. Quem se aproveitava eram aqueles que possuía armazéns de cereais, quem possuía terra, pois esses iam trocando farinha, arroz, feijão e milho, primeiro pelos animais que os habitantes da regiões ainda possuíam e depois pela força de trabalho, um tipo de trabalho escravo que o pouco que ganhavam nem dava para se alimentar. Finalmente trocavam a terra por alimentos, pois insistiam em não sair da terra em que nasceram, nem que para isso se tornassem escravos. Era uma situação comparável a que aconteceu no Egito no tempo do reinado de José. (cf. Bíblia, livro do Genesis 47, 13-26). É o Senhor Francisco Anísio, da Comunidade Nazaré, que faz essa comparação da seca do Egito com a seca de 1932. É bom que seja acrescentada aqui uma poesia<sup>22</sup> sobre a referida seca:

Trinta deu a cacetada  
Em cima do cabelouro;  
Trinta e um veio e sangrou,  
Trinta e dois tirou o couro;  
Quem escapa desta vez,  
para entrar trinta e três,  
já foi com cara de choro.

Quando formava uma chuva  
Para o lado do nascente,  
Da largura duma tábua,  
com quatro arcos na frente;  
Eu pela chuva esperava,  
lá em casa não passava,  
era parença somente.

A seca marcou a história de muita gente. Muita morte e retirada, e é nessa época que o senhor Francisco Anísio nos conta da perda da terra de seus pais e de quase toda a população de Nazaré, nesta região. Segundo um diagnóstico levantado pela UFPI ( Universidade Federal do Piauí em 1997), de 245 famílias, apenas sete famílias tem terra para morar e trabalhar. As

---

<sup>22</sup> Literatura de cordel de Leandro Gomes.

outras têm de trabalhar em terras alheias e possuem apenas o lote de terra onde construíram a casa própria porque compraram mais tarde. Em um trecho de uma poesia que retrata a história dessa comunidade, um grupo de jovens descreve o seguinte: (...) *A terra era boa e fértil./ todos podiam plantar. Ninguém vivia agregado./ porque tinham onde morar. O povo vivia de roça, caça, pesca e criação. Todos viviam felizes./ Sem precisar se humilhar. Desse povo nasceu João./ homem esperto e astucioso. Era trabalhador./ Porém muito invejoso. Foi armazenando coisas./ Éta homem guloso. Nas secas que foram acontecendo./Ele foi se aproveitando. Enchendo paiol e surrão./ E por objetos trocando. Ouro, terra e dinheiro./ Arroz, milho e feijão. Tomou tudo o que o povo tinha./ Começou a humilhação. (...).*

Como esse senhor, muitos outros foram acumulando bens e enriquecendo, causando assim o sofrimento e humilhação de muitas famílias e povoados até os dias atuais.

Diante do mapa traçado em todo esse capítulo, defendo que esse é o retrato do sertão. Berço onde nascemos e crescemos. Somos o suor do sol escaldante dos meses de setembro a novembro. Somos, por vezes, o retrato da fome, do medo da seca e da morte, somos o semblante sombrio das marcas da triste partida. Mas também somos a esperança do reencontro, somos a esperança de um bom inverno e de sucesso, somos a música, a dança, a alegria do calor solar que se retrata em nossas amizades. Somos o aboio do vaqueiro, o cangaço do Lampião, A garra dos Tapuios e Kariris, os peregrinos aos santuários de Padre Cícero, de Canudos, de São Francisco, de Maria Alves e outros, para pedir a graça dos santos beatos para termos saúde, pedir a benção de um inverno próspero, a proteção de nossos animais e de nossas lavouras. Somos sertanejos e sertanejas, homens e mulheres de olhos voltados para o cosmo, para a natureza e com essa relação nos enriquecemos de saberes que só nós somos capazes de ter, porque são adquiridos não apenas pelo raciocínio, mas pelos sentimentos. Os saberes que brotam do coração vão passando gratuitamente de geração para geração, através das práticas de nossos rituais e simbologias; contos, cantos, lendas e histórias de resistência aprendidas de nossos mitos como forma de sentido próprio e de elementos que nos identificam. É verdade que às vezes demonstramos uma aparência pacata, sonolenta, irracional. É o efeito hibernando, mas na hora de atuarmos, rompemos barreiras, nos erguemos, vamos à luta, pois antes de tudo, desde nossos primórdios, somos “um forte”.

## CAPÍTULO II

### 2. O MITO DA CHUVA E SUAS RELAÇÕES COM OS PROFETAS

A seca, apesar de causar morte, dor e sofrimento, é parte indiscutível na formação do homem e da mulher do sertão. A composição estrutural desse povo está enraizada no fenômeno da seca, através do conhecimento de pessoas que dedicaram a maior parte do seu tempo e por meio de sua sensibilidade procuraram entender os segredos e mistérios dos astros, da lua, do sol, das plantas, da terra, enfim, de toda a natureza, com a finalidade de encontrar uma resposta para o fenômeno da seca e viver bem no sertão. O marco central de tamanho saber se encontra nas palavras do profeta da chuva Francisco Leiteiro, cearense, quando diz: “ *De letra não entendo quase nada não...mas de natureza... é outro livro aberto. As vezes o cabra diz: “ Como é que você entende?” Meu amigo, ver é uma coisa, conhecer é outra.* ” ( K. MARTINS, 2006,).

Este capítulo será marcado pelos sentimentos de sabedoria desses homens e mulheres que voltam seus olhos e seu poder sensitivo para a natureza e encontram nela respostas e consolo para suas dores. Como fonte de aprofundamento tomei como base o texto de Karla Patrícia Holanda Martins, Profetas da Chuva. Fortaleza, 2006 e outros autores que tratam da mitologia.

#### 2.1 Os Profetas da chuva

“*A Natureza é um livro aberto. Ver é uma coisa, conhecer é outra*”. Diante da mentalidade racional capitalista é um desafio buscar inspiração nos saberes de simples pessoas como os profetas da chuva. Mas é fascinante e estimulante analisar uma sabedoria nascida do chão, produzida no cotidiano através de todos os elementos que a cercam. Uma sabedoria assim deve sair do anonimato e não pode se perder em meio ao consumo desenfreado do capitalista por nascer da experiência vivida em relação com todos os elementos da natureza e da necessidade de uma resposta própria para os segredos da vida. Segundo Frederico de Castro, ( in Profetas da Chuva 2006. P.1), a natureza tem suas astúcias, seus segredos revelados a poucos escolhidos e são estes segredos que os profetas da chuva decifram em minúsculos sinais – inacessíveis aos olhos dos cientistas! Assim eles descobrem

os segredos no ritmo do tempo, na paisagem, nos hábitos dos animais, nas cores do céu, nas plantas e em muito mais coisas que só eles sabem. Tudo isso tem a ver com a vida cotidiana do sertanejo baseada em suas alegrias, suas misérias e suas expectativas de vida. Daí nasce a sensibilidade da previsão das coisas misteriosas naturais e sobrenaturais. Prever a chuva é prever a safra e todos os rituais que com ela poderão ser realizados: alcançar o trovão de janeiro é graça de Deus por ter vencido mais um ano de vida. O recolhimento da família em casa, durante a chuva, é um ritual de respeito à natureza, às forças do alto manifestadas pelo relâmpago e o trovão. O banho de riacho com água benta na madrugada de Sábado Santo, a partilha dos frutos na Semana Santa, a colheita, a festa de São João, a possibilidade do casamento, como canta Luís Gonzaga, na canção A Volta da Asa Branca. Mesmo diante de toda essa epopéia de sabedoria, é preciso que nos perguntemos: o que é um profeta? No imaginário social dominante no cenário atual, certamente uma figura do passado: barbudo, vagamente estranho, testemunho remanescente de um tempo em que se acreditava que a vida era destino e que um plano divino governava o universo e a existência humana. Boa parte da desconfiança em relação à idéia de que profetas e profecias são coisas que deveríamos levar a sério hoje em dia, pois estes vêm de uma associação quase automática com adivinhação e fatalidade. Profeta seria aquele predestinado que se acredita capaz de descrever um futuro inexorável que, de alguma forma, já estaria lá para ser visto? Nossos dicionários consagram este entendimento: o *Aurélio* fornece exatamente esta significação para a palavra profeta. Apenas em sentido figurado o dicionário admite que profecia possa ser entendida como hipótese, suposição ou conjectura. No *Houais* a primeira definição de um profeta é a de um vidente e adivinho; só secundariamente o dicionário acolhe outra significação, a do “indivíduo que prevê acontecimentos futuros por dedução ou intuição”, além de admitir a significação (por extensão) de profecia como “anúncio de acontecimento futuro feito por conjectura”. Profetas na Bíblia foram aquelas pessoas que não aceitam injustiças e por causa disso arriscavam a sua própria vida em nome da verdade. Anunciavam a justiça e denunciavam as injustiças de sua época, de modo especial frente aos impérios e às idolatrias religiosas.

Falar em conjecturas, inferências, deduções e intuições para definir o que seja uma profecia já significa dizer que o futuro da paisagem descrita numa profecia é, em alguma medida, uma construção da mente humana. Sai-se do campo da predestinação e da fatalidade para um universo de possibilidades e de possíveis. Já não se trata de uma visão antecipada do

futuro, mas do exercício de configuração de um horizonte de probabilidade que nos espera no amanhã. Profecias e profetas deixam de habitar um mundo supra-humano para se aproximarem da nossa experiência humana, preocupados em diminuir o sentimento de incerteza quanto ao futuro, dotando-o de algum grau de previsibilidade. Esses reparos ajudam a espanar clichês e imagens estereotipadas, mas na verdade pouco nos ajudam a perceber a verdadeira riqueza contida nas falas dos profetas da natureza. Os profetas se apresentam na verdade como *porta-vozes da natureza*. É por se situarem nesta posição que suas falas atravessam a esfera imediata das predições sobre os invernos e as estiagens para se projetarem implicitamente numa visão sobre a natureza e o modo de conhecê-la, as relações entre os corpos e o mundo da vida e as relações entre os humanos. (BEZERRA JR , in Profetas da Chuva, 2006, p. 126).

Já para Clerton Martins, 2006, o trabalho do profeta da chuva no sertão se confunde com a própria subjetividade. Trata-se de algo que se aprende enquanto valor de ser do lugar, algo de identidade e dignidade que brota no processo de acumulação no grupo social de referência. O pai orienta o filho na sua atividade influenciando-lhe no caráter, demonstrando-lhe valores, como se apresenta na fala de Chico Mariano, de Quixeramobim, Ceará:

*Quando eu cortava um pé de legume, aí ele (o pai ) voltava e ia na frente e eu era pequeno, eu ia lá atrás e ele ia lá na frente. Aqui e acolá ele olhava pra trás, ele tava me ensinando a trabalhar.*

Observando a terra, os bichos, o tempo, o cosmo, trabalhando com a enxada, interagindo com outras pessoas, atuando como um agente receptor das tradições repassadas pela experiência dos mais velhos, acumula-se no trabalhador profeta sertanejo um saber mitológico que resulta em uma ciência para aquele contexto, onde o conhecimento gerado pela ciência da modernidade, da razão e da técnica e a ciência empírica do conhecimento popular tradicional repassado e experimentado pela vivência do grupo explica, orienta e dá sentido ao existir.

Os profetas da chuva têm a sensibilidade de prever a chuva para afastar todas as tristezas, os desânimos, mas, sobretudo, prever a abundância, contrária à fome. Assim, oferecem uma visão do mundo e uma apreciação sobre a vida. Num contexto pleno de

adversidades eles recusam a impossibilidade, a impotência e o ressentimento por todas as dificuldades e humilhações que já passaram por causa do descaso social e político. Agindo para conhecer melhor o mundo, ampliam a capacidade de agir de todos ao seu redor. Sua forma de ver a natureza torna um ambiente muitas vezes hostil em um lar a ser habitado. Por meio de suas percepções, a prosa do mundo se torna legível, e a esperança, possível (MARTINS, 2006,p.130). Segundo a antropóloga Karen Pennesi, a previsão de chuva é uma boa oportunidade para refletir sobre a interação contínua entre **linguagem, identidade social e cultural** que contribuem para a construção da identidade do previsor cujo sinal presente é a humildade e o respeito pelo Criador. Os profetas atribuem a sua sabedoria não como sua, mas como dádiva de Deus . É assim que fala Antonio de Quixadá- CE: “*O home, sobre a Deus, não sabe de nada. Ninguém num sabe de nada do segredo de Deus*”. Os profetas têm o conhecimento, mas deixam a grandeza para Deus. É o mito: Deus é quem manda a chuva. É diferente do cientista que se basta a si mesmo. A mensagem que os profetas querem transmitir é uma mensagem de otimismo, de fé e de esperança. Eles aparentam sempre um ritmo alegre, não desesperador. Indagado sobre isso, Chico Leiteiro, de Quixadá, responde: “*É porque a gente nunca se deve perder a esperança né*” ? “*A esperança é a última que morre*”. *A gente tem aquela fé e Deus dá a força que o cara alcança* . As previsões são cheias de expressões do tipo: “ se Deus quiser”, “com fé em Deus” “Deus é quem faz”, “Quem sabe é Deus”. Os profetas sempre procuram o lado positivo das situações. E isso não significa passividade. É um marco de resistência. Quando são trapaceados pelos políticos, a sociedade consciente deve procurar uma outra forma de conscientização, mas tirar do povo o mito de que a chuva é dom de Deus não o ajuda em nada. Pelo contrário, confunde. Os profetas conhecem os processos científicos da chuva, através das suas observações dos sinais da natureza e dos astros, mas preferem continuar acreditando nos ‘*poderes do divino*’ . É assim que fala D. Joana, profetisa da chuva da Comunidade Tapera, para se auto afirmar como pessoa : “*eu acredito nos poderes do divino*”. Na relação com o mito da chuva, todos os sinais e símbolos da natureza formam um conjunto dos elementos de identidade. A pessoa, sertaneja é dotada de fé e esperança e isso ajuda na resistência. E não só isso, a profecia, de acordo com Marcio Acselrad, (in: Profetas da Chuva, p. 121), visa estabelecer uma ponte entre dois mundos separados há muito tempo: “*O mundo da natureza e o mundo da cultura, o mundo da criação e o mundo da criatura*”. Para tanto, os profetas se valem de sinais que carecem de interpretação. Trata-se, portanto de estabelecer uma correspondência entre o que nos sucede e

o conhecimento que podemos adquirir sobre esse sucedido, de modo tal que se possa agir sobre aquilo que nos determina, passando da condição de seres passivos a agentes do destino.

No caso específico destes profetas o elemento em questão é a chuva e suas múltiplas conseqüências para o destino da comunidade: temos bom inverno? Haverá colheita? Passaremos fome? São diversos fatores que estão em jogo. É por isso que a chuva se tornou o grande mito do povo dessa região. A chegada da chuva ou a falta dela coloca em apuro toda uma situação que poderá ser favorável ou desfavorável à vida ou à morte. Seca é uma palavra desesperadora: as folhas caem, a terra seca, somem os pequenos animais como pássaros, sapos sobrevivem sem tanto sofrimento nos seus habitat. Mas o gado morre, as pessoas sofrem. É o que se confirma nas palavras do profeta Paroara- CE. *“É horrível. É pior do que você ser bem pequenininho, desobedecer a seu pai e levar uma pisa. É muito mais pior. Só traz dificuldade, doenças horrorosas e miserabilidade para o povo. A chuva é fonte de vida de todos os seres, a terra fica verde, florida e cheirosa.”*

## **2.2 Tá Bonito pra chover!**

Dizer que as nuvens são escuras é uma ofensa para seu José Inácio, sertanejo de Milton Brandão – PI: *“Quando são escuras é porque a chuva é com vento. Acho bonita a chuva, o relâmpago, o trovão. A chuva não dá prejuízo a ninguém. A chuva só traz coisas boas: é milho, feijão; tudo verde. Repare que pode está tudo caro e quando chove aparece até o peixe”.*

Tá bonito pra chover é a forma de alegrar o sertão.

*Quando vai chover, as formigas se assanham, a terra fica quente, parece mudar de lugar: a formiga vai e tira seus filhos bota noutra canto porque se chover vai molhar; os passarinhos pega a cantar nas suas moradias porque se alegram elogiando a Deus que vai mandar o melhor; o sapo que mora naquele buraco seis meses ele vai também se alegrar porque vai chover . ( Antonio Lima, Quixadá –CE)*



A alegria dos pássaros é um elogio a Deus o doador da chuva que traz abundância ao sertão.

A chuva é a resposta para a carestia e para a fome. É sinal de liberdade. Tá bonito pra chover é o sopro que torna livre a esperança sertaneja. Concretiza o sonho de liberdade e devolve o brilho nos olhos cinzentos por causa do medo e da vergonha que a fome traz. É brisa leve que sossega e acaricia os rostos de quem sofre pela falta de ética de uma sociedade impedida de estabelecer a partilha e fechada em si pelo egoísmo; capaz de produzir rostos entristecidos, envelhecidos precocemente. Tá bonito pra chover. *“Beleza é o nome de qualquer coisa que não existe que dou às coisas em troca do agrado que me dão”* (Fernando Pessoa).

Em troca da alegria sertaneja, a chuva é algo de mais belo embora possa causar estrago, mas para o povo do sertão ela não dá prejuízo a ninguém.

*A seca é horrível só traz dificuldades, doenças horrorosas e miserabilidade para o povo. Mal-dizença: Aqueles que entendem pouco as coisas soltam palavrão, coisa que eu não gosto. Tô com quase setenta anos, nunca abri minha boca pra soltar um palavrão. Graças a Deus até hoje.* ( Paroara – Quixadá- CE).

Tá bonito pra chover é a frase que tem um som desconhecido no mundo de quem nunca passou pelo flagelo da seca, mas para os nossos ouvidos é o som da esperança!

De toda essa riqueza de sabedoria dos rastreadores da natureza, espalhados em todo o sertão nordestino para adivinhar como vão ser os meses de inverno é que nasceu a organização dos profetas da chuva no Sertão do Ceará e em Pernambuco. Os profetas se reúnem uma vez por ano no segundo sábado de janeiro para fazerem seus prognósticos do inverno que se inicia.

Fazendo um comparativo dos profetas com a meteorologia, tudo, ou quase tudo, está relacionado com as previsões científicas. Enquanto os profetas observam a estação primavera, os meteorologista observam as imagens de satélite e prestam atenção nas formações das Zonas de Convergência do Atlântico Sul, pois elas indicam que, se estiverem ativas nos

primeiros dias do mês de setembro as chuvas de pré-estação para a região sul do PI irão acontecer entre a normalidade (climatologia).

### 2.3 O Mito

Cada povo tem os seus mitos. No mito, o povo diz quem ele é, de onde vem, onde vive e para onde vai. No mito, o povo descreve como se relaciona com a natureza, com a terra, consigo mesmo, com Deus [...] O mito explica os lugares (espaço) e estabelece os ritos e as festas (tempo) (MESTER e OROFINO, 2007 p.22). Assim são espalhados no mundo todo diversos mitos sobre os fenômenos da natureza e a chuva é mito para diversos povos.

Patrício Guerrero apresenta o mito como versão sagrada de um povo:

*O mito é um relato sagrado. É um discurso com muitas formas de falar do passado e do presente. Todas as culturas que desenvolvem um mito querem desenvolver uma forma de sentido próprio. O mito é igual à ciência: a ciência explica o mundo pela razão epistemológica, o mito explica o mundo pela sabedoria poética e simbólica (GURRERO, presencial, junho, 2007).*

Já para Lévi-Strauss um mito para ser compreendido, deve-se, pois, escolher entre a simplicidade e o sofismo. A mitologia será considerada um reflexo da estrutura social e das relações sociais:

É expressão de fenômeno natural

Uma reposição verídica do passado

Uma justificativa dos fatos

Um conflito da própria cultura.

Martins Claret caracteriza o mito com quatro funções básicas: A primeira é o mistério. Para ele os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. A segunda é a dimensão cosmológica, a dimensão da qual a ciência se ocupa – mostrando qual é a forma do universo, mas fazendo-o de tal maneira que o

mistério, outra vez, se manifesta. A terceira função é a sociológica, voltada para a ordem social. Aqui os mitos variam tremendamente de lugar para lugar, de poligamia, de monogamia e foi essa que assumiu a direção do nosso mundo e com todas as mudanças agora está desatualizada. E uma quarta função ainda é a pedagógica, a que ensina como viver uma vida humana sob qualquer circunstância.

Para os Pawnee (Coleção Debates, mircea eliade- mito e Realidade), os mitos estão classificados como “histórias verdadeiras” – das fábulas ou contos que chamam de histórias falsas. E incluem entre as “histórias verdadeiras” todas aquelas que tratam das origens do mundo. O mito lhes ensina as “histórias” primordiais que os constituíram existencialmente e tudo o que se relaciona com sua existência e com o seu próprio modo de existir. Por isso, conhecer os mitos é aprender a origem do sagrado das coisas.

#### **2.4 O mito da Chuva.**

Talvez você já ouviu falar de Tor e de seu martelo. Antes de o Cristianismo chegar à Noruega, acreditava-se no Norte que Tor cruzava os céus numa carruagem puxada por dois bodes. E quando ele agitava seu martelo, produziam-se raios e trovões. A palavra “trovão” – *Thor-døn* em norueguês – significa originariamente “o rugido de Tor”. Em sueco, a palavra para trovão é *åska*, na verdade *ås-aka* – que significa a jornada dos deuses no céu.

Quando troveja e relampeja, geralmente também chove. E a chuva era vital para os camponeses da era dos vikings. Assim, Tor era adorado como o deus da fertilidade.

A resposta mitológica à questão de saber por que chovia era, portanto, a de que Tor agitava seu martelo. E quando caía a chuva, as sementes germinavam e as plantas cresciam nos campos<sup>23</sup>

Esta era a explicação *mitológica* para o funcionamento da natureza e para o fato de existir sempre uma luta entre o bem e o mal. Mas não se tratava apenas de explicações. As pessoas

---

<sup>23</sup> **O mundo de Sofia** De **Jostein Gaarder** Cia. das Letras, São Paulo, 1998 Tradução de João Azenha Jr.

não podiam simplesmente ficar sentadas de braços cruzados, esperando pela intervenção dos deuses, quando catástrofes tais como secas e epidemias as ameaçavam. As pessoas precisavam elas mesmas participar dessa luta contra o mal. E isto elas faziam através de toda a sorte de cerimônias ou *rituais* religiosos.

Um mito é uma história de deuses ou deusas e tem por objetivo explicar por que a vida é do jeito que é. No mito da criação do mundo, Deus separa as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento. (Bíblia de Jerusalém, livro do Gênesis 1, 7).

O mito da chuva no sertão é inspirado no mito da criação do mundo do livro do Gênesis na Bíblia. Deus é quem dá a chuva, mas segundo a tradição bíblica que o Evangelho de João transmite, Pedro foi quem ganhou a confiança do Filho de Deus para apascentar o seu rebanho. (João 21, 15-17). Na tradição católica Pedro é o dono das chaves do Céu.

O mito da chuva no sertão está fundamentado nesta tradição e se constituiu assim: Deus é o Senhor da criação. Ele é quem dá a chuva. Mas São Pedro é o dono das chaves do céu e, além de julgador das almas, é o intermediário de Deus que dá a chuva. Com as chaves Pedro abre as portas, a água vai descendo e formando as nuvens e a chuva cai fecundando a terra.

Na constituição do mito da chuva há diversos intermediários. São as divindades intercessoras de Deus: São José que é operário, por isso, é sensível à aflição dos lavradores. Santa Luzia que foi mártir e seu sangue precioso tendo sido derramado, ajuda a fecundar a terra. São Sebastião, também por ter sido mártir, seu sangue fecunda a terra. Além disso, ajuda a expulsar as doenças do rebanho e as pragas na lavoura. Outros intercessores da chuva são os nordestinos retirantes, já citados acima, que morreram de fome e de sede nas retiradas em anos de seca, como Santa Maria Alves, e outros onde os peregrinos fazem suas romarias aos seus santuários espalhados em todo sertão nordestino.

Um mito pode ser o acontecimento que se reproduz com os mesmos detalhes em diversas regiões da terra. Como compreender que de uma região da terra a outra, os mitos se parecem tanto? Quer dizer: os sentidos do mito não dependem dos elementos isolados, senão

do modo de combiná-lo. É que os mitos pertencem à ordem da linguagem e estão formados por unidades constitutivas como: o sol, as estrelas, a lua, as plantas, os bichos e todo o conjunto de sinais que se reduzem a uma relação. O mito da chuva no sertão nordestino está composto destes elementos que ajudam o povo a perceber os sinais de chuva.

Lévi-Strauss quer analisar o mito como realidade em si. Só é mito quando se o percebe como tal. É uma linguagem formada por elementos constitutivos.

Os elementos do cosmo como o Cruzeiro do Sul, caminho de São Tiago (via-lactea), a barra de natal (solstício de inverno) e a estrela Dalva (planeta Vênus) fazem parte dos sinais da natureza que constituem o mito da chuva nas comunidades Tapera/Boa Esperança.

A verdade do mito não reside em seu conteúdo privilegiado, senão nas relações lógicas desprovidas de conteúdos. Quem elabora o mito tem uma espiritualidade voltada para o mundo e as situações onde vive e é fundamentada nesta e em muitas outras concepções do mito. Desta forma, pode se dizer que o mito da chuva no sertão está dotado de uma linguagem completamente vivenciada no dia-a-dia do povo e em suas necessidades. O ano inteiro os sertanejos camponeses, especialmente os mais idosos, estão voltados para a convivência com a chuva. O corpo é a ferramenta mais utilizada para os rastreadores da chuva. Todos os órgãos do sentido estão voltados para a natureza. Lévi-Strauss, na sua análise sobre mito e estrutura, considera que no mito se descobre o destino ordinário e o destino heróico. O mito da chuva como destino ordinário pode ser visto e sentido nos rituais, nas experiências, nas observações que vão acontecendo durante o ano pelos sinais simbólicos da natureza e o destino heróico acontece pela força da resistência deste povo que, para suportar todo tipo de humilhação, descaso e sofrimento, se apegou ao mito. Em vez de estar chorando e se lamentando, volta sua atenção aos sinais que lhe ajudam numa relação com a vida.

Os pensadores do Estruturalismo Francês, (1898) e Sigmundo Bohannon e Glazer (1993) deduzem que deve haver uma correspondência entre a mensagem inconsciente de um mito, o problema que procura resolver e o consciente. Quer dizer: a trama que elabora para alcançar os resultados.

Para Leonardo Boff, o mito não tem autor, pertence à sabedoria comum da humanidade, conservada pelo inconsciente coletivo sobre a forma de grandes símbolos, de arquétipos e de figuras exemplares.

Quando se faz uma análise da sabedoria dos profetas da chuva encontramos na dimensão simbólica uma riqueza esplandecente entre o céu e a terra. São os fenômenos naturais e sobrenaturais que interligam a beleza com a necessidade de explicação do fenômeno da seca, mas também são elementos que fazem parte do cotidiano das pessoas desta região.

Na ótica de L. Boff o mito pode ter uma visão ocultadora e reducionista da realidade quando trata de ideologias como o mito do bom selvagem ( indígenas), a mulher é sexo frágil ( cultura patriarcal), o mito do negro preguiçoso, entre outros. O mito reducionista, para Boff, tem uma dimensão sim-bólica e dia-bólica aparenta fragilizar a pessoa como os exemplos citados acima. A outra forma está direcionada a pessoas que deram seu testemunho de vida como: Dom Hélder Câmara, Luther King e outros. O mito deve fazer o diferencial da razão. Utiliza imagens, símbolos, contos e cantos para evocar sentimentos profundos; expressar o que dá valor e sentimento ao ser humano, toca o coração e provoca emoções. (BOFF Leonardo, Saber Cuidar 2004, p.57).

Diante desta referência, no mito da chuva o que mais tem tocado os corações é a música que expressa todo um sentimento histórico da vida do povo sertanejo, de sofrimento, mas também de alegria, de profecia, de alerta, como o hino das cisternas, de Gogó, que trata do cuidado com a natureza .

Você ainda vai lembrar dos passarinhos, e dos bichinhos que precisam de beber.

São dons de Deus, nossos irmãos , nossos vizinhos

Fazendo isso honrará a são Francisco,

A Ibiapina, Conselheiro e Padre Cícero.

O mito expressa sempre representações da consciência coletiva, dita e redita em cada geração. Como diz Joseph Campbell: “ Os sonhos são mitos privados, os mitos são sonhos partilhados”.

## AS COMUNIDADES TAPERA/BOA ESPERANÇA.

### 2. 5.1 Características geográficas.

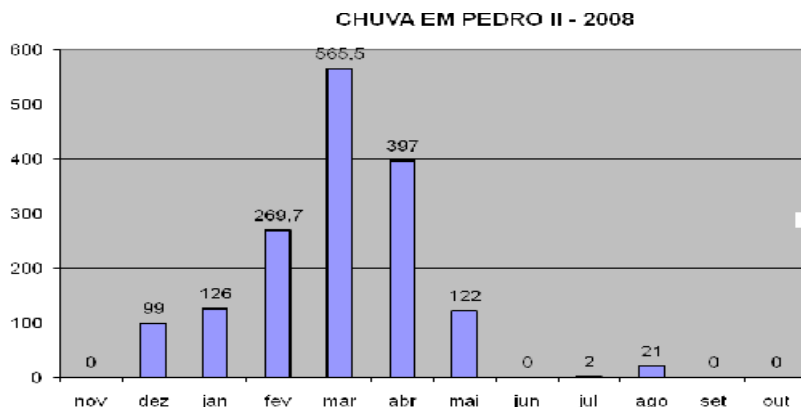


Figura 06: Fonte: dados pluviométricos da Associação de Moradores da Comunidade Tapera

O estudo se centraliza nas comunidades de Tapera/Boa Esperança, situadas no semiárido nordestino, no Município de Pedro II, Estado do Piauí, em uma região que se limita (área de litígio) com o Estado do Ceará, a 6 km da

fronteira, a Leste; ao Sudeste com a comunidade Tucuns dos Bragas; ao Norte com a Comunidade Madeira Cortada e ao Oeste com a localidade Bananeira, a 35 km da cidade de Pedro II. As comunidades Tapera/Boa Esperança distam 4 km uma da outra, porém, desenvolvem muitas atividades sócio-culturais e religiosas em comum. Têm uma população de cerca de 191 habitantes. A precipitação pluviométrica anual da região onde se situam as duas comunidades é em torno de 300 a 500 mm/aa, e caracteriza-se por sua irregularidade, como de resto ocorre com as demais comunidades do município como retrata a tabela acima.

Figura 07: Mapa da região de Pedro II. Fonte: Google Earth



A região está situada entre duas cordilheiras: a cadeia de Serra da Ibiapaba e a Serra da Cangalha que formam encostas quase verticais. A serra da Ibiapaba é conhecida popularmente como ‘Serra Grande’, no estado do Ceará. Enquanto a serra da Cangalha está situada no estado do Piauí e forma um grande abismo que separa as terras sertanejas da região serrana.

Dessa forma, as comunidades mencionadas acima, inclusive Tapera/Boa Esperança, estão localizadas no polígono das secas, sendo muito mais castigadas pelas correntes de ar seco e pela evaporação das superfícies líquidas. É conhecida popularmente como o ‘outro lado da montanha’ e fica na sombra da chuva, onde chove menos e evapora mais. A principal característica vegetal é a Caatinga rica na diversidade de plantas rasteiras, espinhentas, aparentemente sem vida no período de verão; aparentando espécies reduzidas dos desertos com poucos gêneros de árvores, tendo todas as mesmas conformações, as mesmas aparências de vegetais morrendo. Durante o verão (junho a dezembro), elas transmudam-se em lenta metamorfose e resistem a esse período porque se alimentam das reservas armazenadas no solo para se tornarem deslumbrantes quando chega a chuva. É uma mudança apoteótica! Os carnaubais verdes balançando as grandes folhas como se quisessem voar ao som do vento e dos trovões. As floradas dos sabiás, das getiranas, dos besouros, das juremas e dos marinhos formando um tapete colorido que encanta os olhos de quem passa por esta região. Toda a natureza desponta e vibra tão alegre quanto as pessoas que ali residem e esperam o ano todo ver esse fenômeno acontecer.

### **2.5.2 A organização social da comunidade**

É uma comunidade que gosta de se encontrar à noite, nos terreiros para conversar e ainda brincam e cantam cantigas de roda com as crianças. Algumas pessoas mais idosas relembram seu passado fazem a memória de sua história e também contam os mais variados contos de fada, histórias de caçadas e histórias de rei e rainha. Essas apresentam muita maldade e exploração. Nas histórias de rei e rainha quase sempre aparece a figura de uma negra ou de um negro que serve ao rei como escravo. Geralmente, no final, um homem pobre acaba conquistando a princesa, a filha do rei e se torna poderoso e rico.

A Associação comunitária é outro espaço de reunião. Foi na associação que resolveram conquistar a terra, e graças a sua organização, hoje já foram desapropriados mais



de três mil hectares de terra para famílias espalhadas na região. Na Associação buscam também a energia elétrica, pois mesmo com a terra desapropriada não conseguiram ainda os benefícios do governo que são de direitos para um assentamento. O espaço religioso e de celebração é o que mais os atrai. Quinzenalmente se encontram para ler a Bíblia.

A anfitriã D. Joana, de 90 anos, e o Senhor Antonio, de 80 anos, são os que motivam ainda hoje a espiritualidade das comunidades. Nos encontros de associação, estudos bíblicos e celebrações da Palavra de Deus participam mulheres, homens, jovens e crianças. Tudo para eles é motivo de riso e apresentam aspectos saudáveis e felizes. Uma das maiores lamentações é a saudade dos parentes que migram para os grandes centros industriais do país.

### **2.5.3 A composição do tempo.**

Durante a investigação e espelhada em Rosaldo<sup>24</sup> investiguei um homem e uma mulher a respeito do uso do tempo. Como metodologia utilizei a jornada de um dia de trabalho para ver até que ponto eles estão ligados a horários. Então vi que a realidade é igual à realidade ainda de muitos camponeses que não são forçados a trabalhar uma jornada fixa baseados em uma hora de relógio, mas elaboram a sua própria condição de trabalho.

A investigação foi acontecendo espontaneamente sem que ele e ela percebessem que estavam sendo entrevistados. O Senhor Raimundo de Tapera falou que a sua jornada de trabalho acontece da seguinte maneira:

Por volta das 5 horas da manhã acorda e prepara o café e em seguida cuida dos animais. Depois sai para a roça onde cultiva a lavoura. Retorna para casa por volta de 10:50. Em casa almoça e descansa enquanto o sol quebra<sup>25</sup>. Retorna novamente para o trabalho da lavoura e à tardinha cuida dos animais e o restante do tempo é para descansar, conversar em família, visitar os vizinhos e conversar no terreiro, sem se fixar muito em um horário para dormir, mas acha que deve ser a cerca de 20:30h.

Conversei também com a senhora Mariana que é de Boa Esperança. Seu relato quanto ao tempo não é muito diferente. O que mudou foram as tarefas. A dona Mariana, ao contrário

---

<sup>24</sup> ROSALDO Renato, Cultura e Verdade. A reconstrução do análise social. Edições Abya-Yala. 2000.

<sup>25</sup> (expressão utilizada para dizer que passou o horário mais quente - meio-dia)

do Sr. Raimundo, não fez cálculo do tempo. No seu relato ela disse o seguinte: antes do dia clarear já está de pé, faz o café e lava a louça do dia anterior, porque à noite já não tem mais ânimo para fazer nada. Em seguida, varre a casa, busca água no poço e prepara o almoço. Quando a família toda está reunida serve o almoço. Em seguida lava as louças, varre a casa e cuida de alguns reparos de roupas dos filhos que ainda sevem para o trabalho na lavoura. Depois cuida dos animais e serve o jantar.

Às 19h escuta as notícias pelo rádio, um programa nacional, A Voz do Brasil, e depois vai dormir.

O mais importante é que quando tem algum movimento de organização sócio-religioso e político nem o Senhor Raimundo, nem a Dona Mariana dependem de um patrão, não precisam pedir licença a ninguém. Simplesmente deixam os seus afazeres para depois e vêm participar. O Senhor Raimundo chega mais ou menos no horário combinado pelo grupo. Já a Dona Mariana chega sempre muito atrasada, mas chega e justifica seu atraso: “cheguei atrasada devido a labuta de casa”.

#### **2.5.4 A interpretação do tempo do ponto de vista dos que vêm de fora.**

Para os movimentos sociais que os acompanham acham difícil quando é marcado um horário que não é cumprido, porque geralmente as pessoas que os assessoram fazem parte do grupo dos que não tem mais tempo de se sentar, ouvir, conversar. São cronometrados pelo tempo do relógio e não entendem que com aquele grupo social de Tapera/Boa Esperança o tempo funciona de outra maneira: são eles que compõem o seu próprio relógio. O que atrapalha é a morosidade com que as coisas andam entre o povo. Para nós que somos cronometradas, muitas coisas podiam acontecer naquela região que por um lado iriam ajudar na melhoria das condições de vida das pessoas. Porém eles teriam que cronometrar o tempo, andar com mais velocidade, no corpo e na mente. Iriam se cansar muito mais e não teriam a calma que têm hoje. Mas, um pouco de planejamento fazia bem a toda a região. No caso do cultivo da terra seria bem viável se cuidassem da plantação adaptada ao clima da região. Uma plantação para o consumo familiar e a outra para o consumo animal. Agora que possuem a terra fica fácil melhorar as condições de vida sem perder a tranquilidade de camponês.

Percebe-se que as lideranças já estão conquistando esse espaço, mas a maioria das pessoas não entendeu ainda que a vida pode ser bem melhor se for bem planejada. Planejamento não quebra o ritual da composição do tempo como um espaço cultural. À medida que essa temática é tratada por pessoas de grandes centros industriais e até estrangeiros, então o assunto é diferente. As comunidades de Tapera/Boa Esperança recebem visitantes de um grupo da Itália que está financiando alguns projetos de educação, saúde e criação de pequenos animais. Esses quando os visitam e vêem a situação social de longe, sem perceber o que há por trás da “vida calma do povo”, ficam assustados, querem que os projetos andem na mesma velocidade que andam as coisas na Itália. Aí se decepcionam com o ritmo das pessoas. Acontece um choque de cultura e sofrem ambas as partes: de um lado as pessoas da Itália têm de prestar conta do andamento dos projetos para os financiadores e do outro lado as pessoas da comunidade têm o seu próprio ritmo. É um conflito! Certa vez uma italiana que fazia uma temporada na comunidade, acompanhando o processo de andamento da construção de uma escola, disse: “povo de Tapera, povo preguiçoso, eu já estou pegando a preguiça daquele povo”. Não estava falando por mal, mas estava inquieta com a demora da construção do prédio que ela acompanhava. Quem quiser trabalhar nestas comunidades deve se adaptar ao ritmo desse povo.

### 2.5.5 Dados pessoais

Sinteticamente as comunidades apresentam os seguintes dados:

#### Origem da população:

Chegaram do Ceará entre os anos 1915, 1930 e 1970 em período de grandes secas. Algumas famílias vieram da região de Pedro II.

#### Distribuição das pessoas das comunidades Tapera/Boa Esperança por idade e gênero.

<b>Idade</b>	<b>0-9</b>	<b>10-12</b>	<b>13-25</b>	<b>26-60</b>	<b>Acima de 60</b>	<b>Total</b>
Homens	17	22	29	27	11	106
Mulheres	10	17	26	25	7	85
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>39</b>	<b>55</b>	<b>52</b>	<b>18</b>	<b>191</b>
Porcentagem						

<b>Associação Comunitária</b>		
Associação	70	67,96
Partido político, filiados	9	8,74
Estudos bíblicos	24	23,30
<b>Total</b>	<b>103</b>	<b>100,00</b>

<b>Lideranças</b>	
Homens	7
Mulheres	7
<b>Total</b>	<b>14</b>

<b>Público Jovem</b>		
13-25 anos	55	28,80
<b>Total</b>	<b>191</b>	<b>28,80</b>

<b>Renda Familiar</b>		
Agricultura	35	22,88
Pequenos animais	60	39,22
Aposentados	16	10,46
programa do governo-fome zero	36	23,53
Emprego fixo	6	3,92
<b>Total</b>	<b>153</b>	<b>100,00</b>

<b>Migração –faixa de idade entre 13-35 anos</b>		
Homem	19	34,55
Mulher	8	14,55
<b>Total de jovens nessa faixa etária</b>	<b>55</b>	<b>49,09</b>

Na investigação foi detectado também que o número de jovens que observam os sinais da chuva é zero e que as pessoas mais envolvidas já estão com a idade avançada.

## 2.6 O MITO DA CHUVA EM TAPERA/BOA ESPERANÇA

O Mito da chuva nas Comunidades Tapera/Boa Esperança vai de encontro à realidade nordestina, mas como cada povo constitui sua própria história, também nessas comunidades não é diferente. Dona Joana fica de olho nas duas manchas do sul. Segundo ela, próximo à constelação do Cruzeiro do Sul aparecem duas manchas: uma à direita e a outra à esquerda. Quando essas duas manchas aparecem, pode-se esperar que o inverno vai ser bom. Quando tem só uma é porque a outra foi buscar o inverno. Agora, quando não tem nenhuma das manchas é porque é um ano de seca. E explica ainda: “As duas manchas no pé do Cruzeiro do Sul representam o sangue que Cristo derramou na cruz. É por isso que elas estão relacionadas com a chuva: o sangue é água e sendo água se transforma em nuvem, depois em chuva que cai para alegrar a gente, os bichinhos e todos os seres vivos.”

Outro mito das comunidades que é observado tanto pela D. Joana como pelo Senhor Antonio Mestre é o mito do Caminho de São Tiago<sup>26</sup>. O caminho de São Tiago começa a aparecer a partir do mês de maio, mas se torna mais visível no mês de julho, mais precisamente no final do mês, por volta do dia 25 quando se comemora o dia de São Tiago. Quando o caminho de estrelas aparece limpo, é sinal de seca. Quando aparece manchado, com pequenas nuvens, é sinal de inverno bom.

O mito mais famoso na comunidade é o mito da barra de Natal.

Na madrugada do dia 25 de dezembro, muitos camponeses saem para ver a barra de nascimento ou barra de Natal. (Solstício de inverno)<sup>27</sup> Quando o dia vem clareando, se vier acompanhado de uma barra amarela, é porque o inverno vai ser bom. Quando a barra é escura, é sinal de inverno com tempestade e ventania. Quando não aparece a barra, é sinal de seca. A origem do mito, segundo o Sr. Antonio Mestre, está baseada nos camponeses israelitas que, no dia em que Jesus nasceu, notaram que ao amanhecer, o céu ficou todo mudado. Apareceu a barra e os camponeses perceberam que havia acontecido algo diferente. É por isso que até hoje a gente espera a barra de nascimento todos os anos, para saber se o inverno vai ser bom ou não, diz o Sr. Antonio Mestre.

---

<sup>26</sup> Faixa tênua de luz que atravessa o céu noturno proveniente de uma multiplicidade de estrelas em nossa galáxia. Era vista pelos antigos gregos como um “caminho de leite” no céu.

<sup>27</sup> No hemisfério norte o solstício de verão ocorre por volta do dia 21 de julho e o solstício de inverno por volta de 21 de dezembro . pt wikipedia.org/wiki

Existe a hipótese de que tanto o caminho de São Tiago, quanto a Barra de Natal fazem parte do solstício, sendo o caminho de São Tiago o solstício de verão e a barra de Natal o solstício de inverno.

Os relatos mitológicos das comunidades Tapera/Boa Esperança têm sua origem nos sinais do cosmo e apresentam uma relação muito forte com o sangue derramado pelos mártires. A Barra de Natal está voltada para a vida, para o novo que vai acontecer, que vai chegar.

É interessante observar que de um lado os camponeses, profetas, estão ligados com sinais que simbolizam o sofrimento, o sangue derramado pelo testemunho dos mártires, e do outro lado estão ligados a festas, a esperança, ao nascimento, a festa de São Tiago, por exemplo. É a perspectiva do novo que pode acontecer a qualquer hora na vida da gente.

José Vicente<sup>28</sup> descreveu essa linda poesia intitulada de **A barra do nascimento** que retrata todo o envolvimento dos camponeses a espera da barra.

---

<sup>28</sup> Cantor e compositor sertanejo, da vizinha cidade de Crateús no Ceará,

É Natal tempo de festa,  
De presentes, de alegria.  
Tempo de nova  
esperança,  
De renovar a Utopia.  
Tempo de crer no  
Menino,  
Filho da Virgem Maria !  
(...)  
Relembro dos tempos  
idos  
Quando o vovô Manuel  
Nos falava alegremente  
Dos sinais lindos no céu,  
Da barra do nascimento,  
Da noite clara sem véu.  
  
A barra do nascimento,  
Garantia meu avô  
Vem do mar e veste a  
terra.  
É tão linda a sua cor!  
Parece saia bordada  
Nos dedos do Criador.

Ela vem do oriente,  
Lá das bandas de Belém  
Trazendo pra todo o povo  
Anúncio de paz e bem.  
Quando ela chega famosa,  
Bom tempo pra todos  
tem.  
Pra nós aqui desta terra,  
Sujeita à seca e à dor,  
  
A barra do nascimento,  
Alertava meu avô,  
Traz notícia de inverno,  
Faz cantar o lavrador.  
É por isso que a gente,  
Lá na serra e no sertão,  
Que não gasta a noite  
santa  
Com bebedeira e ilusão,  
Sempre acorda bem mais  
sedo  
E o céu lhe traz diversão.  
Muita gente no passado,  
Saia de madrugada,

Subia os montes mais  
altos,  
Contemplava a alvorada.  
Vinte e cinco de  
dezembro,  
Eita data abençoada!  
  
Se não vinha a linda  
barra,  
Ou fraquinha aparecia,  
Sertanejo já ficava  
Sem ter a grande alegria.  
Dizia: Meu Deus vem  
seca!  
Quase sempre acontecia  
(...). **Zé Vicente, Tempos  
Urgentes – Poemas.  
Paulinas , 2000**

A mesma perspectiva dos profetas da chuva de Tapeara /Boa Esperança está presente na poesia de Zé Vicente. As experiências e sinais de um bom inverno é a alegria de viver no sertão. “A barra do nascimento faz cantar o lavrador” pois quem vive no sertão está “sujeito à seca e à dor”. Toda a função do sertanejo e sertaneja está voltada para a relação com a chuva. Quando se começa uma conversa logo se percebe neles um semblante do medo e um semblante da esperança: seca e a dor são contrárias a ‘um bom inverno ou o inverno vai ser bom’. O que impressiona é o duelo entre o medo e a esperança! E os cuidados para que ninguém fale palavrões com a chuva. Não se sabe se é medo ou respeito ao trovão e a relação com o relâmpago. Quando relampeia no mês de setembro para o sul, é porque vai chover, diz o Senhor Luís da comunidade de Saudoso, comunidade situada na área de litígio - Ceará e Piauí. Dona Joana diz: “ O primeiro trovão de janeiro a gente presta a tenção para qual lado foi. O lado que trovejou é onde cria legume”. D. Joana está se referindo aos quatro pontos cardeais: Norte, Sul, Leste e Oeste que também servem de sinais para indicar um bom inverno.

### **2.6.1 A sensibilidade de quem vive em ralação com a natureza**

Para confirmar todos os mistérios da chuva que envolvem as comunidades Tapera/Boa Esperança, escolhi três profetas e uma profetisa para trazer presente as suas experiências e os seus mitos, rituais e sinais sobre a chuva.

### **2.6.2 ANTONIO PAULINO ( ANTONIO MESTRE)**

Filho de Vicente Paulino de Oliveira e Maria do Carmo Sampaio

Data de nascimento: 28 de novembro de 1928

Localidade: Boa Esperança (antiga Madeira Cortada) Município de Pedro II-PI





- **A seca de 1932**

Na seca de 1932 eu tinha apenas 4 anos. Mas me lembro de uma pequena ação. Eu era deste tamanho aqui (faz um sinal com a mão indicando o tamanho que tinha na época) meu irmão só tinha dois anos. Ele estava chorando de fome, sentado à beira do fogo. Minha mãe eu não me lembro para onde tinha ido. Lembro-me que tinha uma panela de feijão nas trempes<sup>29</sup> cozinhando ali no chão. Eu tomei uma colher de pau, fui até a panela e dei caldo de feijão para o meu irmão. Nesse tempo, meu pai teve que sair para trabalhar em outra localidade. Nós não tínhamos nada. Era seca braba. Meu tio ficou cuidando da roça e um dia, minha mãe mandou eu ir deixar um quebra jejum (primeiro lanche da manhã) a ele. Eu muito pequeno me perdi. Quando consegui chegar na roça já era muito tarde, talvez por volta de três horas da tarde. Aí eu voltei com meu tio.

Na idade de 14 anos, em 1942, outro ano de seca, comecei a estudar os sinais da chuva. Meu pai já tinha morrido. Quando ele morreu eu tinha 8 anos. Ele tirou umas mangas e deixou amadurecer. Comeu e após duas horas já estava morto. Nunca se sabe qual foi a causa de sua morte! Naquele tempo a gente não sabia a causa das coisas. Aí ficamos: meu irmão mais velho, o mais novo, uma irmã, eu e minha mãe.

- **O trabalho.**

Com 14 anos eu me dispus: comecei a viajar com os caixeiros comprando farinha. Não podia nem com um costal de farinha para botar nas costas de um burro. Ganhava 500 reis (dinheiro da época), no valor hoje de R\$ 5,00 por dia. Isso era tudo que tinha para sustentar a mãe e os irmãos.

Em 1943 comecei a trabalhar como pastor de animais para o coronel Lauro Cordeiro que morava na cidade, mas tinha rebanhos de animais próximo à cidade. Na mesma época foi descoberto o minério de opala em Pedro II. Eu trabalhava no pastoreio pela manhã e a tarde ia fiscalizar as pedras preciosas quando os garimpeiros as encontravam. Era uma riqueza! Teve um tempo que eu passei a noite todinha escolhendo pedras para o pagamento do engenheiro

---

<sup>29</sup> Três pedras colocadas em forma de um triângulo, com fogo aceso e a panela sobre as pedras para cozinhar ou assar alguma coisa.

que exigiu quase que a metade do produto. Ele exigiu 14 sacas de pedras preciosas. Só que a gente não sabia o valor que esta pedra tinha.

Em 1946 a minha mãe se casou pela segunda vez e me levou para morar com ela, mas não deu certo conviver com o esposo dela.

- **Nova experiência.**

Sempre gostei de ler e escrever. Em 1950 fiz um estudo de 5ª a 8ª série pelo livro Admissão ao Ginásio,<sup>30</sup> com um professor por nome Wilson Araújo. Fiz o curso e passei, mas não tive como continuar com os estudos do ginásio. Casei em 1954, mas já tinha começado a lecionar em 1951. A escola funcionava nas casas de famílias para alfabetizar, ensinar a ler, escrever e a tirar contas, as quatro operações de contas. Foi aí que as pessoas começaram a me chamar de Antonio Mestre e também foi dando aulas que conheci a Joana, minha esposa, que até hoje vivo com ela e sou feliz. Naquele tempo era assim: não tinha professores formados como hoje. Trabalhei desta forma até 1974 quando passei a dar aulas na escola municipal, escola pública na comunidade Boa Esperança, onde moro atualmente. Aposentei-me, mas nunca deixei de participar dos grupos religiosos, de associações e de todos os movimentos que aparecem na região.

- **Os sinais de chuva.**

Comecei a me interessar pelos sinais da previsão da chuva com 14 anos. Primeiro foi através do almanaque que a gente comprava em Juazeiro do meu Padim Padre Ciço. Me tornei ainda mais atento porque motivava ainda mais a visão da gente para observar todos os sinais do tempo: as aves, os animais, as árvores e o céu. Hoje eu presto a atenção a tudo: O mandacaru quando flora no mês de setembro a outubro, só flora com chuva ou com a temperatura fria. Aí quando os agricultores miram os sinais positivos pode procurar terra em lugares altos para plantar. Quando perceber os sinais fracos, procura um terreno baixo para fazer o plantio. Este ano ele, (o mandacaru) já abriu as flores, mas sem chuva. Este ano as curicas<sup>31</sup> já fizeram seus ninhos, isso quer dizer que chove cedo, mas tem outros procurando

---

<sup>30</sup> Hoje atual ensino fundamental de 5ª a 8ª série. Na época tinha um valor comparável a um curso de nível superior.

<sup>31</sup> Periquito, pássaro pequeno da família das araras.

se aninhar agora. Os cavas - chão<sup>32</sup> ainda não estão cavando a terra para porem seus ovos e isso quer dizer que o inverno vai se prolongar. E tem mais uma coisa: quando ele fura perto da ribanceira do rio é que as chuvas são fracas, o rio não vai alcançar o seu ninho.

Aqui é interessante abrir um espaço para comparar as previsões do Dr. Antonio Mestre com a meteorologia:

Os meteorologistas observam os sinais de chuvas próximos para os dias seguintes por imagens de satélites nos canais infravermelho e vapor da água, e seus deslocamentos, aí revisando as possibilidades de formarem as linhas de instabilidades e os aglomerados conectivos que provocam chuvas fortes com duração de tempo de 2 h em áreas isoladas ou em uma determinada região (Mainar Medeiros, meteorologista).

- **A história do gambá.**

Em 1955, no mês de janeiro, ainda não tinha chovido nada. Eu estava preparando o roçado, vinha andando e notei um buraco na ribanceira de um riacho. Também tinha o rasto de animal bem pequeno. Sentei-me em uma pedra e comecei a observar: não demorou muito vi um gambá saindo do buraco com um filhote na boca e colocando longe do riacho. Eu pensei: ai, ai,ai. Vai chover. À noite o relâmpago começou baixinho no canto do sul. Demorou pouco ouvimos o trovão. Eu disse: Viva a Deus e a nossa Senhora! Mais para a meia noite a chuva chegou. No outro dia o riacho amanheceu cheio. Eu falei: viu como os bichinhos brutos são mais sábios do que os seres humanos!

Outra experiência é sobre as manchas do sul. As manchas do sul são mais ou menos um metro de distancia uma da outra, ao pé do Cruzeiro do Sul. Quando está perto de chover uma sai em busca do inverno. Ela dá força à atmosfera para subir e fazer chover. A mancha do sul é a mancha do sangue de Cristo, ela se derrama na atmosfera virando chuva.

Outro grande sinal de chuva é a barra do Natal ou do nascimento. É preciso se levantar cedo para esperar. Às duas horas da manhã a gente já começa a vê-la. Tem gente que espera também a barra do dia primeiro de janeiro e a do dia 6 que é o dia dos três Reis Magos. A barra é amarelinha. A escura indica tempo de ventania. A amarelinha indica inverno bom. Há uns anos atrás, muitos lavradores iam esperá-la no topo de uma serra. Estes que iam é porque

---

<sup>32</sup> Pássaro que faz seu ninho às margens de riachos.

tinham cavalo. Saíam cedo, montados, porque era muito distante. Outros lavradores pobres, que não tinham cavalo passavam à noite caçando a fim de ver a barra.

Perguntado por que a barra é tão esperada, ele responde:

É porque o pessoal do tempo de Jesus percebeu a mudança do tempo na noite de natal: o céu ficou todo mudado. Apareceu a barra e deu para os camponeses daquela região sentirem que alguma coisa havia mudado.

A lua: a primeira lua de janeiro, ao sair, se for coberta é porque o inverno do ano é bom, se não é sinal de seca. Agora uns (profetas) dizem que é para o mês e outros dizem que a experiência vale para todos os meses de inverno.

A Acauã: é um pássaro que muita gente tem cisma. Uns dizem que quando está chovendo se ela cantar é para fazer sol e quando está sem chover e ela cantar é sinal de chuva. Outros dizem ainda: se ela estiver cantando em uma árvore verde é adivinhando chuva e se for em árvore seca é adivinhando seca. E tem ainda a siricora. Essa só canta à beira da lagoa e também só canta andando. Se ela cantar andando de baixo para cima é que o inverno vai embora. Mas se ela cantar andando de cima para baixo é adivinhando chuva.

### **2.5.3 DONA JOANA**

Joana Alves de Sousa<sup>33</sup> (D. Joanhina Clemente)

Pai: Clemente Pereira Barros

Mãe: Maria Clara da Cunha.

Data de nascimento: 19 de abril de 1920 – dia do índio, disse dona Joana no seu depoimento com voz de altivez.

Localidade: Tapera dos Vital, Município de Pedro II-



Falecida em 14 de 10 de 2009

---

<sup>33</sup> Dona joanhina faleceu no dia 14 de outubro de 2009. A entrevista foi realizada durante a investigação em 2008.

- **A Família**

Minha avó Tibúrcia. Todo serviço quem fazia era ela. Era uma mulher respeitada. Depois ficou meu pai comandando os serviços. Os pais de minha mãe eram os meus padrinhos. Naquele tempo era assim: os filhos davam sempre uma criança para os pais serem padrinhos.

- **Herança das experiências.**

A experiência é uma questão de fé. Olho para o tempo e tenho fé. É um sentimento. Observo que o tempo baixa e escuto uma zoadada no ar. Sempre fui cheia de experiências. Aprendi com meu pai e com minha avó Tibúrcia. Quando comecei a fazer as experiências da chuva era mocinha nova. Iniciei preparando a festa de Natal. O presépio, ou lapinha como se costumava chamar também. Eu achava bonito!

Perguntada sobre o que o presépio tem a ver com a chuva, ela responde: As plantas minha filha. Feijão, arroz, milho, melancia que se plantava para enfeitar o presépio; eu plantava as sementes em latinhas no dia de Santa Luzia, dia 13 de dezembro. Quando era no Natal se as plantas nascessem tudo bonitas o inverno ia ser bom, se fossem fraquinhas, o inverno ia ser fraco. Se no dia 25 as plantinhas amanhecessem com orvalho o inverno ia ser bom! O povo vinha de longe, de outras regiões, só para ver a experiência. As plantas que nascessem melhor eram as que iam dar mais produto na safra.

- **O primeiro trovão.**

O primeiro trovão a gente presta a atenção de onde vem. De onde vem o primeiro trovão é de onde vem o inverno. Onde troveja é onde o inverno cria legume. No mês de maio, se chover e trovejar, o inverno do próximo ano é bom, se não trovejar no mês de maio no outro ano o inverno é fraco. Essas coisas eu aprendi com os sertanejos do Ceará.

- **A experiência das pedras de sal.**

É no dia de Santa Luzia. É minha filha, Santa Luzia foi mártir e derramou seu sangue. Sangue é água, por isso, seu sangue jorra nas pedras de sal. É por isso que se faz essa experiência: em uma vasilha, coloca-se seis pedras de sal. A primeira é simbolizando o mês de janeiro, a segunda, fevereiro, a terceira, março e assim por diante, até junho. Se amanhecerem molhadas é porque o inverno vai ser bom. Se tiver umas mais molhadas do que as outras, são os meses nos quais vai chover mais. As que não estiverem molhadas são os meses que as chuvas vão ser irregulares.

Em 1942 fizemos a experiência das pedras de sal: uns botaram no sereno, outros botaram dentro de casa. As pedras das duas experiências deram negativas. Foi seca. Outra experiência ainda de Santa Luzia é a gente se levantar cedinho e levantar uma pedra que ficou no sereno. Se tiver molhado embaixo da pedra é porque o inverno vai ser bom.

Sonhar com milho verde no mês de outubro é porque o inverno vai ser bom. Este ano, por causa da doença não me lembro se sonhei comendo um pedaço de milho verde assado, que outra pessoa me dava. Eu tenho uma vaga lembrança que sim.

- **O casamento.**

Casei-me, vim morar na Baixa Grande, próximo aqui de Tapera, mas é na área de litígio entre o Piauí e o Ceará; quando cheguei lá continuava fazendo a experiência das plantinhas de Natal todos os anos. No início só quem vinha era a dona Maria Rosa que já era mais idosa. Aí a notícia se espalhou e muita gente vinha participar. Ainda hoje tem gente que liga para mim de Brasília, São Paulo, me perguntando se eu ainda comemoro o Natal e se ainda faço as experiências das plantinhas.

Além do Natal a outra experiência é esse vento que corre de baixo para cima, este é vento bom! Quando se nevoa à tarde, pode ter só uma nuvem, o sol baixa e você jura que é uma chuva desfiada. Aquilo ali é experiência boa! Quando é para ser seco, minha filha, o sol, logo que sai, já é vermelho e quando se põe já é vermelho também. Não tem raio nas nuvens, não tem nada.

A quentura da chuva é diferente. O calor da chuva a pessoa sente ele e logo fica querendo suar.

Outra experiência é sobre o carreiro (caminho) de São Tiago e o Cruzeiro do Sul. Eu me levanto de madrugada para espiar. Se ele (Cruzeiro do Sul) tiver aquelas duas nuvens, pode esperar. A gente observa isso em janeiro, na entrada do inverno a gente só vê o Cruzeiro de madrugada. Se ele tiver aquelas duas manchas; é, são duas manchas, aí pode esperar. Se tiver ao menos a mancha do lado de cima, o inverno vem. É porque a outra foi buscar o inverno. Todo sangue corre água, não é? A mancha do lado de cima do Cruzeiro do Sul é a mancha do sangue de Jesus Cristo. É a mancha da água. Este ano de 2008, logo no início eu vi a mancha; avisei para o pessoal (...) e eles disseram: ê, mais é difícil! Difícil? Vocês sabem muito bem que nada para Deus é difícil. Nós vamos ter inverno. Grande! Igualmente aqueles outros anos bons que já passaram. Olhem, olhem se não for este ano! Ê êê !!! Eles disseram. Pois bem: pois botem o ouvido na escuta e prestem atenção. E está aí! Não plantaram arroz e agora estão se lamentando. Não acreditam!

- **Marcada pela seca.**

A seca que mais marcou foi a de 32. Não tinha nada, nada para comer. A gente escapava com o pão de macambira<sup>34</sup>. Eu tinha 12 anos, servia apenas para atizar o fogo quando minhas irmãs iam de madrugada lavar a macambira e quebrar a mucunã,<sup>35</sup> tinha que colocar a mucunã de molho para amolecer e preparar mais rápido. Era preciso lavar em nove águas para tirar uma substância que não fazia bem à saúde. Se alguém comesse o pão da mucunã mal lavada inchava. Como meu pai era caprichoso só arrancava macambira boa. Após uma temporada de seca, apesar da fome, a gente ficava sadio, pois a planta tem poder de cura de muitas doenças e é um alimento forte.

---

<sup>34</sup> Macambira, pequeno cacto do sertão que tem na raiz uma espécie de goma que após um duro trabalho serve de alimento para as pessoas e para os animais. Bromeliácea muito comum nas regiões áridas do Nordeste.

<sup>35</sup> Nome de diversas plantas da família das leguminosas, cujas vagens tem um revestimento que causa prurido na pele, quando tocado. ( Dicionário da Língua portuguesa, 11ª edição / 6ª tiragem. Rio de Janeiro 1982)

- **Os retirantes.**

Os retirantes passavam de três dias em nossa casa. Minha mãe sempre partilhava com eles o que nós tínhamos para comer. Lembro-me que um senhor estava esperando que a esposa cozinhasse um feijão e não tinha mais paciência de esperar pois estava com tanta fome! E dizia: o feijão espumou está cozido, ferveu está delido! Era fome, minha filha! Lembro-me que um pai passou em nossa casa com duas crianças, uma estava com febre. Eu queria ter ficado com aquela criança, mas não tive coragem, devido às dificuldades. Eles foram embora e a criança morreu na estrada. A criança era marcada por feridas. Dizem que era porque o pai açoitava a criança para que ela caminhasse mais rápido. Mas não se sabe.

#### **2.6.4 FRANCISCO LUCIANO MELO (LUCIANO)**

Data de nascimento: 25 de junho de 1957;

Filho de Joana Alves de Sousa e Joaquim Ferreira Melo.



- **Lembranças das secas**

Eu vi em 1969 pessoas com os celeiros cheios de legumes, e em 1970 com a idade de 13 anos, todos os celeiros vazios. Eu ouvia as pessoas falarem que quando acontecia um ano de seca as coisas se acabavam rápido e nesse ano ficou comprovado. O mesmo aconteceu em 1983, ficou tudo escasso numa rapidez assustadora! O povo passou muita fome. Foi então que apareceram as frentes de serviços do governo<sup>36</sup>. A gente trabalhava na construção de barragens, no conserto de estradas. Ganhava pouco, mas já ia amenizando a situação. Só que as benfeitorias não eram para a gente, pois eram construídas em propriedades particulares.

<sup>36</sup> Frentes de serviços de emergências. Programas do governo criados com a intenção de combater a estiagem, mas que foram direcionados para as elites políticas fazendo da seca uma moeda de troca das elites. Ou seja, uma indústria. Pois, em vez de buscarem um conhecimento mais profundo das condições ecológicas da região e lutarem por políticas mais adequadas os períodos de secas se transformaram em oportunidades de maior enriquecimento e domínio sobre a população. ( POLETTO Ivo, da indústria da seca para a convivência com o semiárido brasileiro in: ÁGUA DE CHUVA O segredo da convivência p. 14) .As frentes de serviço eram aplicadas em construção de barragens em propriedades particulares onde o feitor era um homem de confiança do prefeito e os demais trabalhadores recebiam apenas uma pequena quantia. Já o dono da propriedade ficava com a benfeitoria.



- **A Experiência do olho d'água.**

Na comunidade onde nasci tinha um olho d'água que abastecia a população do povoado. Nós prestávamos atenção. Em certos anos, no mês de setembro até outubro, ele aumentava a água acima do nível normal e a gente sabia que no ano que ele aumentava a água o inverno era bom e no ano que ele diminuía a água, no próximo ano não era bom inverno. A gente já pensava isso. Há uns dois anos atrás, eu fui até o olho d'água e o encontrei quase seco. Durante o dia, talvez não desse 20 litros de água. Já em 2008, durante o mês de outubro ele encheu que passou do nível. Então eu já sabia que este ano ia ser bom inverno.

- **O canal de vento**

Tem um canal de uma pedra que sai um ar. Ele só sai quando é para vir um bom inverno. Se ele aparecer no mês de outubro, então no próximo ano é um ano muito abundante, de chuva e tudo. E quando ele só sai no mês de janeiro, bem fraquinho, ou no mês de março, então não é um bom inverno. E ele, esse vento só sai no horário de 10 horas da manhã até 2 da tarde. É uma pressão tão forte que pode chover e enchê-lo de terra, mas no outro dia ele está do mesmo jeito.

### **2.6.5 Tomás Gonçalves de Amarante. (Seu Tomás).**

Data de nascimento: 02-02 1937

Pai: Gonçalo Terto de Amarante

Mãe: Maria Pereira da Luz.



- **A vida.**

Nasci e me criei na Macambira, uma região quase desértica do Ceará. Depois vim para o sertão de Pedro II, depois para o São Francisco, na mesma região. De lá Fui para as Pitombeiras, na mesma região e por último para Cachoeira a 4 km desta comunidade ( Tapera ).

Sempre quando meu pai observava os sinais de previsão para o próximo inverno eu estava ali, junto com ele.

- **Experiência da chuva.**

Indagado sobre suas experiências para o inverno do ano de 2008 ele responde:

Eu sabia. Eu tive um sonho: Eu estava em um roçado cheio de arroz madurinho, amarelinho que dava gosto! No sonho as mulheres vinham deixar o almoço na roça, aí eu me deitava debaixo do paiol. No sonho dava uma chuvinha. Aí quando eu me levantava passava a mão em meus braços e estavam cheios de arroz e foi uma fartura tão grande neste ano! Quando foi em outro ano eu plantei uma roça grande. Então sonhei apanhando o arroz, mas era todo falhado. Do jeitinho que eu sonhei eu apanhei o arroz. Eu sempre tenho esse sonho. Um ano desses, eu sonhei e nesse ano que eu sonhei eu disse uma palavra que foi a coisa que mais deu certo no mundo. Meu pai tinha uma experiência com ele: era sobre a primeira lua cheia de janeiro e quando eu sonhei a lua ainda não tinha sido cheia. Eu sonhei com uma roça cheia de milho e feijão. Quando foi no dia da lua cheia, lá se vem a lua com uma barra de nevoeiro que nem dava quase para vê-la. Ainda não tinha chovido de jeito nenhum. Isso aí era no dia dezoito de janeiro. Estava todo mundo sofrendo, cuidando dos animais, arrancando macambira. Quando foi de madrugada eu fui tirar o leite de uma vaca e vi a lua no poente, novamente coberta com uma barra. Eu disse comigo: vai chover nestes três dias, pela experiência de meu avô e de meu pai. Eu disse aos outros (vizinhos): podem plantar arroz que vai ter muito inverno. Ói (Olhe), essa experiência não engana! Mas eles não acreditaram! Aí eu disse: segunda-feira eu só não vou plantar porque é o dia 20, dia de Mártir Santo Sebastião. É dia santo, mas terça-feira eu planto. Aí eles disseram: esse velho está doido, porque não tem relâmpago para canto nenhum! Aí Deus e nossa mãe Maria Santíssima abençoaram as minhas palavras que quando foi domingo, à tarde, foi chuva. E foi dito e feito.

A minha experiência mesmo é a do mês de setembro: Nós chamamos experiência da primavera. Durante todo o mês de setembro eu vou observando o tempo: do dia 1º até dia 5 vale pelo mês de janeiro, o dia que for nublado pode-se começar a contar. Se no dia 1º for nublado o inverno começa logo no início de janeiro se for dia 4, o inverno só inicia mais para o final do mês e assim a gente vai contando de 5 em 5 dias do mês de setembro que vale para os seis meses de inverno, de janeiro a junho.

Outra experiência é sobre o relâmpago do mês de agosto. Durante o mês de agosto, se tiver um relâmpago para o sul, o próximo inverno é bom! Ói não falha. A mesma coisa é no primeiro dia de janeiro, quando relampeia para o sul. Agora se o relâmpago for para o norte, a experiência é fraca. Não é boa para nós aqui.

Sobre o dia de Nossa Senhora das Candeias ( N. Senhora da Luz ou ainda Nossa Senhora dos Navegantes). O povo diz que se amanhecer chovendo a experiência é ruim: é nada, é muito é boa. É ruim se não amanhecer chovendo e quando for por volta de 9:00h começar a dar um chuvisco, aquela chuvinha fina e depois passar. Ói não dá outra: é seca. Em 1970 eu fui plantar pela manhã, o sol estava quente, sem nenhuma nuvem . Assim que chegamos na roça, ficou tudo nublado e começou aquele sereno, uma chuvinha bem fininha! Em pouco tempo o sol esquentou novamente. Ói, não deu outra, foi seca. Minha mãe me contou que a sua bisavó, Maria Alves, dizia que aquela chuvinha era as lágrimas de Nossa Senhora das Luzes, chorando com pena de seus filhos que iam passar fome com a seca.

As pessoas não acreditam. Dizem: Essas experiências não valem mais nada. Eu digo: é porque vocês não botam reparo nas coisas, não prestam atenção!

## **2. 7 OS RITUAIS.**

O ritual nasce do mito. É o mito e o rito se interrelacionando. Por trás do mito se esconde o rito que dá vida e conteúdo ao mito. Se o mito morre, também o rito perde a vida, pois no rito se encerra uma realidade vivida que está concretizada no mito.

O rito é marcado por uma interpretação mágica. Seu conteúdo é mágico e religioso. A função mágica do rito é a crença. O crente crer, de todo o coração, no rito porque tem a sensação de que a divindade está atuando no rito. WINDERGREN Geo<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> in: Mito, Rito e Símbolo Centro de Edições de CC.HH. Quito-Ecuador.

De acordo com Geo, a função mágica do rito é a crença. Seguindo esse pensamento os rituais que nascem do mito da chuva não têm outro fundamento a não ser a crença de um povo que vive de fé e de esperança. Por isso, procura elementos que envolvem a todos. Estes elementos penetram na vida de quem participa inteiramente, de corpo e de alma, porque acredita nos efeitos do ritual. Os rituais que seguem têm essa função envolvente de mover um povo através da fé, da união e organização na esperança de que o problema da seca seja solucionado.

- **As caminhadas para pedir chuva**

É nessa relação que se realizam as procissões para pedir chuva. Esse é um ritual que não se realiza apenas em Tapera/Boa Esperança, mas é vivenciado em toda a região. A divindade mais cultuada é Santo Isídio. O ritual é realizado de preferência ao meio dia, pois quanto mais o sol esteja quente melhor, a fim de que Deus, por intercessão de Santo Isídio, olhe o sofrimento do povo suando no sol quente e mande chuva . Homens, mulheres e crianças, saem em procissão com pedras na cabeça cantando a Santo Isídio e a outros santos. Esse ritual é chamado de penitência. Quem relata uma dessas penitências é o Senhor Tomás: “ Antigamente, quando estava faltando chuva nos meses de inverno, os legumes tudo murcho, as mulheres, homens e crianças se reuniam em um local e saíam para fazer penitência para chover. Se largavam rezando terço, aí rezavam o Pai-nosso e cantavam assim: *O gado e as ovelhas berram. Chuva com abundância para fartar a terra.* E cantavam também a São José: *Quem quiser chuva na terra. Se apegue com São José, que é um santo milagroso. Nele eu tenho muita fé. Meu divino São José, pelas cruces que tem nas mãos. Nem de fome nem de sede, não mate seus filhos não. Às vezes quando a gente acabava de fazer a penitência já chegava com chuva”.*

São diversos depoimentos dos profetas a respeito das penitências que o povo fazia para pedir chuva.

- **Os roubos dos santos.**

Vários são os relatos de roubos de santo na região . O Sr. Antonio Mestre relatou uma história do roubo de um santo que ficou marcado na vida da comunidade. Foi quando uma

senhora roubou São José e quando chegou em casa já foi com chuva. Esse santo roubado foi o fundador dos movimentos da sua comunidade. Pois foi a partir daí que todos os anos as pessoas ficaram celebrando os festejos, os novenários todos os anos na comunidade.

São José é o santo que mais protege o sertanejo, disse o Sr. Luís da Comunidade Saudoso - Ceará: “ *São José que é o padroeiro do Ceará. Ele era trabalhador, por isso, entende das necessidades dos trabalhadores*”.

O roubo do santo contém outros rituais que são obrigatórios para poder se cumprir a promessa e o inverno criar os legumes. Do contrário não acontece o milagre.

Primeiro: A dona do santo tem que ficar zangada. Caso essa não aparente raiva por causa do roubo, não acontece o milagre. É de praxe a dona se zangar, mesmo que seja só de faz de conta, porque na verdade ela também deseja que o milagre aconteça.

Segundo: A pessoa que rouba tem como penitência rezar o terço todas as noites em sua casa.

Terceiro: Reunir as famílias da comunidade nove noites antes de entregar o santo e na última noite fazer um leilão e todo o dinheiro arrecadado será entregue à dona do santo que já não aparenta mais estar com raiva.

Quarto: Fazer uma grande procissão com todas as pessoas da comunidade e comunidades circunvizinhas até a casa da dona do santo para o entregá-lo. Todo esse ritual é para pagar a promessa que fez antes de roubar o santo, para que seja atendida com uma boa colheita.

A Dona Joana explicou que não se deve roubar a imagem do Senhor( A cruz com o Cristo). Pois certa vez uma vizinha sua roubou uma imagem do Senhor e quase aconteceu um dilúvio na mesma noite. No outro dia ela precisou devolver a cruz, do contrário o mundo se acabava em chuva, disse ela.

- **As promessas**

Várias são as promessas feitas pelos agricultores para chover e criar os legumes e os animais.

No fim d'água (quando o inverno está findando) são muitos os leilões onde são oferecidos os frutos da terra, da colheita e pequenos animais. O dinheiro é muitas vezes para um santo da região que é protetor da chuva: Santa Luzia, São Sebastião, São José que são os santos que mais abençoam os agricultores. São José, por ser trabalhador como os agricultores e os outros por serem mártires e terem derramado o seu sangue. 'Sangue é água', por isso, são protetores das chuvas. Mas a festa da colheita acontece mesmo é em honra a Santo Antonio, São Pedro e São João através dos folguedos e festas no mês de junho.

- **O trovão e o relâmpago**

Outro fato curioso que pouco se tem conhecimento do porquê é o ritual ao trovão. Esse consegue levar os sertanejos a fazerem uma grande pausa durante o período chuvoso. Mais precisamente nos meses de março e abril; pouco movimento acontece nas comunidades camponesas. Nem festa, nem festejos de padroeiros, nem peregrinações. Nada. Além do trabalho e das celebrações marcadas pelo sofrimento, a paixão e morte de Cristo outra festa não há. Nem mesmo festa da Páscoa. É um tempo para ficar em casa. Quando está chovendo é comum a família ficar quietinha, na camarinha (quarto de dormir), rezando ou conversando ou em silêncio escutando a chuva. Escutar a chuva é um ritual para os sertanejos.

Quando perguntados sobre esse ritual a resposta mais comum é: nós ficamos em casa por medo do trovão. Isso requer uma reflexão bem mais profunda. Este medo pode estar ligado a uma atitude interior ainda não conhecida, ou aos temores aos elementos da natureza, como o relâmpago e o trovão podem estar ligados ao fato destes serem considerados antigos deuses da natureza pelos nossos ancestrais. Para o Senhor Joaquim Junior, Profeta de Chã do Lamedor, Pedro II, o trovão e o relâmpago são partes de uma energia que Deus manda. Por isso, todo cuidado é pouco. É por causa disso que na hora da chuva as pessoas se recolhem, os animais se recolhem. É tempo de silêncio. E acrescenta: Para você ver, os bichinhos do

mato são muito mais sábios do que o ser humano. A natureza ensina muito! Eu me orgulho de ser um agricultor porque se eu não fosse um agricultor eu não sabia de nada<sup>38</sup>.

- **As cascas de feijão**

As cascas das primeiras vagens de feijão que se apanham na roça, diz D. Joana:, são espalhadas no caminho da roça para livrar o feijão da perseguição dos insetos e para que haja uma grande colheita desse cereal. Quando as primeiras vagens são doadas por um vizinho, o ritual acontece da mesma forma, mas no caminho da roça do vizinho, para que o feijão dele seja abençoado.

### **2.7.1 A sensibilidade do corpo**

O corpo é a principal matéria utilizada pelos rastreadores da natureza. D. Joana sente o ar que ela chama de tempo: *“É uma questão de fé. Olho para o tempo e tenho fé. É um sentimento. Observo que o tempo parece baixar e a gente escuta uma zoada no ar”*. É uma questão de escuta intensa, de observação constante do tempo e da natureza, como diz o Sr. Joaquim Junior: *A natureza ensina muito! Eu me orgulho de ser um agricultor porque se eu não fosse um agricultor eu não sabia de nada*. A relação com o cosmos e com os demais seres da natureza é a principal fonte de pesquisa dos agricultores. É toda uma questão voltada para uma simbologia que fala através dos sinais, mas é necessário um corpo atento o ano inteiro:

**O olhar:** Olham tudo. A estrela Dalva (Planeta Vênus), o caminho de São Tiago, Cruzeiro do Sul, a lua, o sol, as plantas, as nuvens, a barra de natal, o relâmpago, comportamento dos animais, entre outros.

**Os ouvidos:** a escuta é outra maneira sensível de perceber os sinais da chuva. Escutam o ar, o trovão, o canto dos sapos, dos pássaros, dos insetos.

---

<sup>38</sup> Quando acontecem trovões e relâmpagos fora da época do período chuvoso estes são causados pela variabilidade atmosférica que entrou em atividade e gera os tipos de nuvens cúmulos e cumulonimbus acima da climatologia e são proporcionados pelo transporte do vapor e umidade com a contribuição dos ventos Alísios. (Mainar Medeiros é meteorologista em Teresina Piauí e atua junto a Secretaria de meio Ambiente).

*A temperatura do corpo:* Se sentir um calor forte é porque está perto de chover. Quando amanhece com dores nas articulações é porque a chuva está próxima. Começar a espirrar é sinal de chuva. E é assim, de um ano já vão tirando lições para o outro e nunca param.

É uma questão de sobrevivência. Como diz Marcos Acselrad, o elemento em questão é a chuva e suas múltiplas conseqüências para o destino da comunidade: Bom inverno? Haverá colheita? Passaremos fome? É a vida que está em jogo. A sua vida, a dos animais e a das plantas. É uma questão de prevenção da vida. No entanto, há muito medo nessa visão. Um dos piores e que se observa em todas as falas dos profetas é o descaso da sociedade, a começar pelos vizinhos. Como dizia o Sr. Tomas no seu depoimento: Esse velho está ficando é doido, diziam os seus vizinhos quando ele falou que ia plantar em janeiro. Além dos vizinhos tem o temor de Deus. Quem sabe se chove é Deus e não umas pessoas consideradas pecadoras, além de idosas. Cresce o medo de desacatar a Deus, por isso, existem as divindades: são os santos trabalhadores, mártires que intercedem a Deus. Aí o profeta não está dizendo de si mesmo. Quem disse foi a barra de Natal, foi a lua, Santa Luzia, São José, foi Nossa Senhora das luzes que chorou com pena do sofrimento de seus filhos e, sobretudo, dos inocentes que são as crianças. Outra aprovação para os profetas é a meteorologia que todos os dias está indicando os locais de chuva. A meteorologia não é ruim, mas quem vai ouvir um “simples” lavrador predizer a chuva se todas as noites se podem ouvir as previsões pela TV? Além do mais, as previsões podem dar erradas, não tem problema, o tempo muda, a chuva caiu em outros lugares, mas a previsão do profeta tem que ser certinha. Quando erram é imperdoável: os vizinhos os criticam e desestimulam os profetas de continuarem fazendo os seus prognósticos do inverno. Mas por uma questão cultural e natural, de fé e de resistência essas vozes não podem calar. É necessário que se deixe essas vozes, já tão cansadas, falarem, pois não se pode perder uma riqueza imensa como a sabedoria que ainda flora, de vozes que vem das entranhas deste sertão belo, mas sofredor.



## CAPÍTULO III

### 3- A JUVENTUDE E SUA RELAÇÃO COM O MITO DA CHUVA.

O mito fundante da modernidade é a razão, a ciência e a técnica que por um lado desmistificam, por outro mitifica através da criação de novos paradigmas que tem conseguido fazer com que o ser humano chegue ao espaço, manipule a engenharia genética e tenha desenvolvido a cibernética e os micro chips. Essa é a realidade que envolve todos os aspectos sociais sobre a base de diversificados modelos simbólicos reproduzindo um imaginário fantástico. Assim o mito da modernidade vai precriando e recriando identidades e a categoria mais envolvida neste sentido é a juventude que se deixa fascinar por toda a rede de ofertas simbólicas que lhes são oferecidas pelo mercado.

Os Mitos modernos, segundo Juan Cueto,<sup>39</sup> expressam o conjunto atual de palavras, de imagens e sons, de coisas e signos, de relatos e atitudes que invadem cada espaço do social, assim como o íntimo de nossa cotidianidade. Diante disso e de muitos outros mitos modernos há uma suposta perda, ou o risco de perda dos elementos de identidade de mitos sagrados e entre estes, o mito da chuva em Tapera/Boa Esperança, em função de mudanças culturais orquestradas pelo advento da modernidade, possivelmente por se tratar da faixa etária mais propensa à interação com as novas tecnologias oferecidas pela ciência positiva, a juventude será o alvo principal das influências tecnológicas da modernidade.

De acordo com Juan Cueto, a presença constante dos mitos, em todos os aspectos da globalização mobiliza as esferas do social, do cotidiano e do íntimo. Vivemos a era da liquidação da modernidade. Os mitos modernos estão ligados aos deuses e semideuses do mercado. Os rituais dos mitos modernos são trasladados de uma fase moderna a outra com diversas maquilagens: tecnologia, pós-modernidade, revolução científica entre outras. São períodos de incertezas, de convulsões, de crises, mas, sobretudo, são períodos de grandes riquezas míticas e simbólicas como a TV que simboliza um novo totem da modernidade. De todos os símbolos da modernidade de consumo, a Televisão é, talvez, o que melhor representa e reproduz. Por menos desenvolvido que seja o campo, um povoado, uma região não fica

---

<sup>39</sup>

In mitos Modernos

desatualizada dos acontecimentos. Assim, a juventude de Tapera/ Boa Esperança está inserida no mundo e o modernismo alcança todas as fronteiras através da globalização.

As *Mass Mídia* são mitos e signos onipresentes válidos em toda a sociedade, pois o que vale é o discurso dos meios. Nada se faz hoje sem a interferência dos meios e são, por conseguinte, a grande origem dos mitos contemporâneos. A *Mass Mídia* tem se erigido no espaço do político e no tempo social. Os deuses de hoje são conhecidos e admirados simplesmente por saírem na televisão, no cinema, rádio, imprensa e publicidade. A tarefa do herói atual se limita a demonstrar sua perícia como morador do olimpo eletrônico, a exibir narcisistamente sua imagem sobre as câmeras, microfones e nas relações públicas. Existem milhares de máscaras, rostos, figuras de estilo e entonação, modelo de cientificação, modelos de sedução e identificação que são partes da mitologia politeísta reproduzidas pelos meios de comunicação de massa. Há uma fome de exposições de heróis que invadem as multidões planetárias sedentas de uma imediata adoração, de glória, de sedução e fascínio.

### **3.1 Mitos modernos e a juventude de Tapera/Boa Esperança.**

Ainda com base no texto de Juan Cueto apresento a seguir diversas temáticas enfocando os mitos modernos mais atraentes para a juventude que vê na modernidade a saída para todos os seus problemas. As mais críticas e mais fascinantes são as seguintes:

**A Eterna juventude** – Essa é a força mítica que favorece ao mercado industrial e do consumo de massas. Os jovens foram decretando os heróis do consumo ao mesmo tempo em que chegaram a ser os produtores dos principais escândalos sociais do pós-guerra, passando por um estágio de transformação social via a revolução pela música, na política etc. A juventude era a utopia revolucionária que foi convertida em mercados, telediscos, decorações, modas, filmes, diversas mercadorias de butiques. Tudo isso tem se transformado em artefatos para a sociedade adulta e tem sido utilizado como signos externos do êxito social da vida pública. A eterna juventude tem se convertido em uma necessidade profissional. A convenção do jovem tem ocorrido em um fato áudio-visual: o juvenil segue sendo o grande objeto da moda.

**Licença para seduzir: todos os aparatos da mitologia da beleza** –emagrecimento, bronze, massagem, trajes que estilizam a figura, cosméticos e muitos outros para ajudar a seduzir a competidores. É a corrida entre o sedutor e o seduzido. Dessa forma as indústrias da fascinação desempenham um papel na vida pública com a finalidade de atingir a vida privada. As sociedades, reguladas pela lógica mercantil, pela força da revolução industrial, têm se transformado em verdadeiras empresas de sedução, generalizada, indiscriminada. Tudo se faz para seduzir, não pela mera convicção do belo, mas para entrar no mundo do negócio.

**A beleza das mesas** – Por um lado há uma preocupação demasiada com a alimentação de regime onde a gastronomia é entendida por frenesim laboral. Do outro a história da alimentação jamais teve trato com o mundo do negócio, almoço, cena de trabalho, comidas e relação públicas etc.

**A mirada de Narciso** – O culto ao eu imperialismo do corpo, os rituais do corpo: a busca de perfeição nunca teve tão no auge como no momento.

**Faça você mesmo: o automaticismo da vida** – com o automático tudo fica mais fácil. Você faz e paga pelo serviço que está fazendo; o cartão de crédito é um exemplo vivo. Enquanto se está sacando o dinheiro está pagando automaticamente pelo cartão e realizando o trabalho que o bancário está sendo pago para fazer.

**Estrelas vivas e mortas** - a invasão das estrelas mortas: CD's, DVD's, Vídeos, TV, celulares, carros, motos; enriquecidos de outros mitos modernos como a corrida para ser modelos, estrelas. A corrida pelos lugares mais importantes e divinizações dos grandes heróis da TV, do cinema e ídolos que são reproduzidos pelos meios de comunicação sociais.

**A fabricação de divindades terrestres** – se áudio-visualiza a política, a cultura, a religião, a ideologia. A imagem e o som estão situados em tudo que se faz, onde só vale a arte do propagandismo.

**O poder da velocidade** - Não é a propriedade do espaço que atualmente confere poder, mas sim a posição do tempo. A riqueza é sinônima de fabricação de velocidade. O

símbolo mais característico da modernidade é a rapidez. A velocidade tem duas caras: uma mira para o presente e a outra para o futuro.

**A vertigem para o futuro** – Surge em 1825 a primeira locomotiva a vapor. Velocidade máxima de 20km/h. 1931 é criado o avião que atingiu uma velocidade de 600km/h. 1982 a nave com uma velocidade de 30.000km/h.

**A moda** – A moda superou os signos que preenchiam a alma humana: a política, a ciência, a economia, a arte, a consciência com seus novos signos ligeiros: a moda estilo, os gestos, os objetos, as aparências que tem se acentuado com a evolução das sociedades modernas, levando os intelectuais e escritores a dedicarem muito tempo ao fenômeno da moda. Com a moda os valores tradicionais têm se perdido e reinam as aparências.

**Da moda à novidade** – As novidades seguem o padrão do furor, o delírio repentino para esgotar, em seguida, seu atrativo e sofrer um rápido abandono. A moda é um fascínio passageiro.

**A chantagem da segurança** - O produto mais sofisticado do consumo do medo é a segurança. Tudo gira em torno da segurança: segurança pessoal, serviço de segurança cidadã, proteção civil, segurança de vida, seguro desemprego, segurança social etc.

**O regresso ao sagrado** – Criação de indústria de salvação pessoal, ofertas de modelos de salvação, milhares de seitas resultado das grandes ideologias do progresso e do câmbio das devastadoras acelerações industriais dos produtos nos últimos tempos.

**O paraíso perdido** – A busca da sociedade, o sonho, a utopia de encontrar um paraíso perdido como uma nova mitologia de fuga. Um lugar para onde possa fugir dos espaços acelerados pelas grandes metrópoles. É a fuga para a natureza, fuga de fim de semana. Isso é motivado pela lógica da economia pós-industrial que exige o desdobramento da vivência. Daí o grande paradoxo: o mito do regresso à natureza em versão burguesa forma parte essencial das estratégias econômicas do industrialismo. É uma utilização da natureza, não como proteção ambiental, mas como bandeira de guerra contra os poderes tecnocráticos da sociedade programática.

**A sociedade lúdica** – o lúdico sempre existiu e deve existir em todas as sociedades, mas a sociedade no mundo atual é regida pelos valores da simulação: o espetáculo, as aparências, a competitividade, o narcisismo, as estratégias, o mundo laboral, a acelerada produção de necessidades de impossível produção. Toda essa união do espírito lúdico na sociedade tem a finalidade de neutralizar o vazio moral resultante desta corrida pelo lúdico.

**Necessidades de lazer** – São entrelaçados os jogos marcados pelas quatro grandes categorias: Jogos de competição: estão ligados às marcas, modas, vedetismo, máscaras, relações públicas etc; Jogos de simulação; e Jogos de risco e jogos de azar.

**O show é a massa** – A finalidade dos jogos é a atração da massa. Os jogos têm como forma de atração da multidão pontos estratégicos como: os estádios olímpicos, shows artísticos e outros onde o público se envolve tanto ao vivo como pela TV.

**Musas e robôs** – A ciência moderna acaba com os mitos tradicionais, pois a ciência é um dos mitos mais característicos da modernidade.

**A máquina no jardim** – O ser poético é substituído pela máquina prosaica, a ciência e a tecnologia. Entre as pessoas tem sempre uma máquina. As máquinas predominam em todos os espaços substituindo o âmbito cultural.

**A era do micro** – A era onde o pequeno ultrapassa o grande: o microprocessador, microeletrônico, microbiológico, microfone, microformático, microfilmes etc. A maior biblioteca do mundo pode se filmar em uma superfície superior a de um selo de correio. É a nova lógica da pós-industrialização. As massas se reconhecem gostosas no pequeno, mas são sensivelmente grandes.

**A utilidade da crise** - A crise é um dos mais eficazes e inexoráveis mitos da modernidade. O conceito mítico de crise é profusamente usado como remédio mágico para dar conta instantânea de todas as aliterações, rupturas, descontinuidade e desordem se resistem às explicações tradicionais.

Outra reflexão significativamente importante sobre os mitos modernos está contida no texto de Zygmunt Bauman, *Vida Líquida*.

A vida líquida é algo que representa uma sociedade líquido-moderna onde as condições mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação em âmbito de rotina das formas de agir. As condições de ações e as estratégias de reações envelhecem rapidamente e, por essa razão, experiências do passado são pouco recomendáveis. A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incertezas constantes e as preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, mudar de rumo antes de tomar um caminho de volta.

Numa sociedade líquido-moderna a sobrevivência é o bem-estar de seus membros e isso depende da rapidez com que os produtos são enviados aos depósitos de lixo e da velocidade e eficiência da remoção dos detritos. “Destruição criativa” é a forma de como caminha a vida líquida. A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer, para garantir (temporariamente) de ser excluído das fileiras e evitar ser jogado no lixo.

Em nosso mundo que não conhece nem admite limites, alguns aspectos sociais vão sendo reconstituídos:

A identidade se refere à possibilidade de “renascer”, de deixar de ser o que é para se transformar em alguém que não é. Na vida líquido-moderna é comum a substituição do sagrado, das preocupações com a eternidade, pelo alvoroço da reciclagem identitária que prometeu tornar o trabalho rápido e eficiente. No lugar das antigas terapias caíram muito bem as novas e aperfeiçoadas dietas, os aparelhos de ginástica e a troca de todos os artefatos do passado por novas marcas que vão aparecendo no mercado. E como último recurso, no horizonte extremamente distante, assombram as maravilhas da modificação genética.

A vida líquida é uma vida de consumo, projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade enquanto são usados. Viram lixos.

O lixo é o principal e comprovadamente mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo. Entre as indústrias de consumo a de produção de lixo é a mais sólida e imune à crise. Os dois principais desafios que a vida líquida precisa enfrentar e resolver: o consumo e a produção de lixo e a ameaça de ser jogada no lixo.

A lógica da vida líquida e a sociedade moderna significaram a morte das principais utopias da sociedade e, de modo mais geral, a da ideia da “boa sociedade”. Até mesmo a recente preocupação com o meio ambiente deve sua popularidade à percepção de um vínculo entre o uso predatório e as ameaças ao fluxo suave das atividades autocentradas na vida líquida.

### **3.2 As reações da juventude das comunidades Tapera/Boa Esperança frente aos mitos modernos.**

É bem verdade que a realidade da juventude das comunidades acima citadas não é inteiramente moderna. As comunidades não usufruem ainda do verdadeiro mito moderno, a energia elétrica, por isso, a TV também não predomina na região. Os jovens, segundo dados da investigação, atingem um total de 28, 80% da população das comunidades e estão cursando ainda o ensino fundamental e médio com exceção de um único, Wellington, que ingressou na faculdade para cursar filosofia. Mas muitos destes jovens passam uma temporada na cidade e a outra na comunidade, devido os seus estudos. Na cidade eles participam normalmente dos acontecimentos e de eventos sócio-culturais, políticos e outros que são constantes no meio urbano. Enquanto outros, 49% dos jovens de 13-35 anos migram para os grandes centros industriais à procura de um emprego, fugindo da roça, por medo das secas, mas em sua maioria por influência do mundo do capitalismo moderno onde, além de perderem sua identidade cultural, são em sua maioria explorados e marginalizados por pertencerem ao mundo subdesenvolvido e serem sertanejos. Apesar disso vão surgindo novas amizades: cada noite estão em frente à TV e isso desperta novos interesses. Seus sonhos vão ganhando novos horizontes. É o que apresentam a seguir os jovens Antonio Carlos e Luciana.

Seria muito importante para as pessoas jovens aprenderem a ler e realizar as interpretações dos sonhos e os elementos que os profetas usam para as suas previsões, esta importância não devia ficar só com as pessoas idosas.

### **3.3.1 Antonio Carlos Monteiro Barros (Carlinhos)**

Data de nascimento: 1º de maio de 1992

Pai: Francisco Ribeiro Barros

Mãe: Maria do Remédio Monteiro Bezerra



Carlinhos, um jovem da Comunidade Tapera, está cursando o 2º ano do ensino médio em uma Escola filantrópica de regime integral onde passa o dia inteiro e tem aulas teóricas e práticas. Paralelo a essa modalidade de ensino, cursa também enfermagem custeado pela Associazione Modena Tarzo Mundo Onlus da Itália. O curso acontece nos finais de semana e tem a duração de dois anos. Carlinhos e Luciana, estão cursando enfermagem com o propósito de oferecer os primeiros socorros a pessoas doentes da região de Tapera em um posto de Saúde construído em parceria com a prefeitura de Pedro II e a Associação italiana.

Indagado sobre a presença dos mitos modernos nas comunidades Tapera/ Boa Esperança e a relação da juventude com o mito da chuva, Carlinhos indica aspectos essenciais para o momento atual como: A Tecnologia, o estudo e a cultura.

- **A tecnologia:**

Para Carlinhos, a tecnologia, com aparelhos modernos, apresenta uma meteorologia muito mais rápida e mais precisa do que a previsão dos profetas, mas conclui: isso acaba a cultura. Antigamente a escola de qualquer criança era a roça, o trabalho e a convivência com a natureza. Então eles lidavam com o meio e aprendiam da natureza. Em nossa região, aprendiam com o bioma caatinga. Hoje, os jovens e, sobretudo as crianças estão empenhados com o estudo e isso toma muito tempo e, além disso, tem a TV, a Internet, as Lan House e demais aparelhos de diversão e jogos que impedem uma criança de olhar para a natureza e observar os sinais da chuva. Faltam medidas nas escolas que envolvam mais a juventude e as crianças com o aspecto cultural a fim de que não percam sua cultura.



- **A cultura:**

A tecnologia acaba a cultura. É a morte cultural. Se isso ( o mito da chuva) não for passado de geração para geração pode acabar logo. Os costumes são comparados com uma pirâmide: meu bisavô conhecia todos os mitos e passou para meu avô, que passou para meu pai. Meu pai ainda sabe muita coisa, mas não está passando para mim. Falta tempo de ambas as partes. Já meus filhos vão conhecer menos ainda. Eles não terão mais tempo de se preocupar com isso. De todos os sinais da natureza que meu pai conhece, apenas um eu observo. É uma planta, a chapada que quando enfolha logo chove. É como meu pai diz: A chapada, enfolha apenas com o cheiro da chuva.

Apesar de eu ser um estudante e sonhador, mesmo assim não há estudo que deixe passar o valor da cultura. Embora eu esteja atuando no mundo da ciência positiva, a ciência empírica ainda tem muito valor. Não há estudo sem cultura.

- **O Estudo:**

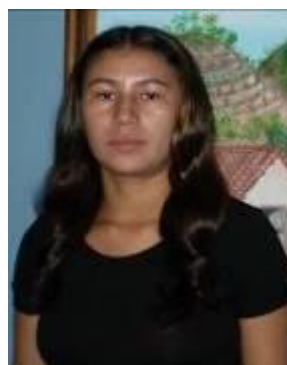
Gosto de inglês, mas pretendo cursar letras-espanhol em uma universidade, embora eu esteja fazendo um curso de enfermagem na área de saúde. Vou trabalhar na saúde em minha região, mas não pretendo ficar parado, sem estudar. Eu sou um mero sonhador. O meu grande sonho é ingressar na Marinha. Veio a oportunidade do curso de enfermagem, estou descobrindo que é uma área muito bonita! Queria também fazer psicologia, mas acho difícil devido às condições e essa área não consta no currículo do campus da universidade em Pedro II.

### **3.3.2 Luciana Vieira Lima**

Data de nascimento: 14 de janeiro de 1988

Pai: Antonio Vieira Lima

Mãe: Albetiza de Jesus Lima.



Luciana é uma jovem de 21 anos e também reside em Tapera. Já concluiu o ensino médio na cidade, na escola filantrópica com o tempo integral. Ficou um ano sem estudar e

agora está cursando enfermagem com a duração de dois anos para trabalhar no posto de saúde na região de Tapera, segundo desejo da Assoziacion Modena Terzo Mondo da Itália.

Os aspectos mais focalizados por Luciana foram a tecnologia e a migração.

- **A Tecnologia**

No momento estou mais preocupada com os deveres escolares. Eu gostaria de fazer um outro curso na área de saúde. O que eu quero mesmo é aprofundamento nessa área, como medicina, por exemplo, mas acho muito difícil, devido ser um curso muito caro e de difícil acesso para pessoas pobres, mas acho que não terei oportunidade. Acho muito bonita essa área por ser a que se tem mais contato com o ser humano.

Todas essas questões de estudo e a tecnologia nos impedem de observar os sinais da natureza. Meus pais sempre falam, mas não me preocupam, não tenho muito tempo. Além disso, a TV tem muita influência. O jovem é bastante influenciado, os pais deixam as crianças o dia inteiro na TV e essas não terão mais nenhum sentimento de olhar para os sinais da natureza. Com certeza os valores estão se perdendo.

Eu estava pensando: A nossa comunidade ainda não tem energia e mesmo assim a gente já se distanciou tanto dos valores culturais. Isso porque quando estamos na comunidade nos encontramos (os jovens), para conversar, sorrir, contar fatos e histórias do dia-a-dia. A partir do momento que tiver energia isso vai mudar, pois todos nós iremos ficar em frente à TV para assistirmos os filmes, novelas e demais programas que a televisão oferece. Apesar de todos os conhecimentos que se vai adquirindo, não há como esquecer os valores culturais. É preciso pensar na nova geração. Como repassar uma cultura se agente não valorizá-la?

- **Migração**

Existem os jovens que deixam a comunidade para estudar, como é o caso de Wellington que inicia seus estudos este ano em Teresina<sup>40</sup>, acho duvidoso a sua volta para lecionar na comunidade. Primeiro por faltar oportunidade e condições de emprego e segundo

---

<sup>40</sup> A capital do Piauí

porque creio que ele pretende aprofundar mais os estudos. Essa é uma situação que é mais propícia tanto para a pessoa que sai como para os pais, porque sabem que está havendo um investimento favorável para o futuro. O que me preocupa mais é a situação de migração para os grandes centros industriais: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, porque falta profissionalismo, pois a maioria trabalha em restaurantes, em casa de família e em shopping . Trabalha muito, o ganho é pouco e o custo de vida é muito alto nas grandes cidades. Além disso, tem as más companhias, pessoas que os influenciam com drogas, a prostituição e outras situações que muitas vezes os jovens são forçados a vivenciar devido ao desemprego e ao consumismo. Todos os jovens que viajam sonham logo em voltar para sua terra com bens como: TV's, DVD's, Vídeos, Celulares, motos, carros etc. Todas essas influências vão distanciando os jovens dos seus costumes, da sua cultura e da religião.

### **3.4 Entre o ambiente cultural e o meio social moderno**

A juventude apresenta uma situação vulnerável sobre a vida moderna dos estudos e da cidade e o berço cultural de onde tem de ir e vir, sair e voltar. O jovem Carlinhos, em um espaço de dúvida, se deixa contradizer quando fala da ciência : “*A meteorologia é muito mais rápida e mais precisa do que a previsão dos profetas. Isso pode acabar a cultura*”. Mesmo concordando que a meteorologia acaba com a cultura afirma que ela é mais rápida e mais precisa que a previsão dos profetas. Apresenta uma preocupação intensiva com a perda da cultura, no entanto concorda ser necessário ficar fora dela devido à necessidade de estudar. Estuda para prestar serviço à comunidade na área de saúde, mas tem outros sonhos que poderão ir mais além do que um olhar, um sentir os sinais da natureza com a intuição de descoberta de saber se vai chover ou não. Os trabalhos com a saúde são importantes e irão mais além da ciência empírica de olhar e sentir os sinais da natureza, pois requerem um estudo científico mais comprobatório.

Faz uma análise sobre os valores culturais e acaba percebendo que o que lhe resta do mito da chuva é pouco. “*Os costumes são comparados com uma pirâmide: meu bisavô conhecia todos os mitos, e foi passando para meu avô que passou para meu pai. Meu pai ainda sabe muita coisa, mas não está passando para mim*”, reconhece que os valores estão se perdendo e que de todas as experiências de chuva que os seus antepassados passaram apenas

uma lhe sobra: *“De todos os sinais da natureza que meu pai conhece, apenas um eu observo. É uma planta, a chapada, que quando enfolha logo chove”*.

O tempo é um obstáculo para Luciana: *“Meus pais sempre falam, mas não me preocupo muito, não tenho muito tempo”*. De outro ângulo ela olha para o grande problema de futuro para as crianças, por essas passarem muito tempo em frente à TV. *“Os pais deixam as crianças o dia inteiro na TV”*. É o grande símbolo da modernidade, segundo Cueto, que melhor reproduz os sinais de consumo. Quando as crianças passam o dia inteiro em frente à TV, como irão olhar para o tempo? Como poderão perceber os sinais da natureza?

Uma outra preocupação levantada é a respeito da migração: migrando, os jovens estão arriscando todos os sentimentos de humanidade e solidariedade que vivenciaram na comunidade.

*“Todos os jovens que viajam sonham logo de voltar para sua terra com bens como: TV’s, DVD’s, Vídeos, Celulares, motos, carros etc. Todas essas influências vão distanciando os jovens dos seus costumes, da sua cultura e da religião”*. As máquinas predominam em todos os espaços substituindo o âmbito cultural, como reza Cueto, em seu artigo sobre os mitos modernos. Sem estudar a temática de Cueto, Luciana relata em suas preocupações toda a parafernália de máquinas que estão nas cabeças dos jovens de Tapera/Boa Esperança que migram para os grandes centros industriais à procura de emprego. Por mais que a comunidade não faça parte ainda do mito da energia, mas já tem TV à luz solar, celular, máquina digital, liquidificador e outras máquinas que funcionam à bateria. A modernidade permeia todos os ângulos sociais, através de farsas que apresentam um mundo de facilidades. É impossível negá-las, o difícil é não perder a identidade diante de todos os mitos que a modernidade apresenta através da *mass mídia*. Pois essa, de acordo com Patrício Guerrero, in *Mitos Modernos*, é um dos meios mais revolucionários da modernidade.

### **3. 5 A fragmentação dos rituais e a perda da identidade;**

Indagados sobre a participação dos rituais, tanto o Carlinhos como a Luciana apresentaram uma opinião bastante confusa.

Carlinhos responde que às vezes escuta falar nos rituais, como o roubo dos santos, por exemplo, no entanto nunca participou de nenhum desses rituais. A mesma coisa é a respeito da percepção dos astros: o ritual que os mais idosos fazem de passarem muito tempo, em altas horas da noite, observando as estrelas, o cruzeiro do sul e o caminho de São Tiago, o relâmpago do mês de setembro, a barra do Natal, citados acima pelos profetas da chuva não são conhecidos pelos jovens.

Às vezes a gente escuta falar, mas deixa passar despercebido, responde Carlinhos em um tom um tanto desapontado, e lança a frase como que decepcionado com a fragmentação dos rituais em sua própria comunidade: *Falar é bom, mas viver é melhor ainda*. É uma frase solta que diz muito e ao mesmo tempo parece perdida em meio a temática que se está tratando. É provável que o mito da chuva como elemento de identidade cultural em Tapera/Boa Esperança esteja se fragmentando em meio à juventude. O mercado oferece todas as oportunidades para o afastamento da juventude com os seus próprios mitos. Para que se voltar para os sinais da natureza se os produtos estão no mercado? Os produtos chegam das outras regiões e as pessoas se esforçam para ter o dinheiro e comprá-los. No mundo do capitalismo tudo é apresentado pronto e ninguém precisa mais se preocupar com a falta de alimentos nem com a fome outrora causada pela seca. Existem outras preocupações: a principal é a segurança econômica que é a outra forma de sobrevivência no mundo do capital. O Mundo hoje é globalizado e tanto importa como exporta matérias de todos os tipos e formas e para todas as necessidades, assim se tenha o capital. A preocupação hoje não é mais com a seca, mas com os meios de conseguir capital de consumo. A globalização é a negação de nós mesmos, submetidos à ferocidade da lógica do mercado. A globalização que reforça o mando das minorias poderosas esmigalha e pulveriza a presença impotente, atingindo as mais diversas camadas sociais com um papel de distorcer a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos e de toda sorte de realidade que nos cerca. (Paulo Freire in: *Desafios da Globalização*, p. 249). Diante do mundo do consumo a juventude tem pouco ou nenhum tempo de observar os sinais da natureza. Lembro-me de Chico Leiteiro. “*Quando eu era pequeno, passava a noite inteira espiando o relâmpago*”. Como um jovem com tantas ofertas fantásticas e fantasmas e com preocupações com o mundo do trabalho e estudos científicos ainda poderá dedicar tempo em observar um relâmpago?

Um dos rituais mais vividos pelos sertanejos é o de não sair de casa em dia de chuva. É ritual ao trovão. Esse consegue levar os sertanejos a fazerem uma grande pausa durante o período chuvoso. Na conversa deu para perceber que os jovens não têm mais medo do trovão, não estão mais ligados com o fenômeno, responde Laisa, a jovem irmã de Carlinhos. ” *Eu saio quando está chovendo. Agora não tem festa na região. O período bom é de maio a julho. É bom por causa da colheita. Até os festejos das comunidades circunvizinhas são em maio, junho e julho, acho que é por causa da colheita, o povo tem mais dinheiro. Hoje em dia os jovens não vão mais sair de casa em dia de chuva para não danificar o penteado, e não borrar a maquiagem, especialmente as mulheres. Foi assim no carnaval: estava chovendo e nós tínhamos feito um penteado e não saímos, não por via da chuva, mas para não desfazer o penteado. É caro uma escovinha no cabelo!*” É o efeito narcisismo. O culto ao eu imperialismo do corpo como encontramos em mitos modernos, de Juan Cueto.

Na conversa com os jovens ficou claro que os festejos da região são em sequência nos meses de maio a julho. Os festejos de padroeiros em sua maioria têm uma tradição de celebrar um santo, mas ao mesmo tempo celebrar a vida. No Piauí, em homenagem ao ‘fim d’água’ e em agradecimento pela colheita as regiões celebram geralmente diante de um Santo Padroeiro. É assim de norte a sul do Estado. No sul do Piauí o santo mais festejado é São Gonçalo, por representar um dos primeiros padroeiros deste Estado. Assim descreve Fontes Ibiapina, em *Vida Gemida em Sambambaia*, que após o inverno o povo de Amarante festeja dias e mais dias para pagar suas promessas com ofertas de grãos de milho que após o santo ser levado de uma casa para a outra, as senhoras, as mais idosas, trazem na saia as sementes de milho e com um gesto de genuflexão colocam as sementes aos pés de São Gonçalo, o santo que manda chuva naquela região. Ai de quem não pagar a promessa feita no início do inverno que será castigado. Dessa forma ainda acontece em muitas regiões, celebra-se a festa dos padroeiros depois do inverno, ‘fim d’água’.

As festas dos padroeiros são seguidas uma da outra nas comunidades de Tapera/ Boa Esperança e Santo Antonio dos Pinheiros: O festejo de Santa Rita, na comunidade Boa Esperança em Maio; Santo Antonio, em junho, na comunidade Santo Antonio dos Pinheiros e Nossa Senhora das Dores, em julho em Tapera. Uma festa atrás da outra em regiões próximas enquanto os outros nove meses do ano não há mais festejos na região. É uma coincidência ou seria uma comemoração ao fim d’água? Mesmo relatando que os festejos são todos no ‘fim

d'água' a juventude não percebe a importância do ritual da festa aos padroeiros em agradecimento pela colheita. Não está ligada, pois os seus interesses estão voltados, em grande parte, para os mitos modernos oferecidos pela sociedade.

Acho que até os festejos quem vai mais são as pessoas mais velhas, responde Luciana em um tom meio assustada e ao mesmo tempo conformada. León Pomer, em seu artigo *Hacia Donde Vamos*<sup>41</sup>, faz alusão ao papel da TV, afirmando que aos 14 anos de idade um adolescente norte-americano tem assistido umas quinze horas de TV. No Brasil atualmente não é muito diferente. Não é o caso da juventude de Tapera/Boa Esperança, mas existem outras ofertas do mercado pelas quais os jovens dedicam mais tempo em pensar, por exemplo, as propagandas veiculadas na TV sobre os meios de transportes: carros e motos, e demais aparelhos de som e de celulares que é o maior vilão na vida da juventude atualmente. O *Jornal Mundo Jovem*, ano 46, nº 392, novembro de 2008, p.9, trata da violência do trânsito. Para Maria Brasilina, a cultura do carro oferece ao jovem mais poder, o jovem se sente mais potente no volante. Eles conseguem as melhores meninas ou a menina que tanto almeja. As ofertas de veículos apresentadas em diversas propagandas são super atrativas. Diante de tudo isso a juventude cada vez mais vai ignorando os mitos e os rituais de sua comunidade e procurando novos sentidos para a vida. Apesar de Carlinhos, Luciana e Laisa serem jovens dedicados às comunidades ficaram bastante confusos ao se depararem com os questionamentos sobre o mito e os rituais percebendo que estão se distanciando de suas culturas e de suas raízes.

### **3.6 A REVITALIZAÇÃO CULTURAL DO MITO DA CHUVA EM TAPERA/BOA ESPERANÇA .**

Com o propósito de revitalizar a cultura da região foi promovida uma conferência dos profetas da chuva que aconteceu na Comunidade Tapera no primeiro sábado de janeiro de 2009. A conferência teve como objetivos, revitalizar o mito da chuva e fortalecer os elementos culturais que identificam o povo da região, entre estes, a relação com os sinais da natureza que são elementos simbólicos irraigados nos saberes de quem tem uma forte afinidade com a terra e com o sistema que gira em torno dela. Um outro objetivo, e talvez o principal era envolver a juventude com os conhecimentos dos profetas, a fim de que essa

---

<sup>41</sup> In *Desafios da Globalização*

cultura, em um curto espaço de tempo, não venha cair no esquecimento. E ainda um propósito de implementar na região um movimento que possa envolver o máximo de pessoas: profetas e profetisas, jovens, meios de comunicação, o poder público e demais instituições da região. Neste caso, além da revitalização cultural o encontro tem outro papel: poderá envolver os comerciantes que dependem dos produtos da terra para o seu comércio, os governantes que poderão com isso, se tornarem mais envolvidos com a pontualidade da distribuição das sementes para o plantio, devido à variedade da precipitação em diferentes territórios do estado do Piauí que na maioria das vezes, só chegam em março quando uma boa parte da chuva já tem caído. Assim, os agricultores e agricultoras que não dispõem de sementes próprias são prejudicados com a perda da safra, entre outros prejuízos. O movimento dos profetas da chuva poderá crescer e envolver muitas pessoas, pelo fato do mito da chuva permanecer vivo ainda nesta região, sobretudo, para pessoas acima de 50 anos.

### **3.6.1 Partindo da profundidade da experiência.**

Aos poucos eles foram chegando, passos lentos, sentando e silenciando em sua sabedoria. O grupo estava composto dos seguintes profetas e profetisas: Francisco Vieira de Lima, Antonio Carreiro de Melo, Antonia Alves de Melo, Joaquim Sotero Marques, Tomás Gonçalves do Amarante, Joana Alves de Sousa, Francisco Luciano Melo e Antonio Paulino. Chegavam também as crianças, jovens e casais para participarem do evento que há muito tempo já estava sendo anunciado na região.

Para começo de conversa foram formados grupos de profetas idosos juntamente com a juventude e adultos para refletir o texto do primeiro livro dos reis, Bíblia de Jerusalém, capítulo 18, 41-46. Os profetas, ao se depararem com o profeta Elias, profeta da chuva na Bíblia, ficaram motivados, pois não sabiam que na bíblia o povo ansiava tanto por chuva quanto eles em sua região. O profeta Elias estava enfrentando desafios com o rei Acab, por causa de uma forte estiagem que já se expandia durante três anos. Para testar seus conhecimentos e força com Deus Elias disse a Acab: *“sobe, come e bebe, pois estou ouvindo o barulho da chuva”*.(...) *Elias subiu ao cume do Carmelo, prostrou-se em terra e pôs o rosto sobre os joelhos. Disse a seu servo: “sobe e olha para o lado do mar.” Após retornar sete vezes, na sétima vez o servo disse: “ eis que sobe do mar uma nuvem, pequena como a mão*



*de uma pessoa.” Então Elias disse: “ Vai dizer a Acab: prepara o carro e desce, para que a chuva não te detenha.” Num instante o céu se escureceu com muita nuvem e vento e caiu uma forte chuva.(1 reis 18,41-46).*

A leitura motivou o grupo e cada um tinha uma história para contar sobre os mistérios da chuva na região de Tapera/Boa Esperança. O Senhor Antonio Mestre lembrou-se de um colega seu dos velhos anos. Certa vez ele contou que havia uma estiagem. O inverno já havia começado, mas tinha se afastado. Todos os trabalhadores estavam esperando já há vários dias a volta da chuva. O primeiro plantio estava quase todo perdido e todos os olhares se voltavam para o leste, de onde vinha a chuva, não apenas sete vezes, mais umas setenta vezes por dia. Foi quando ao meio dia um dos donos da roça ia levar o almoço para o mutirão. Ao chegar no roçado os agricultores perguntaram: você que veio pelo caminho, deu para perceber se vem alguma nuvem de chuva? O companheiro respondeu: tem dois sinais de nuvem no nascente, mas são tão pequenas que não dá nem para fazer um par de sandálias para um sagüi<sup>42</sup>. Os companheiros o repreenderam, pois não se devia duvidar dos milagres de Deus. Mas o companheiro não quis ouvir, e continuou duvidando de Deus, dizendo que a água que viesse daquela nuvem não daria para matar a sede de um porco que ele tinha no chiqueiro. Os companheiros ficaram calados, porque não queriam mais ouvir as blasfêmias que aquele senhor poderia ainda dizer. Mais para o final da tarde começou a soprar uma brisa vinda do ocidente e os companheiros disseram uns para os outros: olhem, isso é sinal de chuva, vamos embora. Ao chegarem em casa não demorou muito chegou à chuva. Foi água à noite inteira! No dia seguinte, pela manhã, aquele senhor chegou apavorado na casa de um deles. Tinha passado à noite inteira na chuva com sua família, por medo da casa cair, pois a água havia invadido toda a sua propriedade. Relatou ainda que por volta da meia noite ouvira um baque: toda a família foi ver o que acontecera. Era um canteiro que havia caído sobre o chiqueiro do porco e foi preciso abater o animal imediatamente, pois o porco tinha ficado bastante ferido. O companheiro foi logo repetindo os comentários que este havia feito no dia anterior sobre a chuva que não daria nem para o seu porco beber. Aquele senhor implorou que, pelo amor de Deus, não relembresse mais aquelas palavras que ele havia dito sobre a chuva e jurou, de joelhos, que nunca mais havia de duvidar dos milagres de Deus.

---

<sup>42</sup> Sagüi, pequeno macaco da família dos hapalídeos, que aparenta um tufo branco nas orelhas. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, 11ª edição. Rio de Janeiro-1982.

Após toda essa prosa a respeito do texto bíblico e da interpretação feita pelo senhor Antonio Mestre formou-se uma mesa com os profetas e profetisas. De início pareciam meio tímidos com a presença de tanta gente, mas depois começaram a discorrer sobre suas experiências, seus mitos e o prognóstico para o ano de 2009.

### 3.6.2 Prognóstico dos profetas da região para 2009.



#### TOMAS GONÇALVES DE AMARANTE.

Este ano a experiência do primeiro dia do ano deu fraca. Não choveu, mas na véspera foi boa e as experiências de setembro deram que o inverno só iniciará do dia 15 de janeiro em diante, poderá ser cheio de intervalos. Mas só posso afirmar isso após a primeira lua cheia: a de janeiro.

#### JOAQUIM JUNIOR

As mangueiras e os carnaubais deram os seus frutos muito falhados. Alguma coisa pode acontecer.

JOAQUIM SOTERO.

O João de barro fez a casa com a porta para o nascente não é boa experiência. Isto é sinal de que a chuva pode vir do outro lado. Outro sinal ainda, dos 16 pés de buriti<sup>43</sup> tem apenas 4 cachos prontos para serem colhidos e buriti só cai com chuva.

DONA TOINHA MELO

Os pés de côco não seguraram os frutos. O inverno poderá ser desequilibrado.

ANTONIO CARREIRO.

A experiência do mês de setembro deu que o inverno de janeiro só vai iniciar do dia 20 em diante e vai ter uma estiagem em março ou abril.

FRANCISCO LUCIANO DE MELO.

Não posso afirmar nada. Não sei onde se encontra a Estrela D'alva. Eu tive um sonho, mas não posso contar ainda.

ANTONIO PAULINO ( ANTONIO MESTRE)

Em janeiro vai chover para plantar. Janeiro e fevereiro são meses de chuvas falhadas ,de março em diante vai ser bom, vai ser muita chuva.

DONA JOANA ALVES.

O inverno deste ano vai ser judiador.

---

<sup>43</sup>

Palmeira frutífera de até 20 metros de altura de fruto amarelo e gorduroso.

### 3.6.3 Os Profetas da chuva e a juventude.

Foram tomados alguns depoimentos de jovens sobre o encontro com os profetas da chuva da região:

- Carlinhos

Eu já levava em consideração e chegava a admirar aquelas pessoas que têm conhecimento meteorológico com relação às previsões de chuva. Enriqueci mais pessoalmente e as suas experiências fizeram com que eu pudesse entender mais. Quero dizer que é uma tradição. Não se sabe ao certo quando foi iniciada e isso não pode acabar.

- Laisa

O encontro dos profetas foi bom, porque eu ouvi muitas experiências, pois eu não sabia quase nada sobre os sinais da chuva. Os meus pais é quem sabem, mas eu não me ligo muito.

- Luciana

Observei bem e achei de grande importância. Eu sabia alguma coisa. Observei que alguns jovens quando os profetas falavam faziam questionamentos entre si a respeito do que estavam vendo e ouvindo e o que isso significava.

- Genivaldo



Genivaldo é o coordenador da comunidade Tapera. É casado, mas é ainda bem jovem. Participou da primeira conferência dos profetas da chuva e dá o seu depoimento:

Foi uma grande satisfação participar dessa troca de experiência dos profetas aqui do sertão e foi muito bom, pois poderei fazer um paralelo entre as experiências dos profetas e a meteorologia.

Quando a gente presta atenção as experiências dos profetas e acompanha a meteorologia pela televisão se percebe que uma vai de encontro com a outra. O que muda é que se a meteorologia não dá certo ninguém comenta nada e se a experiência não der certo os profetas serão criticados pelo próprio povo da comunidade.

O que achei mais importante foi a participação de muitos jovens que não conheciam as experiências, não sabiam de nada sobre essas experiências de inverno passadas pelos profetas. Quanto às previsões para o próximo ano posso dizer que aprendi muito e espero que um encontro como esse possa ser repetido nos outros anos.

- Fanuel

Fanuel é um jovem, filho de Pedro II, mas atua em Teresina lecionando linguística. Fanuel participou da primeira conferência dos profetas da chuva em Tapera e deu seu depoimento:

É deslumbrante perceber que pessoas que mal tem acesso à informação como televisão ou mesmo rádio, eles conseguem ter informações fidedignas em relação ao tema, ao tempo com base simplesmente em observações empíricas sobre clima, sobre a flora, sobre a fauna. Isso é que é muito rico para a gente. Porque a gente observa que fora do meio acadêmico também existe conhecimento. Existe muita ciência por trás disso. Os senhores narraram diversas experiências. A que eu mais achei significativa foi observar as estrelas como aquele senhor, o Seu Francisco Luciano, que falou a respeito da Estrela D'alva, sobre a posição que ela se encontra. Outra experiência muito interessante foi a do senhor Joaquim que falou a respeito ao João de barro, sobre a posição que fica a casa dele diz mais ou menos de onde vem a chuva. Isso é que é muito rico. Eu, por exemplo, já tinha escutado falar de diversos mitos a respeito da questão da chuva e isso tudo foi na minha infância. Então está aqui agora anos depois é reviver, com certeza, essa experiência gostosa, que é falar sobre o passado, a experiência que os mais idosos tem e passam para a gente. Então para mim, que dou aula de português, foi um encontro acima de tudo literário, porque a gente está ouvindo como os mais velhos guardam esse saber antigo, esse saber tão gostoso e que para nós, especialmente para

mim que já estou quase com 30 (trinta) anos, é uma coisa muito significativa, porque mostra que essas pessoas têm o maior prazer em passar seus conhecimentos para as pessoas mais novas. Então para mim, enquanto professor, enquanto ser humano, eu só tenho a agradecer, esse encontro marcante é uma coisa brilhante! Espero que tenham outros encontros como esse.

Indagado sobre sua visão acadêmica, e em relação com o Instituto de Meteorologia do Piauí (IMPI), Fanuel responde como é tentar comparar essas duas situações?

É interessante se observar que, apesar de toda a tecnologia que existe hoje, com base em dados, em estatística, com base no uso de radares e de todos esses sistemas avançados é interessante notar que o ser humano sempre observou a natureza. E esse conhecimento da natureza, com base na observação, sempre foi passado de geração em geração. Então, para mim, o que é de mais rico hoje é perceber como esse conhecimento foi sendo passado até aqui. O mais importante ainda é que a gente observa como essas pessoas têm uma raiz cultural muito forte com essa terra que é tão castigada pelo sol e pela seca. Eles conseguem realmente, através de um trabalho de memória e de cultura, repassar esses dados através dos avós, esses homens e mulheres. A gente viu que todas estas pessoas que estavam aí sendo ouvidas, esses chamados profetas da chuva, já são pessoas que têm uma certa idade, são pessoas que tem muito a dizer e isso é que é interessante. Com base em toda essa observação de mundo deles conseguem dizer com precisão tudo que os radares, tudo que os aparelhos meteorológicos dizem. Acho que é isso que a universidade deve absolver mais. Esse conhecimento de mundo, esse conhecimento que eu diria que está além da tecnologia, porque é um conhecimento vivo. É um conhecimento que as próprias pessoas deste lugar carregam.

### **3.7 Um conhecimento vivo**

É importante ressaltar o estímulo dos jovens citados acima a respeito da experiência vivenciada e passada pelos profetas e profetisas da região de Tapera/Boa Esperança. É de fato uma experiência marcante e tocante ouvir a voz de alguém que apresenta o conhecimento através da experiência adquirida pelos sentidos. Alguém que fala da sabedoria dos anos e da relação com a vida de todos os seres da terra, dos astros e dos céus. Fanuel enaltece o conhecimento dos profetas como conhecimento vivo e estende seu discurso como uma

profecia comprovada a respeito dos saberes que não se perdem, por mais que a sociedade se envolva com a mitologia moderna. “*Esse conhecimento da natureza, com base na observação sempre foi passado de geração em geração. Então para mim o que é de mais rico hoje é perceber como esse conhecimento foi sendo passado até aqui.* Esses comentários vão de encontro aos relatos amauticos<sup>44</sup> (CHAMALU.p. 24) “Só os sábios reconhecem seus erros; só os sábios compreendem que a aprendizagem é uma viagem que não termina nunca, viver é aprender. Quem acredita que já sabe tudo realmente não sabe de nada.”

Apesar de dúvidas apresentadas pelos jovens a respeito do mito da chuva, dá para afirmar que a aprendizagem é uma viagem e que os jovens, mais cedo ou mais tarde, voltarão seus interesses procurando entender a sabedoria dos seus ancestrais. Carlinhos, mesmo aparentando confuso, em alguns momentos de seu depoimento, compara o conhecimento dos mais idosos com uma pirâmide que vai passando de pais para filhos. Pode ser útil estudar, disse o Amauta, mas de nada servirá isso se não aprender a viver. Fica evidente que todos os jovens irão, mesmo envolvidos com os mitos da modernidade, prestar mais atenção e vivenciar o mito da chuva.

Faço evidência às palavras de Fanuel: “*O mais importante ainda é que a gente observa como essas pessoas têm uma raiz cultural muito forte com essa terra que é tão castigada pelo sol e pela seca.*” Espelhada nessa raiz cultural forte e viva no meio dos sábios profetas faço uma pausa a este texto científico, que enfatizou em todo o seu conteúdo o valor dos elementos culturais e a revitalização do mito da chuva. Deixo como reflexão em memórias as significantes palavras e relato dos profetas da chuva, as sábias palavras do chefe Seattle ao presidente Norte americano em 1854 respondendo à carta proposta de comprar suas terras: “*Nós somos partes da terra e assim mesmo ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o veado, o cavalo, a grande águia, estes são nossos irmãos. As escarpas penas, os úmidos prados, o calor do corpo do cavalo e do ser humano, todos pertencem à mesma família.*” Com esta reflexão, não deixem que se apague de nossa memória a cultura e os saberes repassados por nossos pais.

---

<sup>44</sup>

CHAMALU , Relatos Amauticos. Editora Obelisco Espanha, 1993

## CONCLUSÃO

Para concluir esta reflexão é necessário enfatizar mais uma vez que no sertão nordestino o ser humano representa, através de suas características, a soma de tudo o que faz parte do clima desta região. Primeiro pela sua competência em resistir a todas as privacidades, desde a perseguição dos inimigos comuns, a invasão avassaladora dos colonizadores que além de se apossarem das terras, impuseram a sua cultura e os seus valores, aproveitando-se da força e da valentia dos guerreiros tapuios, Kariris e outros povos que aqui habitavam. Outro fator ainda nesta questão é o descaso e aproveitamento político dos que foram dando seguimento à colonização, que além de se apropriarem da cultura de retribuição dessa gente ainda lhes tiraram a terra, a água e o pão e desrespeitaram e continuam desrespeitando a sua dignidade e cidadania. Segundo, pela força mística, pois fazem do mistério uma revelação para suportar a dureza da vida.

Foi neste contexto que foram se originando os rastreadores da chuva que no bojo de uma religião, ou de diversas credences foram buscando nos deuses, divindades, em todas as forças do cosmo e na biodiversidade elementos experienciais para designar o lado supra cultural, social e comunitário com os quais se identificam até hoje. Foi assim que os professantes desta resistência fizeram da chuva um mito como um dos elementos que inspira as mais diversas lições de vida nesta região, pois o mito da chuva, imbuído dos mais diversos sinais simbólicos e de rituais, perpassa por todos os mistérios de quem resiste ao sertão. A previsão ou diagnóstico das experiências dos profetas é uma questão de existência, desprendimento de si e o que faz captar esse conhecimento é a sensibilidade e a disponibilidade de passarem dias e noites em relação com os mistérios do cosmo e da terra. Como disse Chico Leiteiro: *Ver é uma coisa, conhecer é outra.* Neste caso, o livro aberto para entender o mistério da profecia é o próprio corpo do profeta que, com o seu jeito, seu testemunho e sua simplicidade, vai passando seus conhecimentos adiante.

É de fundamental importância preservar a autonomia da cultura destes homens e mulheres do sertão que, no meio de tantos mitos modernos, ainda têm a coragem de desafiar a meteorologia e atrair a atenção de uma boa parcela de gente jovem.



O sentido que leva uma pessoa a se deleitar no âmago de uma temática como esta é a busca precisa de se ter um conhecimento da realidade para poder assim teorizar os fatos, interpretá-los para ver como esses conhecimentos teóricos incidem para uma transformação no semiárido nordestino. Respeitar a sabedoria dos profetas sim, mas é preciso teorizar as causas que levaram, e ainda continuam levando, um povo à falência; descobrir, ou fazer presente as formas de saídas para as diversas situações apresentadas neste texto é uma questão de unificar a prática dos conhecimentos dos profetas, movidos pelos movimentos do mito da chuva com os conhecimentos gerados pela lógica de uma realidade cruel que tem causado todo o drama de morte tida como consequência a seca, mas por trás tem outro sinônimo: a exploração.

A propósito é necessário relacionar os sentimentos de quem vive no sertão com as teorias do atraso que lhes restou como herança, pois no dizer de Marx, é a teoria que permite a um povo libertar-se dos dominadores. É necessário fazer teoria destes saberes apresentados com o propósito de libertar a vida deste povo de toda forma de dominação.

## BIBLIOGRAFIA DA TESE

- ANJOS, Adeodata. Gerenciamento dos Recursos Hídricos, Aliança com a mãe natureza. Contexto gráfica e editora, São Leopoldo. São Leopoldo – RS, 2007
- ACSELRAD, Marcio in: Profetas da Chuva, p.121. 2006
- BARÃO, do Capanema, in: Os Sertões, pp. 46-47
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edições Paulinas, São Paulo. 1985
- BEZERRA, JR, in: Os profetas da Chuva, p. 126.
- BOFF, Leonardo, Saber Cuidar. Ética do Humano – Compaixão pela terra.10ª Edição. Editora Vozes, 1999.
- BITENCOURT, Reginaldo “Os cem anos de memória de Canudos” *Almanaque de Canudos*. 1997
- CUETO, Juan, Mitologia da modernidade. Salvat Editora S.A. Barcelona. 1982
- CARREIRO, da Cunha, in: História dos Índios no Brasil, p. 442
- CHAMALU, Relatos Amauticos. Editora obelisco, Espanha. 1993
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT) “ 12ª Romaria da Terra” *Povos do Ceará, retomando suas terras para viver, produzir e celebrar*. 2005.
- COMBLIN, José. Introdução Espirituais do Padre Ibiapina.1984
- CLÁUDIO Lévi-Strauss, Mito e significado. Alianza Editorial, Madrid. 1978
- CLÁUDIO Lévi-Strauss, O Estruturalismo Francês, (1898). Segundo Bohannan e Glaser (1993)
- CUNHA, Carneiro Manuel (Org) História dos Índios no Brasil. Companhia das Letras. 1984
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões.21ª Ed. – rio de janeiro: Ediouro. 2000
- CLARET, Martin, O Poder do Mito. Coleção o Poder do Poder- Editora Martin Claret Ltda, São Paulo.
- Coleção Debates, mircea eliade – Mito e Realidade, Editora perspectiva S.A. São Paulo. 2000
- Caldeirão. Coleção HOMENS E MULHERES DO NORDESTE. Série OS RELIGIOSOS - 2
- Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, 11ª. Rio de Janeiro. 1982

- DAWBOR, Ladislau, IANNI Octavio, PAULO-Edigar A. Resende (Org), Desafios da Globalização, Editora Vozes, Petrópolis. 1998.
- “Declaração do Semi-Árido, Recife. 1999.
- FILHO, Medeiro – in: História dos Índios no Brasil.
- GUERRERO, Patrício.In: Antropologia Simbólica. Desenho e Diagramação: Centro de Edições da Faculdade de CC.HH.2002
- GRAY, John, Biblioteca dos Grandes Mitos e lendas Universais. Próximo oriente. Editora Verbo, Lisboa/São Paulo. 1982
- GIL, Francisco Castelo Branco. Ataliba o Vaqueiro. 8ª edição. Corisco. 2004
- IBIAPINAS, Fontes. Vida Gemida em Sambambaia. 2ª edições. Corisco. 1998S
- JORNAL O ROCEIRO, Boletim de informação da Diocese de Crateús – Ceará. Março/ Abril de 2005. p.6
- JORTEIN, Gaarder . O mundo de Sofia. Tradução de João Azenha Jr. Cia das Letras, São Paulo. 1998
- JORNAL MUNDO JOVEM, *Violência do Trânsito, ano 46, nº 392, novembro de 2008*
- LACHNITT, Georg, Estudando o Símbolo. Missão Salesiana de Mato Grosso. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. 2004
- LACHNITT, Georg, Cultura , Religião e Mito Missão Salesiana de Mato Grosso. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.2005
- MOACIR, José, “Instituto Popular de Canudos” *Canudos, uma história de luta e resistência.* 1997
- MOACIR, José “ Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada” *A Busca da Água no Sertão – Convivendo com o Semi-árido.* 4ª Ed. 2001
- MALVEZZI,Roberto. Semi-Árido, Uma Visão Holística, Editorial Imprinta. Expresso Gráfica e Editora LTDA. 2007
- MESTERS, Carlos e OROFINO Francisco, A Terra é nossa Mãe. 2007
- MARTINS, Cleton, In: Os Profetas da Chuva, p. 156
- Módulo de Estudo Semiótica – Elaborado por Bolivar E. Chiriboga S. Centro de Edições da Faculdade de CC.HH. 2001
- PATRICIA, Karla. Profetas da Chuva. Editora Tempo d’ imagem. Fortaleza.2006
- PEROWNE, Stewart. Biblioteca dos Grandes Mitos e lendas Universais. Roma. Editora Verbos Lisboa/São Paulo. 1983

PESSOAS, Dirceu Murilo e VASCONCELOS, Clovis. Caráter e Efeitos da seca Nordeste de 1970, Fortaleza – Ceará. 2002

POLLETO, Ivo. Água de Chuva, o Segredo de Convivência com o Semi-Árido Brasileiro. São Paulo, Paulinas. 2001

RODRIGOS, Carlos Brandão. Fronteiras da Fé. Alguns Sintomas de Sentido, Crenças e Religião no Brasil de Hoje. Estudos Avançados 18 (52). 2004

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. A Formação e o Sentido do Brasil. São Paulo, Editora SCHAWARCZ

ROSALDO, Renato, Cultura e Verdade. A reconstrução da análise social. Edições AbyaYala . 2000

SCHISTEK, Aroldo. A Convivência com o Semi-Árido. São Paulo. 2003

VICENTE, Zé, Tempos Urgentes – poemas. Paulinas. 2000

V . Pereira, José. Antropologia Ecológica. Deseño e diagramação: Centro de Edições da Faculdade de CC.HH. 2001

VERALUCIA G. de Matos Maia – José Lourenço. O beato camponês da comunidade

## ANEXOS

## Características do sertão de Pedro II

Visão da comunidade Tapera



Paisagem da região



Encontro dos profetas 2009

## FOTOS DO II ENCONTRO DOS PROFETAS DA CHUVA EM PEDRO II



Abertura do encontro



Homenagem póstuma a D. Joana Alves



Participação Popular



Participação do Meteorologista Mainar Medeiros e radialistas



### São Raimundo

O prefeito padre Herculano de Negreiros vai enviar para a Câmara de Vereadores um projeto de lei de reforma administrativa que vai dar mais poder e autonomia à Secretaria Municipal de Turismo

# Herculano dará ênfase ao turismo

**DJALMA BATISTA**  
COORDENADOR DO PIAUÍ

O turismo e a arqueologia vão ganhar maior destaque na atual gestão de São Raimundo Nonato, município a 570 quilômetros de Teresina, e que foi batizado em homenagem ao homem americano. Para isso, o prefeito padre José Herculano de Negreiros vai enviar à Câmara de Vereadores um projeto de lei de reforma administrativa que dará maior autonomia à Secretaria Municipal de Turismo. Ele pretende ainda implantar nas escolas municipais o ensino de turismo e arqueologia.

### Educação

**O prefeito padre Herculano de Negreiros pretende implantar nas escolas municipais ensino sobre turismo e arqueologia**

Para enfatizar a importância do turismo arqueológico para São Raimundo Nonato, o prefeito nomeou como secretário da pasta a assessora de comunicação da Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm), a jornalista Érica Targina. Ela já tem duas grandes missões, que são as de organizar a secretaria e de ajudar a preparar a cidade para receber delegações de vários países que vão participar do Congresso Internacional de Arqueologia, no período de 29 de junho a 5 de julho deste ano.

Segundo Padre Herculano, a prefeitura definiu como



**EQUIPE** | Herculano Negreiros com a secretária de Turismo, Érica Targina, e com demais assessores

meta aproveitar, ao máximo, o potencial turístico de São Raimundo para promover o desenvolvimento econômico e social da região. Com isso, 11 municípios piauienses e, pelo menos, 3 do Estado da Bahia serão beneficiados diretamente com essa política por terem vestígios arqueológicos. "O município tem um potencial extraordinário na área do turismo e isso vamos aproveitar para que haja uma melhoria significativa nas condições de vida da população", falou Herculano.

As principais condições para isso são propícias e co-

locam São Raimundo numa posição de destaque no cenário nacional, que são o Museu do Homem Americano, a excelente infraestrutura de visitação ao Parque da Serra da Capivara e o funcionamento do Campus da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Este campus, segundo Herculano, é o único do Brasil com Mestrado e Doutorado em Arqueologia.

O prefeito disse que o reitor da UNIVASF, José Weber Freire Macado, vai implantar mais um curso superior que será voltado para a qualifica-

ção de professores das escolas públicas municipais e estaduais da região. O curso será aberto com a realização de um vestibular que ainda não tem data para acontecer.

"Será um curso de qualificação que considero importante e que vai beneficiar um contingente muito grande de interessados em 11 municípios do Piauí e alguns do Estado da Bahia. Para selecionar os alunos do novo curso, a Univasf vai realizar um vestibular que será divulgado quando tudo estiver definido", explicou o prefeito de São Raimundo.

## Cidade será sede de evento internacional

O prefeito de São Raimundo Nonato, padre José Herculano de Negreiros, disse que o Congresso Internacional de Arqueologia, que será realizado no período de 29 de junho a 5 de julho na cidade, já conta com o suporte técnico e operacional de 14 secretarias do governo do Estado que, em parceria com a prefeitura e a Fundação Museu do Homem Americano, vão preparar toda a infraestrutura para a realização do evento.

O prefeito falou que o presidente Luís Inácio Lula da Silva e ministros vão participar do congresso, o que exige uma preparação cuidadosa de todos os setores da cidade. "Vai ser, sem dúvida, um evento muito significativo para o Piauí e para o Brasil. Teremos mais de 1000 congressistas em São Raimundo. O presidente Lula e ministros vão estar presentes na cidade e isso aumenta a nossa

responsabilidade. Então, vamos fazer todos os serviços emergenciais, para que a cidade possa receber bem as autoridades, os congressistas e turistas. Contando com o apoio do governo do Estado e com a parceria da FUMDHAM, teremos um grande evento", explicou.

Padre Herculano falou que o primeiro escalão da Prefeitura de São Raimundo Nonato tem hoje 7 secretarias e, com a reforma administrativa, este número vai subir para 9. Segundo ele, duas secretarias, a de Infraestrutura e de Obras, ainda não têm secretários por causa de fatores políticos envolvendo a base de apoio que o elegeu nas últimas eleições.

Ele disse que está encontrando dificuldades pelo fato de ser encerrado a administração "maltratada". "Por isso, estamos fazendo muito esforço para resolver o que está atrapalhado e para conseguir avançar", acrescentou Herculano. (D.B.)

## Escassez de chuva já preocupa

Segundo Neto Santos, do Centro de Formação Manacaru, a falta de chuva de médio porte em Floriano tem sido motivo de muita preocupação para os agricultores locais, já que as primeiras chuvas em cultivos os costumam cair na região do município no mês de dezembro.

Segundo o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores (SIT) Rurais de Pedro II, Cícero Viana, o momento já é de preocupação, porque a ausência de chuva em dezembro agravou em pelo menos 30% o plantio de mandioca que ocorre durante as primeiras chuvas de dezembro, segundo ele, pra plantar em janeiro complicaria o rendimento de produção da mandioca.

Cícero Viana falou ainda que nos dias 13 e 14 deste mês de janeiro a Contag e Fsttag vão reunir trabalhadores dos polos de Campo Maior, Piripiri e Parnaíba para elaborarem as ações para os próximos quatro anos, e a não regularidade do inverno deve ser uma das pautas do Encontro que acontece na cidade de Piripiri.

O sindicalista falou que os demais planos, como de arroz, milho e feijão ainda não estão comprometidos porque este ano acontecerá durante todo o mês de janeiro. Segundo ele, o que ainda tem preocupado os trabalhadores é a expectativa de chuvas que deve acontecer só depois do dia 15 de janeiro. Outra situação que preocupa é que esta região costuma ser de um inverno bom e de outro fraco.

Como o de 2008 foi acima da média, se tem o ciente de ar vir com chuvas mais fracas e bastante irregulares, previsão inclusive confirmada pelos profetas da chuva em suas leituras nos sinais da Natureza. Mas como costuma fazer o sertanejo que muito crê em Deus: "Quando Deus quer ninguém empata". (D.B.)

## Rápidas

### Servidores são recadastrados

**1** Todos os servidores efetivos do município de Floriano estão sendo convocados para fazer um recadastramento. A medida foi determinada na Portaria 2608/08, de 31 de dezembro de 2008, que exonou todos os servidores ocupantes de cargos em comissão e rescindiu todos os contratos de prestação de serviços em vigência até o último dia do ano de 2008. O recadastramento funcional será feito no prazo de 05 a 13 de janeiro deste ano.

### 100 mil alunos serão matriculados

**2** O governo do Piauí, através do decreto Estadual de Educação e Cultura, pretende dobrar, de 50 mil para 100 mil, o número de matriculados no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em 2009. A meta é para ser alcançada, de acordo com a direção da Unidade do JAP no Piauí, Conceição Andrade, até o dia 16 de janeiro deste ano. Para a realização dos trabalhos nos municípios, foram armados benches para fazer o cadastro dos interessados e orientações sobre o local de estudo que será o mais próximo possível de sua residência.

### Região é tema de debates

**3** Aconteceu em Campo Maior e Encontro de Valorização da Educação. O secretário de Educação, Antônio José Mecceloni, participou, juntamente com a gerente regional, professora Lucimária Barros, técnicos e supervisores, prefeitos e secretários municipais de Educação da região de Campo Maior. Foram discutidas temas como a política de educação dos municípios para 2009, a qualidade de ensino, programas de Educação e parceria entre Estado e municípios. A região de Campo Maior reúne 12 municípios sob a coordenação de São GREGÓRIO.

### Debates

## Profetas das Chuvas se reúnem em Pedro II

Foi realizado na comunidade Tapera dos Vals, em Pedro II, o Encontro dos Profetas das Chuvas que é o primeiro da região Norte do Estado e não deve ser o único já que a segunda edição começou a ser planejada para o primeiro sábado de janeiro de 2010. A ideia é que o evento envolvesse todas as regiões do município, que também faz parte do sertão-piauí.

Programado e realizado pela estuante de Antropologia Adeodato dos Anjos, o encontro das pessoas que acompanham os sinais da natureza conhecidos no sertão nordestino, como rastreadores ou profetas da chuva, foi considerado um sucesso. Por causa da participação e das questões levantadas pelos.

O objetivo do evento foi reunir comunicados, e, de modo especial, os jovens que estão se envolvendo com a mitologia moderna, TV e internet) e se distanciando dos mitos sacrados, como fazer a leitura dos sinais da natureza, por exemplo, perdendo a oportunidade de ouvir, aprender e praticar as muitas experiências destas pessoas consideradas sábias por muitos admiradores do assunto nas comunidades rurais.

"Prever chuvas neste contexto é sempre polêmico, mas os profetas apresentam os seus sinais de experiência com muito cuidado e encanto, pois são pessoas temidas a Deus. As experiências são apenas uma questão de fé. O tempo parece baixar e a gente escuta um ba zzzzz no ar", relata Joana da Melo, uma sábia senhora de 88 anos, que uma mestre em escutar a natureza. Adeodato dos Anjos fala tom



**PROFETA** | Joana Melo, de 88 anos, observa sinais da natureza sobre chuvas, e ao ano encontro em Pedro II

bém que um dado preocupante é o fato destas rastreadores(as) serem, em sua maioria, pessoas acima de 50 anos, o que evidencia um desinteresse das mais jovens. "Se a juventude não tiver interesse, a ciência do estudo da linguagem da Natureza pode apagar com o tempo, gerando um corte

profundo em nossas raízes. E o que é um povo sem suas raízes?", questiona a estudante de Antropologia. Já conhecido e com ampla cobertura pela Imprensa, o Encontro dos Profetas das Chuvas mais famoso é o que acontece na cidade de Quixadá, no Ceará, sempre no segundo sábado do mês de janeiro. Outros eventos

deste porte também têm acontecido em Pernambuco e em Oeiras, região Sul do Piauí.

A estudante Adeodato dos Anjos tem incluído também nestes estudos um outro fato curioso que pouco se tem conhecimento do real motivo. Durante uma chuva, e isso parece ser mais forte no Nordeste do Brasil, as pessoas não saem de casa, há quem goste de ouvir a chuva deitada, evitam até realizar eventos. A resposta mais comum é por medo.

Mas segundo Adeodato dos Anjos, isso requer uma reflexão bem mais profunda. Este medo pode estar ligado ao mito da chuva, uma atitude interior ainda não conhecida, ou a ligação aos elementos da natureza, como o relâmpago e o trovão, considerados ani-gas duzes da natureza pelos nossos ancestrais. (D.B.)





### **Estudiosa diz que flor é sinal de chuva no sertão**

12/12/2007 17:34:51



Membro do Centro de Formação Mandacaru, Adeodata Maria dos Anjos, revela com exclusividade ao 180graus, que a flor do jasmim - um arbusto das oleáceas de flores alvas - pode ser um sinal evidente de chuva no sertão. Dedicada aos estudos bíblicos e climáticos e antropológico, ela diz que não há dúvidas para esta experiência. "Desta planta, nasce uma flor, que geralmente é um sinal da chegada de chuva. Quando a flor aparece podemos esperar chuva. É sinal de água. Nesta planta, as flores há dias dão sinais que vão desabrochar", disse. A chuva desta madrugada chegou a 35 milímetros.

| [Comentários](#) [Comentar esta matéria](#)

### **Flor do cacto é um sinal de chuva**

12/12/2007 17:25:37



A bela flor do cacto, que aparece somente no período da noite, segundo Adeodata dos Anjos, é um sinal de chuva, praticamente inquestionável. "Quando essa flor desabrocha é um sinal legítimo de chuva. Já foi comprovado pelos mais antigos, e atualmente, presenciei aqui no quintal de minha casa. Está aí pra quem quiser comprovar. Não significa, necessariamente, que seja a chegada definitiva do inverno, mas é sinal de chuva", afirma. Uma das coordenadoras do Centro de Estudos Bíblicos, Adeodata é apaixonada pelos estudos culturais da natureza, mas prima pelos dados oficiais.

Fonte: [www.180graus.com/pedroii](http://www.180graus.com/pedroii)

QUANTIDADE DE CHUVA: COMUNIDADE BOA ESPERANÇA												
	jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1	15			41	6							
2					8							
3												
4				10								
5												
6												
7					9							
8				10								
9		22		15								
10				8								
11				13								
12			25	6								
13												
14												
15												
16												
17												
18												
19	27											
20												
21												
22												
23			6									
24												
25			20									
26	80											
27	10											
28			17									
29												
30				18								
31												
Total	132	22	68	121	23	0	0	0	0	0	0	0

<b>QUANTIDADE DE CHUVA: PEDRO II – PI</b>												
	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Outubro		18	18				2					23
Novembro		113	14	5		13	31					
Dezembro		132	20	32	16	11	94	93		73	11	34
Janeiro	339	192	162	456	142	599	128	41	77	133	143	85
Fevereiro	186	217	317	29	232	314	155	201	493	212	250	105
Março	266	154	179	204	261	101	227	264	151	448	336	222
Abril	110	202	194	243	124	104	100	288	176	420	550	111
Maio	99	4	56	73	63	49	31	109	7	86	365	
Junho	21		7	2	12	31		14	18		37	
Julho						8						
Agosto						16						
Setembro												
<b>TOTAL DE CHUVA POR ANO</b>	<b>1021</b>	<b>1032</b>	<b>967</b>	<b>1044</b>	<b>850</b>	<b>1246</b>	<b>768</b>	<b>1010</b>	<b>922</b>	<b>1372</b>	<b>1692</b>	<b>580</b>

Índice pluviométrico da região serrana do município

Fonte: Centro de Formação Mandacaru de Pedro II

